

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
BND. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

de CARLOS FERRÃO

DEPOIS DAS ELEIÇÕES

Apurados os resultados das eleições francesas, é altura de sobre estas fazer alguns comentários pertinentes. Em França não estamos em vésperas de modificações sensacionais, mas algo mudou e a mudança prólogo de relevantes acontecimentos. O regresso do general de Gaulle ao Poder, vai para nove anos, inaugurou um período da história daquele país no qual a sua figura avultou dominando o cenário da política interna. A sua acção fez-se sentir também na vida internacional, que seria diferente sem as suas iniciativas. A República, englobando nesta expressão a tradição e as instituições que a distinguem, sobreviveu ao golpe de 13 de Maio de 1958. A tradição continuou; as instituições sofreram profunda transformação. A V República distingue-se das suas antecessoras imediatas, a III e a IV. Nela os poderes e o estilo do chefe do Estado são a nota saliente e pode, com propriedade, falar-se de poder pessoal e presidencialismo, pois a pessoa do presidente condiciona a marcha da política e a função presidencial supera as decisões do Parlamento, eleito por sufrágio directo.

Até 12 do corrente era difícil distinguir entre V República e degaullismo. Depois daquela data, a tendência manifestada na eleição presidencial de Dezembro de 1965 acentuou-se. O propósito de consolidar a primeira reflectir-se-á na dispersão do segundo. Apesar da sua formação e preferências, de Gaulle vê na República o bloco de que falava Clemenceau. Com o seu instinto político compreende que a herança acumulada desde a Revolução, se não contesta ou repudia sem risco de guerra civil. O seu pensamento nada tem com as intenções dos que o alçaram nos escudos em Argel para sofrerem uma profunda desilusão. Ao separar-se deles, acabando por afastá-los, prestou à França um serviço que se inscreve entre os maiores da sua carreira fora de série.

Vinte mortos e 400 desaparecidos na cidade brasileira de Caraguatatuba

SAO PAULO, 20 — (R.). — Foram dadas oficialmente como mortas na noite passa-

da, 20 pessoas, após uma tempestade tropical assolar

(Continua na última página)



O presidente Johnson (à direita), á sua chegada, hoje, a Guam, no Pacífico, é saudado efusivamente por uma multidão que o aguardava. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

Começou a conferência de Guam

Os dirigentes sul-vietnamianos tentarão obter de Johnson a intensificação da guerra

GUAM, 20. — (A. N. I., F. P. e R.). — O presidente Johnson chegou hoje a esta ilha para travar conversações sobre a guerra no Vietnam com funcionários americanos e sul-vietnamianos e afirmou que tentaria calcular as possibilidades de uma solução honrosa do conflito.

Menos de meia hora depois da chegada do avião presidencial, o chefe de Estado do Vietnam do Sul,

tenente-general Nguyen Van Thieu e o primeiro-ministro Nguyen Cao Ky chegaram, por via aérea, de Saigão.

O presidente Johnson afirmou ainda que a ilha de Guam tinha sido escolhida para a reunião, não só por conveniências de guerra mas também pelo «significado histórico» de que a ilha se reveste, por ter sido conquistada ao Japão durante a segunda guerra mundial pelos exércitos americanos. Enquanto Johnson falava, informadores militares em Saigão anun-

ciavam que os guerrilheiros do Vietcong tinham lançado ataques

(Continua na 15.ª página)

A necessidade de intervenção da banca privada no desenvolvimento ultramarino

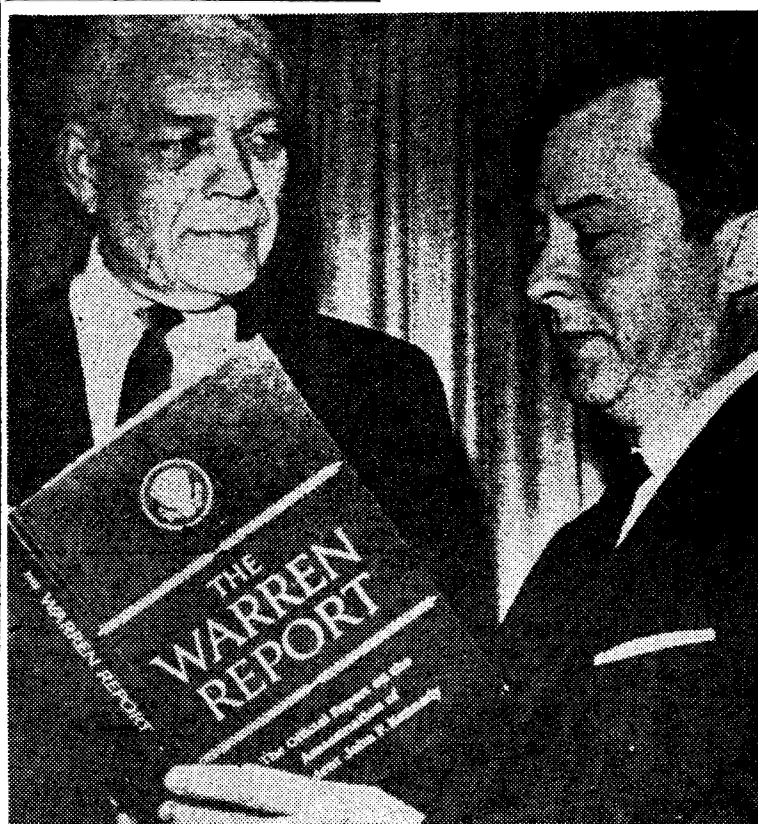
acentuada pelo dr. Miguel Quina na assembleia geral do Banco de Crédito Comercial e Industrial

Os problemas principais que actualmente enfrentam as actividades económicas e financeiras de Angola e Moçambique foram hoje focados na assembleia geral do Banco de Crédito Comercial e Industrial, convocada para se reunir esta tarde na delegação administrativa que aquela instituição bancária mantém em Lisboa.

Preside aos trabalhos o sr. António Cyrne do Casal Ribeiro de Carvalho, constando do aviso convocatório a apreciação e votação do relatório e contas relativos ao exer-

(Continua na 14.ª página)

VISADO PELA CENSURA



Clay Shaw (à esquerda) e o seu advogado, Eduard Wagman, consultam o relatório Warren, antes da decisão do tribunal que se pronunciou pelo julgamento do importante comerciante de Nova Orleans por conspiração contra a vida do presidente Kennedy

Dois mortos em tumultos na Somália francesa

entre defensores e adversários da independência do território

PARIS, 20 — (F. P. e R.). — Morreram hoje, pelo menos duas pessoas em Djibouti, quando a Polícia utilizou gás lacrimogénico contra manifestantes que protestavam contra o resultado do referendo de ontem na Somália francesa, que se revelou favorável à continuação da associação com a França.

Notícias de Djibouti dizem que os manifestantes, entre os quais muitas mulheres, estabeleceram bar-

(Continua na 15.ª página)

Faleceu hoje Fidelino de Figueiredo notável ensaísta e escritor



FIDELINO DE FIGUEIREDO

Homem de letras de uma actividade constante, Fidelino de Figueiredo findou, esta manhã, a sua car-

(Continua na página seguinte)

Clay Shaw pensa mudar-se para a capital britânica

LONDRES, 20. — (A. N. I.). — Clay Shaw pensa mudar-se para Londres, no próximo mês — afirma o «Daily Mail», que entrevistou Olwen Harris, sobrinha de «Lord» Oranmore. Olwen afirmou que Shaw tem muitos amigos em Inglaterra, um deles deputado.

O JULGAMENTO COMEÇARÁ DENTRO DE ALGUNS MESES

NOVA ORLEANS (Louisiana), 20. — (A. N. I.). — «Clay Shaw foi hospitalizado para se submeter a um exame geral, como acontece todos os anos, nesta altura» — declarou o seu médico particular, dr. Martin Palmer, acrescentando que, além disso, será tratado de uma dor nas costas que tem desde que fez o serviço militar.

Esta hospitalização não deve afectar em nada a acção judicial contra Shaw.

O próximo passo do processo de Clay Shaw será ou uma declaração

(Continua na 15.ª página)

32 PÁGINAS

HOJE

DESPORTOS

ALUNAS DE ENFERMAGEM

As alunas finalistas do 13.º Curso da Escola de Enfermagem de S. João de Deus, anexa ao hospital regional de Évora, tiveram, ontem, a sua festa, e os novos enfermeiros viram em torno deles os nomes gradados da cidade, nas diversas cerimónias em que ficou assinalado o findar desse curso. De manhã, missa na igreja da Misericórdia, celebrada pelo arcebispo; ao cair da tarde, sessão solene, no salão principal da sede dos bombeiros. Presidiu o sr. José Félix de Mira, governador civil. Depois da entrada na sala das alunas finalistas do 13.º curso e das que vão agora frequentar o 14.º, usaram de palavra os srs. Manuel Barahona, dr. Cruzes Fernandes e a monitora-chefe. Seguiu-se a entrega, pelas entidades presentes, de diplomas, prémios, imbranças e insignias, aos alunos finalistas, no total de 25 senhoras e um homem. Depois, em ambiente de grande solenidade, realizou-se o juramento dos alunos do 14.º curso, de que fazem parte 35 senhoras e 4 homens. A encerrar a sessão discursou o chefe do distrito, que se congratulou com a eficiência da escola, fez uma exortação aos alunos que terminaram o curso e aconselhou os novos a seguirem o seu exemplo. A terminar, o governador civil afirmou ter confiança na juventude portuguesa, pelo valor de que tem dado mostras.

MÉDICOS CATÓLICOS

Na Casa dos Retiros de S. Mamede realizou-se uma reunião de convívio dos médicos católicos promovida pela Associação dos Médicos Católicos Portugueses, que esteve muito concorrida, à qual assistiram, também, muitas senhoras, esposas dos referidos médicos, e alguns estudantes de Medicina. A reunião principiou por uma palestra do rev. dr. José Maria Reis Ribeiro, que dissertou sobre «A Caridade no Exercício da Medicina», terminada a qual se travou largo colóquio, que decorreu com grande elevação e no qual também participaram estudantes.

Seguiu-se a jantar comunitário, terminado o qual o dr. Manuel Halpern fez uma palestra sobre «Medicina e Casamento», tema desenvolvido em dois capítulos: «Principais Problemas Matrimoniais que Surgem ao Médico» e «Acção do Médico». Esta palestra, a que se seguiu larga discussão, teve em vista os Cursos de Preparação para o Matrimónio.

DOMINGO MAGOADO

O domingo soa-lhe convidava a um passeio. A família do sr. António Cardoso Nunes, de Agualva, Cacém, foi a Brejos de Azeitão visitar uns parentes. O dia correu

apenas, nascera no lugar do Montinho, freguesia da Pocariça. Ali brincava com outra da sua idade, na altura em que a pata do boi a desfolhou para sempre.

Estas, ao atravessarem a estrada, foram colhidas por um automóvel, que as deixou muito maltratadas. Ambas vieram para o Hospital de S. José.



Um pequeno grupo de visitantes no terminal de gás Mobil, em Beiroas, ouvindo explicações de Luis Perestrelo, superintendente das instalações da Mobil do sul do continente

VISITA DE OFICIAIS E INSTRUENDOS DO CICA N.º 1 ÀS INSTALAÇÕES DA FORD E DA MOBIL PORTUGUESA

Cerca de 100 instruídos do Curso de Oficiais e Sargentos Militares do Centro de Instrução de Condutores Auto N.º 1, do Porto, acompanhados por alguns oficiais e instrutores, realizaram uma série de visitas de estudo a instalações fabris das principais indústrias que contribuem para o fabrico e manutenção de viaturas automóveis.

O grupo, que é chefiado pelo 2.º

VIDA SOCIAL

Participa das suas Ex.ªs Clientes que regressou de Paris e brevemente apresentará a sua colecção.

No refeitório da instalação foi oferecido um almoço aos visitantes.

A morte de Fidelino de Figueiredo

(Continuação da página anterior)

reira de trabalhador do espírito. Durante mais de sessenta anos, ele esteve na primeira fila da crítica literária, da história, do ensaio, da filosofia, do ensino. Rogou, também, pela política, mas, fundamentalmente, ele foi um escritor a que «nada era estranho do que é humano».

Finou-se na sua tebalda do Alvalade, entre as sombras que encobrem a moradia onde decorreu o drama pungente dos seus últimos anos. A doença ia progredindo implacável, tomando-lhe as pernas, paralisando-lhe a língua e deixando-lhe como único meio de expressão — a escrita. Desaparece, antes de esse próprio meio de comunicação lhe ter sido cortado. Teria sido a noite completa. Teve sempre a seu lado o carinho da esposa, que foi a mais desvelada das enfermeiras, e o pensamento nos filhos ausentes, nos netos, dava-lhe asas que o ligavam ao mundo de amanhã — que visiona nalguns dos seus últimos livros.

Fidelino de Figueiredo morreu com 78 anos incompletos e com sessenta e um de vida literária. Estreara-se, ainda aluno do Liceu, com um estudo sobre Garrett. Em 1906, Seguir-se-ia, no mesmo ano, um romance — «Os Amores do Visconde». Sorria quando lhe falavam nesses devaneios dos 15 anos.

A carreira do estudioso e do professor

Fidelino de Sousa Figueiredo, de seu nome completo, nascera em Lisboa, em 20 de Julho de 1889. Correu o mundo inteiro na sua vida de semeador de ideias e agitador de teorias literárias, mas a Lisboa ficou sempre preso, e a Lisboa vinha sempre tomar fôlego e contactar com os amigos, com os discípulos, no intervalo de seus cursos em Universidades de Espanha, do Brasil, dos Estados Unidos.

Os primeiros estudos fê-lo no Liceu do Carmo, quando o reitor era o dr. José Maria Rodrigues, que seria ainda seu professor no Curso Superior de Letras, onde se formaria na secção de Histórico-Geográficas, em 1910.

Já tinham saído livros seus e, nesse mesmo ano, publicava «O Espírito Histórico», o primeiro daqueles que incluíam sempre em todas as suas bibliografias. Seguir-se-ia, em breve, «A Crítica Literária como Ciência».

Em 1911, era nomeado professor do Liceu de Faro, onde ficou durante três anos. Depois, viria para o Liceu de Gil Vicente, ao qual ficaria preso para sempre. Foi a grande época daquele estabelecimento de ensino, instalado no casarão de S. Vicente de Fora. Seus colegas, ali, foram Damião Peres, Newton de Macedo, Leonardo Coimbra e outros. Foi a época a que chamaram a «Universidade do Gil Vicente».

Entretanto, no Ministério da Instrução, desempenhava várias comissões de serviço, e iniciava a publicação daquela «Revista de História», que marcaria lugar à parte, e que se manteve de 1912 a 1928. Entretanto, registavam-se as suas intervenções na política e as suas polémicas político-literárias. Em 1918, com Sidónio Pais, era deputado.

MAIS UM TOTOBOLA PRÓDIGO

Mais um Totobola pródigo: trinta e um «13» e novecentos e setenta e um «12»...

Geograficamente, os totobolistas ficaram assim divididos: Metrópolistas — 24; Angola — 6; e Moçambique — 1.

Os «12» foram assim distribuídos: Metrópole — 777; Angola — 129; e Moçambique — 65.

A cada «13» cabe 84 438\$70, e a cada «12» 269\$570.



Preço de reparação ou
estação de serviço
Dirigido a Av. Marconi
8-A junto a Praça de
Londres. Tel. 77 73 60.

tado e, no mesmo ano, nomeado director da Biblioteca Nacional, lugar que voltaria a desempenhar, em 1927, depois da revolução de 28 de Maio.

Mas o professor saía com os volumes da «História da Literatura Realista» (1914), «História da Literatura Clássica» (1917, 1922 e 1924) e a «História da Literatura Romântica» (1920), e com outros ensaios e história, como «Portugal nas Guerras Europeias» (1914), «Estudos de Literatura», de que haviam de sair 5 volumes. Em 1919, publicava um livro de defesa — «Como dirigi a Biblioteca Nacional» — e iniciava a sua campanha de hispanismo, com as suas lições em universidades espanholas. Entre outros livros que marcaram nessa fase, anotam-se as «Cartas de Menendez y Pelayo a Garcia Perez» (1921) e, mais adiante, em 1932, «As Duas Espanhas», que é das suas obras fundamentais, traduzida em várias línguas. Em 1927, saía na Editorial Labor a «História de la Literatura Portuguesa».

De 1927 a 1930, foi professor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid; mas, em 1929, foi, entretanto, conferencista do Instituto Ibero-Americano de Praga, e daí ficaria um curioso folheto «Inicição Boémia», publicado em 1932.

Em 1931 e 1937, foi professor da Columbia University, de Nova York. Em 1931, também esteve na Universidade Nacional Autónoma do México, e, de 1932 a 1935, prelecionou na Universidade de Santiago de Compostela.

Outros livros tinham marcado o caminho do professor e ensaísta: «Epicurismos» (1924); «Torre de Babel» (1925); «Sob a Cinza do Têdio» (1925); «Revoada Romântica» (1926). E, neste mesmo ano, com nova intervenção sua na política, saíria «O Pensamento Político do Exército».

Mas o professor corria mundo, e, vindo a Lisboa proferir uma série de conferências nos Altos Estudos da Academia das Ciências, logo tomava o caminho dos Estados Unidos, do México, do Brasil. E saíam a «Crítica do Exílio» (1930), «A Épica Portuguesa no Século XVI» (1931), que viria a contar mais duas edições muito ampliadas, já que Fidelino de Figueiredo entrava mais e mais na erudição. Começava, também, por alturas de 30, a sua grande evolução intelectual, que havia de culminar, nos últimos tempos, com livros de uma sensibilidade requintada, de uma prosa clássica e de uma ousadia de pensamento que mal se descortinaria nos primeiros anos deste operário das letras.

Em Portugal não se abria concurso para ele entrar na Faculdade de Letras, para a qual era nomeado Agostinho de Campos, formado em Direito, e, entretanto, as universidades brasileiras tomavam-no, com carácter de permanência, após as universidades e institutos espanhóis. Estes achavam-se dilacerados com a guerra. Vinham, por essa altura «Pyrene» (1935); «O Dever dos Intelectuais» (1935); «Aristarchos» (1939).

Fincava-se em S. Paulo, e lá botaria raízes, porque lá lhe casaria a filha e lá se estabeleceriam os filhos, um deles ido dramaticamente de Portugal. E, na Universidade de S. Paulo, saíam os 12 volumes da série de «Estudos», o «Antero» (1942), novas edições de outros livros anteriores. Lá formava uma escola de investigação e pesquisa intelectual, que está dando seus frutos hoje em dia. Foi o período da guerra mundial. Entre nós saíam: «A luta pela Expressão» (1944), «Cultura Intervalar» (1945). E, em S. Paulo, parecendo prever o drama que o iria tomar, «Um Coleccionador de Angústias» (1951).

Fora eleito sócio da Academia Brasileira de Letras, em 1942. Há muito que o era da Academia das Ciências de Lisboa, a que renunciaria em 1945. O Brasil agradecia-lhe com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Academias, universidades, institutos de vários pontos do mundo, o nomeariam seu sócio.

A sombra que desce

Adoentado, regressava a Portugal em 1951. Uma sombra lhe empanava a vida e os membros emperravam-lhe os movimentos. Andava com dificuldade. E a Medicina olhava-o com pessimismo. Deixou a sua casa da Avenida Duque de Ávila, e também as livrarias perderam a sua presença. Comprou, com as economias de uma vida inteira, uma casinha geminada, na Rua Duarte Lobo, na encosta sobranceira à Avenida do Aeroporto. A sombra das árvores, a música de que sempre fora guloso, o carinho da esposa, as cartas dos filhos, as visitas dos amigos, um que outro olhar muito aberto de admiração de aluno uni-

versitário á procura de elementos e conselhos para a sua tese, jornais e revistas de França, do Brasil... e Fidelino de Figueiredo iniciava o ultimo e terrível período da sua vida de pensador e escritor.

A doença foi progredindo, a princípio, depois paralisou. Mas paralisara-lhe já a língua, e só com grande esforço e ajudado pela esposa-enfermeira, ele se movia para tomar lugar á secretária. Comunicava por bilhetes, por gestos.

Entre livros, recordações, música, continuou a escrever. Dir-se-ia que o sofrimento lhe depurara o estilo, que era mais puro e vibrante do que nunca. E o pensamento avançara muito para além das gentes e do momento presentes. E vieram então, depois do citado «Um Coleccionador de Angústias», o «Música e Pensamento» (1954); o «Medo da História» (1955); «Um Homem na sua Humanidade» (1956); «Diálogo ao Espelho» (1957). Depois, ainda, «Entre Dois Universos», e outro. Há dias, ainda, que as montras dos livros apresentaram «Ideias de Paz». E como que o seu testamento espiritual essa paz. E recebemo-lo, ainda, com a dedicatória amiga, autógrafa, de quem só pela escrita podia comunicar.

Em 1957, recebeu Fidelino de Figueiredo o Prémio «Diário de Notícias», e o Governo, há anos, também lhe dera o grande-efeito de Sant'ago, cujas insignias lhe foram oferecidas pelo Grémio dos Editores e Livrários. E mais honrarias chegavam de academias e universidades estrangeiras para o intelectual que se desprendia, cada vez mais, da terra em que nascera.

O fim

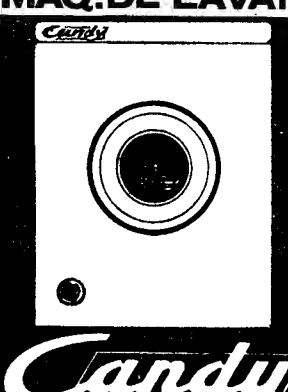
Há meses, o prof. Fidelino de Figueiredo tivera nova e grave crise, recendo-se, então, pelo fim. Parecia tê-la vencido, de novo, nos braços carinhosos da esposa. Mas não passara. Esta manhã, pelas 10 horas, o professor, intelectual, o escritor, expirava, rodeado, ainda, pela esposa, pela filha, pelo médico assistente, dr. Abel das Neves, e por outros familiares.

O prof. Fidelino de Figueiredo era casado com a sr.ª D. Dulce Lobo da Costa Figueiredo, pai da sr.ª D. Helena Dulce Figueiredo Amora, casada com o prof. da Universidade de S. Paulo, dr. António Soares Amora, do eng.º Jorge Fidelino de Figueiredo, casado com D. Lila Galvão de Figueiredo, do dr. Nuno Fidelino de Figueiredo, casado com a sr.ª D. Subseida Lombardi de Figueiredo, e de D. Maria Grasiela Figueiredo Gonçalves, já falecida. Era avô dos meninos Flora Dulce de Figueiredo Amora, Jorge Galvão de Figueiredo, Clarisse Galvão de Figueiredo, Lila Galvão Figueiredo, Eulália Lombardi Figueiredo e Fernando Lombardi de Figueiredo.

O funeral, a cargo da Agência Magnó, sai amanhã, às 10 horas, da Rua Duarte Lobo, 32, para o cemitério do Lumiar.

Por disposição testamentária expressa, o corpo vai para a terra. A família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» sentidas condolências.

MAQ. DE LAVAR



Candy

aproveite a campanha comemorativa da inauguração de



UltraLar

PRAÇA DE LONDRES, 7-A e B LISBOA

MAIS UMA LOJA **Dardo**

MENORES PREÇOS

MAIORES FACILIDADES

Ora, diga-nos...

— Qual o momento de melhor disposição que tem durante o dia?



● **Afirmou-nos o sr. Adalberto Santos Pereira, motorista:**

— Logo após ter saído da cama. Sabe, não tenho quaisquer preocupações em perspectiva, e, assim, o dia está aí! A minha frente para ser gozado minuto a minuto. E olhe que trabalho! Mas com este sol, com tudo a rebeitar por aí, por que razão



● **Por último, disse-nos o sr. António de Sousa Caetano, polidor de metais:**

— Sinto-me bem durante todo um dia; o domingo. É o descanso, a refeição melhorada, a tarde com futebol, a conversa com os amigos... Momento de inteira boa disposição, no entanto, é quando o meu clube marca um gol! Então, sim, sinto-me feliz. Verdadeiramente feliz...

«Amigos de Lisboa»

Muitos sócios dos «Amigos de Lisboa», acompanhados por senhoras de família e pelo secretário geral do grupo, sr. dr. Eduardo Neves, deslocaram-se ontem em visita de estudo à Serra da Estrela e às ruínas da antiga cidade romana de Conimbriga, em Condeixa.

O 16.º aniversário dos «Fernandinhos Pobres»

Assinalando o dia de hoje, em que se completam 16 anos da fundação dos Fernandinhos Pobres, efectuaram-se várias cerimónias que tiveram começo às 12 horas, com uma missa, na igreja de S. Domingos, por intenção dos sócios já falecidos. Oficiou o rev.º padre Jorge Figueiredo de Barros.

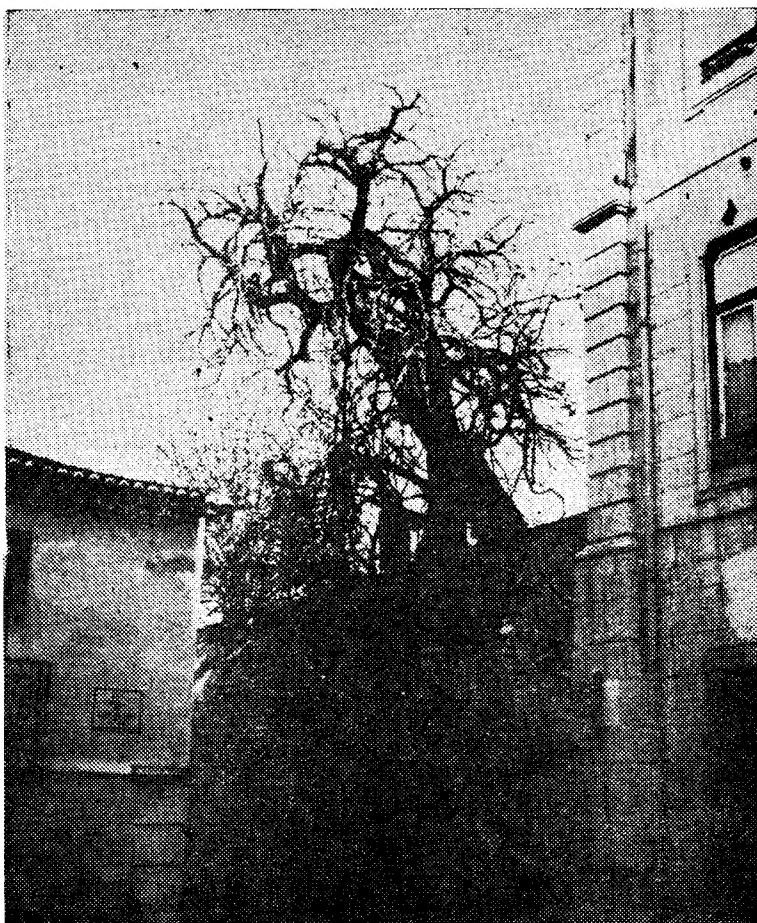
Num dos restaurantes da Baixa realizou-se um almoço de confraternização e, de tarde, na sede dos Fernandinhos Pobres, procedeu-se à distribuição de donativos a dezasseis famílias pobres, tantas quantos os anos de existência da generosa organização.

Reuniões científicas Estudos Médicos no Hospital do Ultramar

Na próxima quarta-feira, pelas 21 e 30, haverá no Hospital do Ultramar a 4.ª sessão cultural do seu corpo clínico referente ao ano cultural de 1966/1967, na qual o dr. Maia Mendes apresentará uma comunicação intitulada «Os Acidentes e Complicações na Intubação Traqueal».

A CIDADE

RESENHA DE FACTOS QUOTIDIANOS



Na Travessa do Conde de Soure há, do lado direito de quem desce, junto da Rua Nova do Loureiro, um velho muro que está a cair, e sobre o qual se inclina, por sua vez, uma velha árvore já bastante instável, como se vê na gravura. Isto será muito pastoril — lembra os muros dos caminhos da aldeia com todo o seu bucolicismo —, mas o certo é que pode, às vezes, acontecer vir a cair o muro e a árvore. Impõe-se, sem dúvida, uma rápida operação: perde-se em bucolicismo, mas ganha-se em segurança...

● Este primeiro anúncio de Verão, por que estamos agora a passar, não poderá ser um estimulante para que se preparem com devido tempo as festas populares que, por todo o País, deverão assinalar o bom tempo? Ontem, em Sintra, houve a «Noite das Camélias». No domingo, em Alenquer, far-se-á o «Julgamento do Baco-lhau»...

● Em Lisboa a C. M. já anunciou os festivais de Verão, pobresinhos como Job e sem o menor significado e

Perguntar por perguntar

projecção. Há anos criou-se a tradição dos festejos em Alfama que, enquanto durou o entusiasmo inicial, foram momentos de cativa festança. A pouco e pouco, as coisas estão a morrer, porque ninguém vai ter paciência para passar noites inteiras a calcorrear ruas e travessas, sem o mínimo interesse, que não seja o de olhar para as casas e para quem passa.

Porque não organiza

a C. M. L. um programa digno da cidade e desse bairro, transformando a capital, durante um mês, num pólo de atracção turística? Para não falar já em espectáculos de cultura, ao ar livre, nos largos do velho bairro, onde estão os grupos de cantares e danças, mórmente de todo o País, a deslocarem-se à capital para se exibirem entre nós?

E onde, melhor que ali, teriam cabimento as pequenas barracas ou «stands» para venda das mais variadas lembranças e produtos?

Os bares do «Monumental» foram assaltados três vezes num período de cinco meses

Nos bares do Cinema Monumental foram agora assaltados, pela terceira vez nos últimos cinco meses. Os roubos têm-se verificado entre as 0 e 50 e as 14 horas, por arrombamento. Além dos estragos causados, desapareceram, entre outros objectos, um cofre portátil, maços de tabaco e dinheiro (1635\$00 da primeira vez, 4905\$50 da segunda e 634\$50 da terceira). A Polícia tomou conta das ocorrências.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados anteontem e ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma caixa para farolim de automóvel; um tampão de roda de automóvel; um saco de pergamoide com artigos diversos; dois anéis de ouro; uma carteira de plástico com fotografias e dinheiro; um porta-moedas com anel de fantasia e dinheiro; uns óculos graduados; uma esferográfica; uma mala de madeira; um porta-moedas com papéis e dinheiro em notas do Banco de Portugal; um porta-moedas com chaves; duas carteiras com documentos de Manuel Martins de Sousa e Lívio Jorge do Sacramento Nicolau; os passaportes de Carlos Saraiva de Gouveia Pinto e Mário Manuel Alves da Nóbrega; um cartão passado a favor de Claudino Jacob Fialho; uma caneta de tinta permanente; um auscultador para telefonia; uma pasta de cabedal com uma garrafa; dois pares de óculos graduados.

CRÓNICA DE LISBOA

A fuga

Não oferece dúvida, que nem sempre nos aguentamos a representar o papel que na vida nos cumpre, embora disso se tenha a aparência e até a convicção. Fazemos esforços por vezes incríveis, portamo-nos com dignidade e pundonor, mas a coisa não se leva com uma perna das costas, tem que se lhe diga. A peça prolonga-se por tempo indefinido, não sai mais do cartaz — sempre no mesmo palco, onde infalivelmente se declamam as mesmas tiradas sacramentais e já gastas até às fezes, com a mesma caracterização e no mesmo cenário. Com franqueza, custa a suportar. Temos de convir que esta é a actor e a ocasiões causa tédio, um tédio mortal. Será então preciso fazer qualquer coisa, com mi demónios!

É este o caso do meu vizinho, a quem, por discreta reserva, darei o nome convencional de Augusto — o meu vizinho Augusto. Homem circunspecto, cordato e pontual, poderá haver tanto como ele, não se põe em dúvida, mas que o exceda, isso não. Em tudo o aspecto do sujeito cuidado digamos de modos solenes, a lembrar talvez um digno tabelião, porventura chefe de secretaria, guardalivros de empresa conceituada na praça, ou coisa que lhe valha. Nada disso. Apenas um respeitável pai de família e patrão da sua loja na Baixa, mas com ares de imperturbável e conspícua respeitabilidade, como já não se usa orgulhoso de cumprir escrupulosamente os seus deveres e escrupulosamente usufruir dos seus direitos, na que proceder que tem a exactidão e o ritmo de um pêndulo.

Veste com aprumo, mostra predilecção pelos fatos sóbrios e um tanto severos, o vinco das calças e o laço da gravata impedíveis, caminha num passo firme e por vezes grave. Assim o vemos na rua e o vemos na loja, a seguir à risca o que estabeleceu como regra de apuro e continência. Nem excessos, nem passo mais apressado, nem sequer um gesto brusco. O homem que representa a sério o seu papel, entrando o tempo em cena e não faltando às deixas. Admirável, assado, exacto, o vizinho Augusto.

No domingo passado, porém, — oh, surpresa! oh, maravilha! — fui dar com ele, em Cascais, encarrapitado no cocuruto de um penedo, de cana na mão, entregue ao desporto da pesca. Até aí, vá que não vá. Mas o que me espantou mal cuidava eu, foi a sua gndaina, caramba! O camisolão grosso de teddy-boy com as mangas enroladas ao pescoço calças de ganga enodoadas, um casaco inconcebível, as pesadas botafarras de borracha, e por suprema fantasia, o boné de um cómico que era de morrer a rir. Tirava a máscara o santo homem.

— Bons dias, vizinho Augusto!

Olhou-me com hostilidade e acenou com a mão, mais no gesto de me despedir do que de saudar.

— Com que então á pescal...

— Se calhar, queria que fosse todos os dias á loja, não?

Impressionou-me o destempero. Ainda quis dizer qualquer coisa, justificar-me mas logo ele atalhou:

— Nem um domingo por outro?! ... Era o que faltava. Valha-o Deus!...

MANUEL MENDES

HOMENAGEM PÓSTUMA

EM SOUSEL

AO DR. JOSÉ GOMES DE ALMEIDA

SOUSEL, 20 — No próximo Domingo de Páscoa será prestada homenagem, pela população deste concelho, ao dr. José Gomes de Almeida, que foi presidente da Câmara durante 11 anos, além de médico municipal e subdelegado de saúde. Como homem publico, deixou uma obra apreciável. Como médico, era muito querido e admirado pelos seus conterrâneos, dada a sua conduta sempre norteada pelas mais elevadas virtudes cristãs.

Entre outros actos, está programado o descerramento de um monumento á sua memória, no Jardim Público, obra dos artistas escultor prof. António Vidigal e arq.º Rui Marchante.

ARTES PLÁSTICAS

A exposição de Charrua na galeria de Arte Moderna

Na galeria de Arte Moderna da S. N. B. A a exposição de Charrua seguiu-se á de Fernando Conduto. Pena é que a galeria pequenina é útil pela oportunidade que dá a muitos e pela doutrinação prática

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL Visita de Estudo

Os alunos da Escola Técnica de Tavira, finalistas do Curso de Formação de Electromecânica, acompanhados por professores, vieram á capital para fazerem algumas visitas de estudo, tendo sido convidados pela Administração da Empresa CEL-CAT a deslocarem-se á sua fábrica na Venda Nova.

Os visitantes foram acompanhados por técnicos que lhes prestaram indicações e esclarecimentos sobre a múltipla variedade de cabos de superior qualidade ali produzidos, destinados a instalar não só na Metrópole e no Ultramar, como á exportação.

No final foi oferecido um almoço nas dependências do Centro Social da CEL-GAT, tendo então alunos e professores manifestado a mais agradável impressão colhida por tudo que caabavam de apreciar nesta mais importante fábrica portuguesa de cabos eléctricos e telefónicos.

que constitui, não pudesse conter as duas exposições ao mesmo tempo. Artistas dentro da mesma temática, sentimos-lhes as mesmas preocupações e a sua arte é uma investigação constante. A exposição de pintura e escultura dar-nos-ia uma apresentação conjunta do escultor e do pintor, completando-se numa demonstração de unidade de arte.

Falamos do pintor e do escultor, mas nesta exposição de Charrua poderíamos voltar a falar do tema: onde é que começa a escultura e onde acaba a pintura? Aqui temos simplesmente a integração de todas as artes, indo desde a modelação, a combinação de materiais duros, ás cores e ás linhas.

Temos em Charrua uma pintura de força estranha e poder em que as matérias estranhas verdadeiramente se integram e completam o movimento e a musculatura da obra. Haja em vista a forma como as correntes se enquadram nas cores daquele que tem o n.º 5.

Até quando a obra é só tintas e cor, como naquele que tem o n.º 3, intitulado «Mikonos». Sentimos o vigor do escultor e um movimento de vigor intenso. É para nós a obra de mais unidade e que mais nos dá a marca do artista, talvez por ter conseguido os efeitos de outras, com menos elementos.

Charrua sente-se á vontade nas grandes superfícies e nos espaços onde a obra se possa desenvolver

sem entraves e empecilhos. Não recorre a muitas cores porque o sentir, em geral, pode bem traduzir-se sem que a intensidade do movimento exija multiplicidade de tonalidades.

Exposição válida de um artista que está sempre á procura da tradução plástica do que lhe vai no imo e por linguagem do nosso tempo. — R. R.

Exposição de motivos ribatejanos

Na Casa do Ribatejo, á Rua do Salitre, vai realizar-se entre 29 de Abril e 12 de Maio, uma exposição de motivos ribatejanos.

A exposição está a suscitar o apoio de várias instituições e câmaras municipais do Ribatejo e de muitos artistas.

As cerâmicas de Artur José na galeria do «Diário de Notícias»

Tem sido muito visitada a exposição do ceramista Artur José na galeria do «Diário de Notícias», ao Chiado.

O distinto ceramista tem sido muito felicitado e muitas das suas obras foram já adquiridas por coleccionadores.

Artur Bual expõe no Palácio Foz a quarta-feira

Na quarta-feira próxima é inaugurada a exposição do grande pintor que é Artur Bual.

Artur Bual apresentará uma série de «Crucifixões e entregas», realizadas nos últimos tempos.

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Foi contratada para o elenco que desempenhará a comédia «Duas pernas... um milhão» a artista Aida Baptista.
- Recomeçaram os ensaios da revista «De uma banda só», a estreitar, brevemente, no Teatro Maria Vitória.
- Regressa esta semana a Lisboa a companhia da atriz Laura Alves, há tempos em digressão pela província.
- «A promessa» será apresentada no palco do Monumental.
- No Teatro Sá da Bandeira, no Porto, a Companhia do Teatro Alegre apresenta no sábado a peça «Morra primeiro e pague depois».
- Tem figurinos de Mário Alberto a nova revista do Teatro Villaret.

Natalina José interpreta na revista a subir à cena no Maria Vitória um numero intitulado «O fado com arpas».

Foi entregue à bailarina Agueda Sena a coreografia de uma revista a subir à cena ainda este ano.

TEATRO VILLARET

A comédia «Assassinos Associados»

«Assassinos Associados» a alegre e divertida comédia em 3 actos e diversos assassinatos que Raul Solnado e a sua companhia de alegres criminosos está a representar para fazer morrer a rir o público de Lisboa, está em cena todas as noites em duas sessões, às 21 e às 23 horas é interpretada por Raul Solnado (o mais criminoso), Madalena Sotto, Barroso, Fernando Borsatti, Cortez, Angela Ribeiro, Nicolau Breynier e Julia Babo (tudo mais, minha gente).

Dirigida por João Bethencourt num cenário espectacular de Vitor André, «Assassinos Associados» é uma comédia francesa de Robert Thomas, que João Bethencourt traduziu com Armando Cortez.

CAPITÓLIO

A revista «Quem Tem Boca Vai a Roma!»

No Teatro Capitólio continua em cena, há oito semanas, a revista moderna «Quem Tem Boca Vai a Roma!».

Original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinho, com música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Herman e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, coreografia de Mariano Franco direcção musical de Carlos Dias e encenação de Salvador.

Em «Quem Tem Boca Vai a Roma!» está reunido o mais rutilante cartaz da temporada: Eugénio Salvador, José Viana, Lígia Teles, Mariema, Helena Vieira e Luis Horta, as atracções internacionais Ana Monica, Vicky e The Roller's Stars, as gentis intérpretes Linda Silva e Pol-

(Continua na 6.ª página)

DISCOTECA

«Mãos no ar», «Telefona-me esta tarde» «Ninguém me pode julgar» e «Onde é que eu arrumo o carro», são os títulos das canções da nova gravação da artista Helena Rocha.

A artista Ana Hortense gravou mais um disco para a etiqueta «R&R» dos conhecidos artistas Francisco Nicholson e Armando Cortez.

Do cantor Miguel Silva acaba de sair um novo acetato, que inclui os seguintes números: «Carta a um filho», «Recordar é viver» «A melhor de todas» e «O caminhar da fela». Os acompanhamentos estiveram a cargo do conjunto de guitarras de Raul Nery.

Vai gravar um novo disco a artista Alice Maria, presentemente a actuar na Adega «Lisboa à noite».

TEATRO

CAPITÓLIO

★ Hoje: às 20.45 e 23 horas

9.ª SEMANA

★ DA FABULOSA REVISTA QUE É A MENINA BONITA DE LISBOA!

★ O MAIOR TRIUNFO NA CARREIRA DE

EUGÉNIO SALVADOR
JOSÉ VIANA
LIGIA TELES
MARIEMA
HELENA VIEIRA
LUIS HORTA

• das atracções internacionais
ANA MONICA
VICKY
THE ROLLER'S STARS

• dos produtores Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

• A SUPER-REVISTA •

QUEM TEM BOCA VAI A ROMA!

• O EXITO DO ANO! •



EUGÉNIO SALVADOR

TEATRO

ABC

Telef. 36 67 45

HOJE: AS 20.45 E 23 H.

JOSÉ MIGUEL

APRESENTA

7 COLINAS

UM GRANDE ESPECTÁCULO UM SENSACIONAL ELENCO:

IVONE SILVA • ARTUR SEMEDO
LÉONIA MENDES • OSCAR ACURCIO • LURDES LIMA
HENRIQUE VIANA e as atracções
ARTUR GARCIA e HELENA TAVARES



HELENA TAVARES

(ADULTOS)

COLISEU

HOJE AS 21 e 30
(Maiores 12 anos)

OS GRANDES FILMES

INFERNO NO PACÍFICO

E
DRAGÕES DA VIOLENCIA

QUARTA-FEIRA:

ESTREIA DA

VIDA DE CRISTO

E

«SENHORA DE FÁTIMA»

AVENIDA

Tel. 320379

As 21.45 horas

A ALEGRE COMÉDIA DE
V. KATAIEV

O CAMARADA MIÚSSOV

— Adultos —



RAUL SOLNADO
DOIS CRIMINOSOS

2 SESSÕES • ADULTOS •
21 HORAS E 23 HORAS
BILHETES DESDE 15\$00

TEATRO VILLARET

VENHA MORRER A RIR COM OS

ASSASSINOS ASSOCIADOS

MADALENA SOTTO • BARROSO • FERNANDA BORSATTI • CORTÉZ • ANGELA RIBEIRO
NICOLAU BREYNER • JULIA BABO



MÁRCIA CONDESSA

Praça da Alegria, 38 — Telef. 367093

— MAIORES DE 17 ANOS —

Comunica aos seus estimados clientes, que o seu Restaurante Típico se encontra HOJE ABERTO, encerrando em virtude da solenidade dos dias, nas próximas 5.ª e 6.ª-FEIRA.

M/21 anos

BICO DOURADO

BOITE NUIT

RUA DA MISERICÓRDIA, 12 TEL. 368649

DAS 23 AS 5 DA MADRUGADA

MÚSICA PARA DANÇAR COM

MARIO SIMÕES E S/ CONJUNTO

SEIS AVENTUREIROS
ESVAZIAM OS
COFRES DO
"QUEEN MARY"
EM PLENO ATLÂNTICO



MAIORES DE 12 ANOS

A PARAMOUNT EM ASSOCIAÇÃO COM SEVEN ARTS E SINATRA ENTERPRISES APRESENTA

FRANK SINATRA VIRNA LISI EM

Assalto ao "Queen Mary"

(ASSAULT ON A QUEEN)

ELE É UM HOMEM QUE JÁ EXPERIMENTOU TUDO! ELA É UMA MULHER QUE QUER EXPERIMENTAR TUDO

COM RICHARD CONTE Errol JOHN Art KJELLIN E TONY FRANCIOSA

Argumento ROD SERLING • Danovidade JACK FINNEY • Produtor WILLIAM GOETZ

Realizador JACK DONOHUE • Música DUKE ELLINGTON

TECHNICOLOR • PANAVISION •

AMANHÃ GRANDE ESTREIA DA PÁSCOA NO SÃO LUIZ e ALVALADE

O que vimos e ouvimos

PASSATEMPO INFANTIL — Há quanto tempo não assistia ao «Passatempo Infantil!» Para minha vantagem, entendem. Um homem se não se defende a si próprio, ninguém mais o defende. E dos livros.

Chegado aqui, não sei bem o que hei-de dizer. Não foi tão mal como se esperava, nem tão bom como se desejava, também não se manteve naquele meio termo a que poderíamos já chamar «razoável». Vistam agora a minha pele de crítico e digam lá quem pode ser regedor desta freguesia!

Os meninos espectadores foram os grandes animadores do passatempo. Abriam grandes olhos, agitavam-se, cantavam com tanta vontade o estribilho! Mas por favor, Maria Aurora, não agradeça aos meninos (por terem colaborado no «show»). Por favor, Maria Aurora, não peça aos meninos para baterem palmas! Isso de bater palmas sem vontade é para os adultos... e não para todos! Por favor, Albert, não diga «Boneca de trapo não recebe amor...». Nada mais falso do que pensar que as bonecas, lá por serem de trapos, não falam. Para uma criança, tudo fala — e então as bonecas! Nós, adultos, é que perdemos já muito a capacidade de ouvir vozes.

Ah, é verdade! Os chimpanzés fizeram rir os meninos. Se um dia faltam os chimpanzés não sei o que vai ser do «Passatempo».

Os nossos meninos mereciam mais e melhor. Mereciam o melhor. Digo isto. Só sei dizer isto, como um disco falhado...

POLY — NOVA SÉRIE —

Poly foi uma das minhas paixões da Televisão. Depois... Bem, o melhor é não falarmos mais no assunto. O que lá vai, lá vai.

Voltei ontem a «casa», pois havia a sugestão de a nova aventura do cavalinho Poly se passar em Portugal. Afinal, o primeiro episódio constituiu para mim uma desilusão

completa. A história, praticamente, ainda não começou — mas as imagens, as conversas dos miudos, a tradução das legendas, o tema frouxo, tudo isso é de uma pobreza tão completa que me apetece falar em indigência. «Faustino», o pescador português, diz que Poly fugiu. Um cavalinho em liberdade, no nosso País, a percorrê-lo de norte a sul, deveria (pensei eu) ser coisa digna de ver-se. Pelo menos, turisticamente falando...

Poly anda por praias e pinhais, entra numa praça de touros, anda pelo centro de vilas perseguido pela curiosidade popular, uma espécie de largada de Vila Franca em jeito de capilé com palhinha... Mas acaba por ser apanhado, já tem selas, dá umas voltinhas, o rapazinho tem ciúmes doutro rapazinho, mas acaba por fazer as pazes, e foi tudo o que aconteceu, não muito, quase nada, ainda o melhor foi aquela onda que se agiganta e domina a praia. Foi o melhor, quer dizer: foi a única coisa viva. Se ao menos Poly vier cá pelas ondas — está governado...

CENA ABERTA —

As fatias grossas couberam ao «Camarada Miússov» e a uma revista em cena. Depois, as migalhinhas foram para o Teatro Experimental do Porto e para a «Casa da Comédia».

Cada qual é livre de sublinhar o que mais interessante lhe pareça. Pois.

Não posso, no entanto, elogiar

HOJE PODE VER..

● As 22 e 55: Intocáveis

A R. T. P. apresenta esta noite um episódio da série filmada «Intocáveis», com a intervenção dos artistas Robert Stack, Peter Falk e Vicent Gardenia. Enredo: um sindicato de «gangsters» organiza-se para a exploração de um jogo aparentemente inofensivo — o jogo de azar dos cartões de furar. Mas os «Intocáveis» intervêm...

«Cena Aberta» pelo seu bom gosto. E se quisesse castigar severamente a rubrica pelas cenas apresentadas da revista em questão, teria de empregar uma correia nova e mais dura. O que se fez ontem, não tem desculpa. As «graças» que a Televisão levou ontem a tantas casas foram simplesmente execráveis. Que cada qual, por seu pé, vá a um espectáculo sabendo de antemão o que vai encontrar, é uma coisa, e olhem que anjinho com fartura de água-benta é coisa que não sou! Que seja a própria Televisão a levar esses espectáculos a quem não os aprecia — é outra coisa muito diferente.

Lamentável... Quanto ao «Camarada Miússov», o tempo foi longo e do género «chato», que é dos piores géneros que conheço. Pedro Lemos muito preocupado com os títulos em russo, com os girassóis. Os girassóis, cuidado, não falem os girassóis, e o electricista e a cenografia com brocha e tudo, e «anos últimos ensaios é que se reúne o trabalho de todos os técnicos...»

Girassóis? Ih tantos...

TV CLUBE — FESTIVAL RESENDE —

Resende, depois de longa ausência, preencheu todo o «TV Clube» de ontem. A cancionista tem os seus admiradores, que não desistem, seja qual for o tamanho da ausência. Saciaram-se ontem. Oito canções (oito e meia, se contarmos com a «Feia» inevitável...) convenhamos em que é bastante como o outro que diz, nem oitenta... nem oito.

O muito saber do ofício de Maria de Lourdes Resende não evitou que uma certa monotonia pesasse no ambiente. A culpa não terá residido só no repertório, que alternou o mediocre com o encolher-de-ombros, com o mau e com o aceitável (e nesta última classificação se inclui a canção com que encerrou o «Festival Resende»). A culpa recai, também, na realização, que foi uma sensaboria a puxar a sustância, com todas aquelas cortinas, painelamentos, troncos de árvores e ramos, e Maria de Lourdes a aparecer e a desaparecer por artes de berliques e berloques, sem nenhuma relação com o carácter das canções.

O melhor do «Festival Resende» esteve nos momentos em que a cancionista se fez acompanhar ao piano. Teria sido melhor, apesar de tudo, evitar tanta cerimónia. Com mil demónios, a música ligeira enverga fato de passeio, é ainda o que lhe vai bem!

Acredita-se que a recente actividade de Maria de Lourdes Resende signifique retorno com carácter definitivo ao país da canção. Oxalá. Não possuímos tantos valores que nos possamos dar ao luxo de dispensar os mais experientes.

Se tal acontecer, um pedido lhe faço, um só: deixe as canções italianas em paz. Fizem-lhe algum mal? Sei que uma tentação, enfim... pode ser muito forte. Mas esta, Maria de Lourdes, não compensa. A prova de ontem foi negativa. O «snobismo» não vai nada bem com a sua voz. Não sei se isto é um elogio. Realidade, é. — M. C.

«A MALUQUINHA DE ARROIOS» EM SETÚBAL

Continuando a representar com êxito «A Maluquinha de Arroios» em diversas localidades do País — depois de a ter apresentado no Porto e em Lisboa —, a companhia do Teatro Experimental de Cascais dá hoje um espectáculo (único) em Setúbal, às 21 e 30, no Cine-Teatro Luisa Todt, em que apresentará esta comédia de André Brun — para maiores de 17 anos, subsidiada pelo Fundo de Teatro e com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

«Não é provável que volte a pisar as tábuas dos palcos»

— diz-nos José Gamboa que vai reaparecer na televisão

O publico vai rever, dentro de dias, um dos grandes actores da sua geração que é, paradoxalmente, desde há alguns anos, um ausente dos nossos palcos. Durante esse período muito se tem falado do seu regresso, indicando-se o seu nome para várias companhias e chegando mesmo a falar-se na sua ida para o Brasil, onde continuaria a sua carreira. Parece, no entanto, que nenhuma das hipóteses se verifica-

rá, embora o publico possa rever aquele actor, através da peça «O que vale um homem», de Harold Less, traduzida e adaptada por José Américo, cenários de Eduardo Lemos e realização de Luís Miranda. Será nesta «Noite de Teatro» que reaparecerá José Gamboa, no papel de «Charles Lockwood», ao lado de Alexandre Vieira, Catarina Avelar, Barreto Poeira, Dalila Rocha, Virgílio Macieira, Tomás de Macedo, Paulo Renato, António Sacramento, Rui Mendes e Célia de Sousa.

A propósito desta sua reaparição quisemos trocar algumas impressões, com José Gamboa, que fomos encontrar num estado de espírito um pouco desiludido, talvez por verificar que o seu mérito artístico não tem sido devidamente aproveitado. Foi nesse tom amargo que nos confessou:

— Perdi os melhores 46 anos da vida de um homem do Teatro. Há já oito anos, desfeitas todas as ilusões acerca das possibilidades de uma imprescindível reforma da mentalidade (e não é certo que as pessoas mais responsáveis a têm preconizado para os mais dispareos sectores da vida portuguesa?) de todas as pessoas que directa ou indirectamente interferem na marcha fúnebre do teatro português, resolvi — por coerência, honestidade mental — sofrer os prejuízos materiais e morais consequentes da minha recusa em participar nos negócios teatrais para que fui convidado. Ao tomar esta ati-



JOSÉ GAMBOA

(Continua na página seguinte)

UM ÊXITO EM

estúdio 444

UM CONFLITO DRAMÁTICO NUM MUNDO ESTRANHO ONDE SE DEBATEM ÓDIOS E PAIXÕES!

4.ª SEMANA

MAIORES DE 17 ANOS EXCLUSIVO TALMA FILMES



O OUTRO LADO DA VIDA (FILLES PERDUES)

ARROJADA REALIZAÇÃO DE LADISLAV VAJDA

COM BARBARA RUTTING HANSJORG FELMY LUISE ULRICH

Maiores 6 anos



AMANHÃ E 4.ª-FEIRA, ÀS 18.30

IMPÉRIO

UM SUCESSO MUNDIAL MIREILLE MATHIEU

acompanhada por Fred Ferrugia (piano), Garbosi (guitarra), Motta (bateria), Rovere (contra-baixo), Roussel (acordeão)

E O TRIO VOCAL

DANIELLE LICARI * JACKY CASTAN e PIERRETTE BARGOIN MICHEL DELPECH

e o imitador MAX FOURNIER

APRESENTAÇÃO DE JORGE ALVES

DOIS ÚNICOS E SENSACIONAIS ESPECTÁCULOS NÃO SERÃO RADIODIFUNDIDOS NEM TELEVISIONADOS

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

mira Ferreira, os actores cómicos Vítor Mendes e Mariano Franco, os jovens discípulos Simone Maria, Odete Antunes, Maria Antónia e Gina Loureiro, um «ballet» inglês e outro francês e, ainda, bailarinos e bailarinas portuguesas.

ABC

«Sete Colinas»

a revista de Lisboa

A actriz Ivone Silva, prémio Imprensa 66, é uma das principais intérpretes de «Sete Colinas», a revista onde Lisboa é cantada a sorrir.

A coreografia, garrida e bem desenhada, tem a direcção de Carlos Alberto e os figurinos e a montagem pertencem a um nome que dispensa referências: Mário Alberto. César de Oliveira dirigiu, com acerto, a encenação, e Ferrer Trindade foi o condutor musical. É um elenco de sensação o que diariamente, se apresenta no A B C: a actriz Ivone Silva, Artur Semedo, Leônia Mendes, Oscar Acursio, e, ainda, Lurdes Lima e Henrique Viana. Duas grandes atracções: Artur Garcia e Helena Tavares.

É este espectáculo que o A B C oferece, todos os dias, às 20 e 45 e às 23 horas.

IMAGEM DO DIA

Estreia-se esta noite, no TIVOLI, um filme que tem dado que falar em todo o mundo: «BORN FREE» que, em português, recebeu o título de «UMA LEOA CHAMADA ELSA».

Trata-se de uma magnífica película inspirada num livro de grande êxito internacional de

Joy Adamson e em que a personagem central é uma leoa que, criada entre os homens, só a custo consegue regressar à selva. É interpretada por Virginia McKenna e Bill Travers.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Tivoli

Título em português — «Uma leoa chamada Elsa».
Título original — «Born Free».
Produção — Americana.
Realização — James Hill.
Intérpretes — Virginia McKenna e Bill Travers.
Género — Aventuras.
Distribuição — Columbia.
Processo — «Panavision» e «Columbia Color».
Classificação — 12 anos.

O palhaço José Lino volta a Luanda



Palhaço José Lino

Vai actuar em Luanda, acompanhado de seu irmão — o bailarino João da Conceição Martins — o conhecido palhaço José Lino, que dentro de dias parte para aquela provincia ultramarina. Estes dois artistas vão exhibir-se no Teatro Nacional e no Cinema Avis.

A ENTREVISTA COM JOSÉ GAMBOA

(Continuação da página anterior)

tude (mais uma desilusão, a última), esperava que se verificasse por parte dos mecenas, mentores e cronistas teatrais o registo da gritante anomalia existente entre a cada vez maior barafunda e mistificação teatral e a completa inactividade dum elemento válido que algumas coisas boas fizera e tentara — no palco e fora dele — por um teatro melhor ou, se quizerem, menos mau. E, talvez, esta a razão por que o meu illustre colega e excelente camarada e amigo Paulo Renato apregoa «urbi et orbe» que eu sou «o maior cabotino do Mundo» (sic), por conseguir (?) «endeusar-me» ao tornar-me «inacessível e silencioso» (sic). Ele só esquece que seria estúpido ou imprudente um tal procedimento da minha parte, visto que os anos vão passando e, com eles, a inevitável derrocada do potencial histórico. Mas, de certo modo, há motivos para assim se pensar, à primeira vista. É que não têm conta as inúmeras pessoas (amigos, conhecidos e desconhecidos — que me abordam na rua ou me escrevem — e até alguns colegas da geração seguinte à minha) e me interpelam quase sempre com uma frase que já se vai tornando estribilho: «É um crime V. não representar» (sic).

— Deste modo resolveu quebrar o seu isolamento...

— Sim. Já para reavivar a intenção inicial do meu protesto lácteo (dando provas da minha ainda exis-

tente validéz), já para corresponder à generosa amabilidade dos que me consideram criminoso por eu não representar (ainda há dois dias recebi uma das mais bonitas e enternecedoras cartas que me têm sido dirigidas, assinada por uma menina de 17 anos que, portanto, nunca me viu trabalhar no Teatro e só pode curar por outiva), resolvi aceitar um amável convite para actuar na R. T. P., convite que aceitei alegremente por ser a única maneira possível de atingir os objectivos que me propus e antes citei. E também espero que os que vivem a peça, no próximo dia 22, entendam perfeitamente os motivos por que estou afastado do Teatro, uma vez que a história e o conflito desenvolvidos são como que um espelho do que tem sido a minha vida profissional. Bastará trocar «Comércio Teatral» por «Comércio Teatral. Oxalá eu consiga satisfazer o desejo dos que querem rever-me e a curiosidade dos que pretendem rever-me (agradeçam-no à R. T. P.), pois é possível que não haja outra oportunidade. Em primeiro lugar, porque entendo que um actor deve retirar-se ainda em boa forma; em segundo, porque continuando a imperar a generalizada barafunda teatral, não é provável que eu volte a pisar as tábuas dos palcos. Paradoxalmente, morrerei na cama mas de pé.

E José Gamboa continuou:

— Já agora, antes de terminar, seja-me consentido lançar um apelo e um aviso a todos os responsáveis

pela vida teatral portuguesa — aos mentores, aos cronistas, aos mecenas —, enfim, a todos os que de perto ou de longe dizem querer fazer alguma coisa pelo Teatro. Apesar das vossas boas intenções (que parece não deverem ser postas em dúvida), não continuem a deixar dinheiro à rua, a gastá-lo em pura perda com processos «parecidíssimos» com os que só seriam utilizados por quem quisesse acabar com o gosto do público pelo Teatro. Não é, por exemplo, com escassas bolsas de estudo concedidas à toa, por dois ou três meses, que se pode aprender no estrangeiro alguma coisa válida. Sempre o disse e repito: É o Teatro que, para progredir e dignificar-se, precisa de ser protegido (o que, indirectamente, beneficiará empresas e actores). Mas proteger primeiramente estes, para que possa manter-se a fachada do «statu quo», isso sim, é que é praticar um autêntico crime — bem maior do que aquele de que me acuso.

Aqui, entre nós, tenho a impressão de estar a ver realmente a expressão de certas pessoas, após a leitura deste sermão, e a ouvir-las comentar: «Isto é que é mesmo cabotinismo! Como têm dito de mim coisas muito piores, também isso não me incomoda nada. Mas ao menos, sejam justos! E se não quiserem dizer que é um cabotinismo inteligente (para não magoarem a minha modestia), confessem que é bastante mais original que o tradicional e cedido por eles permanentemente utilizado.

Restava-nos deixar o actor, uma vez que conhecíamos já o seu estado de espírito, no momento em que reaparece junto do publico. Paradoxalmente, esse momento, em vez de ser de alegria ou esperança, atesta um desânimo que não pode deixar de nos impressionar. Resta-nos agora esperar que chegue quarta-feira e a próxima «Noite de Teatro» para rever José Gamboa, certamente em mais uma figura parecida com as que interpretou em tantas noites de glória.

A ÓPERA «MADAME BUTTERFLY» EM S. CARLOS

A temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos prossegue na próxima quarta-feira, pelas 21 e 15, cantando-se a ópera «Madame Butterfly», de Puccini, dirigida pelo grande maestro Franco Fattori, encenada por Alvaro Benamor e interpretada por um elenco de reputados cantores portugueses: Zulika Saque e Helena Cláudio — as duas grandes revelações líricas nacionais, duas cantoras que iniciaram já a sua carreira internacional — e o aplaudido tenor Carlos Jorge, nos principais papéis, e ainda Armando Guerreiro, Manuel Leitão, Luís França, Mário de Oliveira e António Lopes, e ainda o cantor italiano Silvano Pagliuca.

Devido à solenidade da quadra que atravessamos, a récita desta semana realiza-se, como se disse, na quarta-feira, e não, como habitualmente, na sexta-feira.

Amanhã, no Coliseu, canta-se a ópera de Verdi «Um Baile de Máscaras»

Amanhã, pelas 21 e 15, prossegue a grande Temporada Popular de Ópera que o Teatro Nacional de S. Carlos tem estado a realizar na sala grandiosa do Coliseu dos Recreios, cantando-se a célebre ópera «Um Baile de Máscaras», de Verdi, interpretada por um excelente elenco artístico de cantores internacionais e portugueses: Emma Renzi, Helena Cláudio, Anna Gasparini, Renato Cioni, Piero Cappuccilli, Silvano Pagliuca, Carlos Fonseca, Manuel Leitão e ainda José Afonso e Manuel Dias da Silva. Dirige a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional o eminente maestro Oliviero de Fabritiis e a encenação é de Augusto Cardí. O Coro do Teatro de S. Carlos foi ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquali. Intervém ainda o Centro de Estudos de Bailado do I. A. C., sob a direcção de Anna Ivanova e David Boswell. Cenários de Alfredo Furiga.

INDIGITADO PARA 2 «OSCAR» DA ACADEMIA AMERICANA!

O FILME QUE TEM
ARREBATADO
AS PLATEIAS DE TO-
DO O MUNDO!

UM AMBIENTE EXCITANTE, PELA PRIMEIRA VEZ APRESENTADO PELO CINEMA, TRANSFORMAM ESTA AVENTURA REAL NUM ESPECTÁCULO INOLVIDÁVEL!

Com
GEOFFREY KEEN
Baseado no Best Seller de JOY ADAMSON
Argumento de GERALD L.C. COPLEY
Música comp. e dirigida por JOHN BARRY
Produção de
SAM JAFFE e PAUL RADIN
Realização de
JAMES HILL
AN OPEN ROAD-HIGHROAD-ATLAS CO-PRODUCTION

Oçam MATT MONRO na canção tema deste filme BORN FREE editada em discos CAPITOL, à venda nos Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

A COLUMBIA
CARL FOREMAN
apresentam

VIRGINIA MCKENNA · BILL TRAVERS

UMA LEOA CHAMADA ELSA
"BORN FREE"

HOJE às 21 30 UMA ESTREIA DE ALTO NÍVEL! TIVOLI

Está à venda o famoso livro de Joy Adamson «Uma leoa chamada Elsa», que foi editado por «Livros do Brasil»

A ELSA ESTARÁ PRESENTE NA ESTREIA DESTA NOITE

VIDA MUSICAL

Fim da presente série da O. C. G.

Muito publico se tem deslocado para assistir aos concertos da Orquestra de Camara Gulbenkian, no Tivoli, mas, ultimamente, não tanto como seria de esperar. E a segunda série de concertos regulares para a temporada 1966-67 rematou com um programa em que as obras e sua execução foram um puro regalo, sem nada de espectacular, é certo, no entanto merecedor das mais entusiásticas referências. O maestro Adrian Sunshine firmou definitivamente a integridade da sua natureza musical, largamente susceptível de uma sensibilidade não epidérmica, ciosa da sobriedade inerente ao bom gosto, avesso a ousadias de maior cometimento, sem por isso contemporizar sistematicamente com os géneros musicais de mais fácil e mais assegurado sucesso.

Ao lado de Sunshine, bem de acordo com os seus conceitos e a sua ideologia, participaram do harmonioso programa no que lhes coube interpretar de parte solista a cantora inglesa Anna Reynolds e Leonor de Sousa Prado, violino-concertino da O. C. G. Admiramos sem reservas em Anna Reynolds a sua voz de meio-soprano de timbre limpo aquecido por uma intensa chama interior, a perfeição de igualdade de emissão e de articulação tanto verbal como musical, e o impecável estilo com que caracterizou obras de importância de primeira plana como o Stabat Mater, de Vivaldi (dividido em seis secções) e as Quatro Canções, de Teresa de Ávila, do compositor inglês contemporâneo Lennox Berkeley. Pelo documento agora ouvido, nas melhores condições, porque a colaboração da corda da O. C. G. foi apuradamente preparada pelo maestro Sunshine, Lennox Berkeley, com excelente escrita e muita penetração do texto e suas cambiantes de ardência passional, emprega uma equilibrada amalgama de dissonâncias e consonâncias, impressivos agregados verticais e arejadas linhas horizontais. Como fontes de inspiração e enquadramento numa

determinada escola, é mais híbrido o Stabat Mater do seiscetecentista Vivaldi. — mas que importa, se, precisamente, se acha plenamente conseguido um padrão que representa um período histórico, com pleno acordo de conteúdo-forma.

Leonor de Sousa Prado, sustentada com belíssimas ressonâncias de efeito organístico pelo grupo de arcos, interpretou um Recitativo, de Bonporti, outro contemporâneo de Bach e Vivaldi. Este Recitativo consta de uma bem desenhada linha melódica, realçada por um efeito simples mas muito feliz de ténues acordes harpejados que requerem uma grande leveza e maleabilidade de arco. — uma faceta a acrescentar á sólida e desenvolvida arte de tocar da solista.

O concerto, que tinha começado com os 2 andamentos do 3.º Concerto Brandeburguês de Bach, fechou com a famosa «Sinfonia do Adeus» (Adeus com sentido de Despedida) de Haydn. Só faltaram as velas que os executantes iam apagando, no ultimo andamento, á medida que abandonam a sua estante, á desfilada. No Bach, quase nos surpreendeu o «cheio» um pouco agressivo dos arcos; e á rapidez com que foi levado o segundo andamento corresponde uma prova da virtuosidade colectiva. De um modo geral, como pudemos constatar desta vez em Vivaldi e em Haydn, Sunshine tem menos propensão a aproveitar os contrastes dados pelos movimentos lentos. Mas no 1.º andamento da Sinfonia do Adeus, voltámos a reparar na impetuosidade com que acentuou os prenúncios Beethovenianos.

FRANCINE BENOIT

PIANOS

Verticais e de Cauda

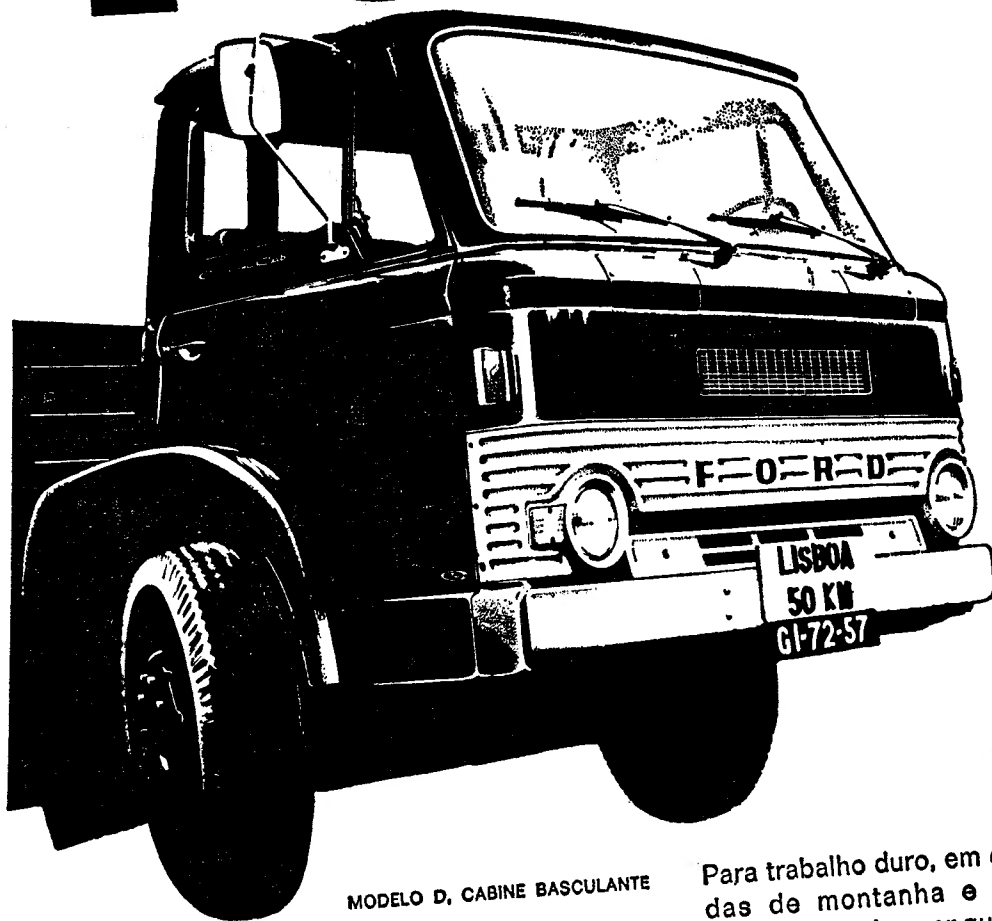
Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO

PEREIRA & C.ª

RUA DO CARMO

FORD FORÇA FORD FORÇA FORD



MODELO D, CABINE BASCULANTE

Para trabalho duro, em estradas de montanha e maus caminhos, onde quer que seja necessário robustez, poder de arranque, grande capacidade de carga, resistência e economia — esse é o lugar dos camiões Ford.

Por isso ganharam a preferência dos camionistas. São eles que o afirmam.

CAMIÕES FORD... NÃO HÁ MELHOR! Pergunte a quem tem um!

Modelos a partir de 3.500 kg de P.B.



A SUA DISPOSIÇÃO NO SEU CONCESSIONÁRIO FORD

Lisboa — SOC. COM. ANTONIO BARATA & FILHOS, LDA.
Avenida Infante D. Henrique, Lote 311



meias Cantreze*

CARÍCIA, fabricadas por **BYE** no novo «nylon» revolucionário que a DU PONT criou para o conforto e o encanto das suas pernas, são como UMA SEGUNDA PELE ..

À venda nas seguintes casas de Lisboa:

ARMAZENS DO CHILE
CAMISARIA VERSAILLES
ESTRELA DO CAMPO GRANDE, L.ª
EST.ºS RODRIGUES & RODRIGUES S. A. R. L.
FIGURINO DE ALVALADE, L.ª
FANQUEIROS REUNIDOS SOUSA, L.ª
HORTA & NEVES, L.ª
REI DAS FARDAS

Marca registada da Du Pont

Conclusões e votos do Seminário Europeu sobre os meios áudio-visuais no Ensino

O Seminário Europeu sobre os meios áudio-visuais no Ensino, após a leitura dos relatórios das cinco comissões, reduziu-os às seguintes considerações e votos, que servem de conclusão dos seus trabalhos realizados em 1966.

1.ª COMISSÃO: PSICOPEDAGOGIA DOS MEIOS AUDIO-VISUAIS — Considerações: 1) Os meios áudio-visuais, cuja utilização pedagógica foi objecto das exposições, discussões e explicações práticas do Seminário são essencialmente: 1) a diascopia (vistas fixas, filmes fixos); 2) o cinema (curta e longa metragem); 3) o rádio e a televisão; 4) o magnetofone.

As realizações portuguesas, devidas ao IMAVE e à COPEDA (equipamento com centro com magnetofones, TV, Telescola destinada ao ensino secundário, o Boletim mensal do IMAVE) podem servir de exemplo. Particularmente a utilização feita em Portugal da Televisão directa mostra que ela pode não apenas preencher lacunas, mas melhorar a pedagogia, fornecendo modelos de lições cuidadosamente preparadas. Eis um progresso irreversível.

II) Se estes meios introduzem o maquinismo no Ensino, o ser humano tem obrigação de os dominar. Trata-se de apoiar, auxiliares, e não de um fim em si.

III) O papel do professor é insubstituível. Ajudado no cumprimento das suas funções, o professor vê a sua profissão revalorizada.

A atitude do aluno (física, intelectual e moral) é por esta via, modificada. As relações directas (até aqui, únicas) entre professores e alunos sofrem o choque da introdução dum programa preparado e, em certa medida, isento do domínio, tradicionalmente exclusivo, do professor sobre a turma.

Votos: 1 — Importa que sejam respeitadas a personalidade do professor e as culturas locais. Aquela personalidade e esta cultura não entram no curso programa, mas devem encontrar natural expressão no contacto directo professor-aluno.

II — Verificando que, em certo numero de casos (em particular, o da TV), os meios apareceram antes da existência duma utilização pedagógica adequada, é de desejar:

1) que se estabeleça uma ligação entre industriais e pedagogos;

2) que se faça uma investigação fundamental e experimental, interdisciplinar, aplicada;

a) As matérias de ensino: em especial, parece que o tipo da imagem utilizada (visual, auditiva, etc.) e o partido a tirar dela deve ser análogo à natureza da matéria ensinada, sobretudo no princípio de uma aprendizagem;

b) a psicologia profunda dos utentes. A pedagogia tradicional, fomentada no livro e na escrita, desenvolveu um tipo de atenção sensorial que não é talvez, pela própria natureza das coisas, o mais adaptado às diversas matérias do ensino nem às diferentes idades.

A projecção da cultura e da técnica na construção civil

Encerra-se amanhã, no Sindicato Nacional dos Construtores Cíveis, o ciclo de conferências subordinado ao tema «A projecção da cultura e da técnica na construção civil». Na sessão de encerramento, que principiará às 21 e 30 e será presidida pelo juiz conselheiro dr. Renato Gonçalves Pereira, os oradores serão os srs. Joaquim Alves de Abreu, sobre «Evolução da mão-de-obra e sua proporcionalidade na aplicação» e o sr. José do Espírito Santo Silva, que versará o tema «A conveniência de mais ampla cooperação entre os engenheiros, arquitectos e construtores civis».

O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se a venda no SALÃO ROYAL, em CASTELO DE VIDE, no próprio dia.

Assim, por exemplo: 1) a criança é atraída por imagens visuais; mas está, também, profundamente marcada pelo ritmo; 2) um estudo dos fenómenos de compensação, feito a partir dos casos reais e de experiências cuidadosas, permitiria uma utilização mais adequada dos meios áudio-visuais e faria crescer o rendimento do ensino.

É desejável que o papel da motivação, em particular no adulto, seja melhor compreendido; disso depende o êxito da educação permanente (por exemplo, teleensino). Isto pressupõe, naturalmente, o estudo da psicologia do adulto sob os pontos de vista da idade da profissão, etc.

III — Os efeitos da introdução dos meios áudio-visuais nos estabelecimentos de ensino deviam também, ser objecto de estudos psicológicos interdisciplinares.

Seria especialmente oportuno:

1) estudar as reacções possíveis dos professores, monitores, alunos, no momento em que, pela introdução no ensino dos meios áudio-visuais, se lhes abrem novas perspectivas, nem sempre sentidas nem compreendidas, imediatamente, pelos que as utilizam;

2) esclarecer os acerca do seu papel respectivo, físico, intelectual, ou moral, de um modo preciso e circunstanciado;

3) esclarecer os administradores e os directores acerca das novas disposições a tomar para tornar mais eficaz a aplicação dos meios áudio-visuais — evitando que os antigos processos de «controle» contrariem os esforços duma metodologia nova que se deve adaptar melhor às necessidades profundas do homem e às exigências da época;

4) evidenciar que, embora a imagem (visual, fixa ou móvel-auditiva, etc.), active o dinamismo psicológico do aluno, a liberdade e a vontade deste continuam intactas.

Voos de verão organizados pelas Secções de Intercâmbio das A.A.E.E.

Constituíram um verdadeiro êxito as viagens organizadas pelas Secções de Intercâmbio das Associações dos Estudantes para férias da Páscoa. Assim, as excursões a Paris, Itália e Copenhague encontram-se com as lotações completamente esgotadas, bem como os três voos entre Lisboa e Paris. Só restam poucos lugares no voo de volta da capital francesa, em avião Boeing 707, no dia 5 de Abril.

É de salientar o interesse sempre crescente dos estudantes universitários em viagens ao estrangeiro, o que tem permitido às Secções de Intercâmbio organizá-las a preços cada vez mais baixos, e sem qualquer subsídio.

Entretanto, estão marcados, podendo os estudantes interessados inscrever-se, desde já, alguns voos, em jactos Boeing 707, para o Verão deste ano. As datas desses voos são as seguintes: No percurso Lisboa-Paris 28 de Junho, 4, 5, 11, 12, 17 de Julho e 1 de Agosto. Nas viagens de volta (Paris-Lisboa) a 28 de Julho e 4, 10, 18 e 30 de Agosto.

Entre Lisboa-Londres estão programados 8 voos, sendo os de ida nos dias 20 de Julho, 3, 17 e 31 de Agosto, e os de volta nos dias 19 de Julho, 2, 16 e 23 de Agosto.

Para todos os estudantes que queiram visitar outros pontos, estão asseguradas ligações com os principais centros da Europa, em condições vantajosas.

As inscrições podem ser feitas em Lisboa, nas Secções de Intercâmbio do Técnico, Direito Económicas, Ciências Sociais e Política Ultramarina, Agronomia e Estudos Sociais; em Coimbra, no Centro Académico de Democracia Cristã (C. A. D. C.); e no Porto, na Secção de Intercâmbio da C. P. A. de Engenharia.

Ora essa vontade livre — e o mesmo se dirá quanto ao professor — pode manter-se indiferente ou hostil, por motivos a determinar.

IV — Os resultados destas diversas investigações assim como os métodos que actualmente utiliza qualquer dos meios áudio-visuais, deveriam ser objecto de ensino ou de uma apresentação perante os estudantes (eventuais professores utentes). Nesta perspectiva, seria vantajoso proceder a inquéritos entre autores, utentes-professores ou utentes-alunos.

Para inauguração da época

Numa festa de campo, em Estremoz, foram apresentados os novos cavalos de José Cortes, que hoje parte para Lourenço Marques, e de seu irmão Afonso que receberá alternativa dada por David Ribeiro Teles, na corrida inaugural do Campo Pequeno, no próximo Domingo de Páscoa. Serão «espadas» o espanhol Carra e o português Fernando dos Santos, que está cortando orelhas em Espanha. Os touros serão da Sociedade de Santo Estêvão, e forçados os do grupo de Manuel Paia.

A Praça do Montijo

A exploração da praça de touros do Montijo foi adjudicada, na próxima temporada, ao sr. Nuno de Salvação Barreto.

José Manuel Pinto

O novicheiro José Manuel Pinto, que se está treinando intensamente, passou a ter como apoderado o bandarilheiro e antigo matador de touros Augusto Gomes Junior.

Fernando dos Santos em Sevilha SEVILHA, 20 — (A. N. I.) — Na Praça de La Pañoleta, nos arre-

dores de Sevilha realizou-se um festiva, em que actuaram o «espada» português Fernando dos Santos (duas orelhas) e o espanhol «E. Bala» (duas orelhas) e os novicheiros «E. Estudante» (duas orelhas), Raul, Castro do México (volta), «E. Avispa» (duas orelhas), «El Leon de Itálica» (duas orelhas e rabo) e Lopez Montoya (volta).

Entrega de «brevets» na Base de Sintra

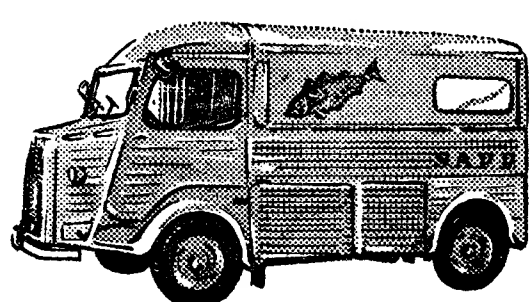
Efectua-se amanhã, às 16 e 30, na Base Aérea nº 1 (Sintra) a cerimónia da entrega de «brevets» aos aspirantes a oficial piloto aviador que concluíram naquela unidade o respectivo tirocínio. O programa da cerimónia inclui um festival aéreo. Preside o secretário de Estado da Aeronáutica e assistem as mais altas patentes da Força Aérea.

No CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO.

PEIXE

MAIS FRESCO MAIS ECONÓMICO

TOME NOTA DA LOCALIZAÇÃO E HORÁRIOS DOS CARROS-PEIXARIAS NOS ARREDORES DE LISBOA



ZONA DE ALMADA:

Carro n.º 13	Costa da Caparica	das 8,50 às 14,00 horas
Carro n.º 14	Palmela (Quinta Anjo)	» 9,00 » 11,50 »
Carro n.º 18	Almada (Lg.º da Feira)	» 8,40 » 13,00 »
Carro n.º 20	Fogueteir.	» 8,50 » 12,10 »
Carro n.º 21	Cova da Piedade (Rua Cabo da Boa Esper.)	» 8,35 » 13,15 »
Carro n.º 24	Charneca	» 9,10 » 13,30 »
Carro n.º 25	Seixal	» 9,05 » 12,30 »
Carro n.º 26	Paio Pires	» 9,10 » 13,10 »
Carro n.º 27	Laranjeiro	» 9,00 » 12,10 »

ZONA DO BARREIRO:

Carro n.º 22	Barreiro (Lg.º St.º Rosário)	das 9,15 às 13,35 horas
Carro n.º 31	Alto do Seixalinho (Rua do Lavradio)	» 9,40 » 12,30 »
Carro n.º 32	Barreiro (Av.º D. Afonso Henriques)	» 9,35 » 13,20 »
Carro n.º 33	Quinta da Lomba	» 13,30 » 14,15 »
Carro n.º 34	Moita (Lg.º atrás C.º Munic.)	» 9,10 » 13,50 »
Carro n.º 35	Barreiro (Lg.º das Palmeiras)	» 9,40 » 12,25 »
Carro n.º 37	Quinta da Lomba	» 12,35 » 13,30 »
Carro n.º 39	Lavradio	» 9,50 » 13,20 »
Carro n.º 46	Palhais	» 13,35 » 13,50 »
Carro n.º 47	Baixa da Banheira (R. 38)	» 9,50 » 12,30 »
	St.º António da Charneca	» 12,50 » 13,45 »
	Baixa da Banheira (Largo da Igreja)	» 9,45 » 12,50 »
	Alhos Vedros	» 13,00 » 14,05 »
	Alhos Vedros (Lg.º Sociedade)	» 9,30 » 14,45 »
	Sarilhos Grandes	» 9,50 » 11,35 »
	Sarilhos Pequenos	» 11,50 » 14,10 »

ZONA DE CASCAIS:

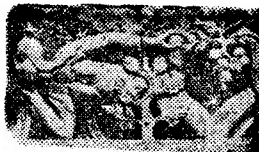
Roulotte n.º 1	Galiza	das 9,30 às 13,00 horas
Roulotte n.º 2	Alcabideche	» 9,20 » 13,00 »
	Alcáñor	» 13,20 » 13,45 »
	Manique	» 13,55 » 14,50 »
	Bicesse	» 14,55 » 15,20 »
Roulotte n.º 3	Torre	» 9,00 » 11,15 »
	Escola Municip.	» 11,20 » 12,25 »
Roulotte n.º 6	Paide	» 9,20 » 12,50 »
Carro n.º 36	S. Pedro Estoril	» 9,20 » 13,10 »
Carro n.º 38	Fontainhes	» 9,00 » 12,50 »
	Alvide	» 12,55 » 13,30 »
	Abuxarda	» 13,55 » 14,20 »
	Amoreira	» 14,25 » 15,10 »

ZONA DE NOVA OEIRAS:

Carro n.º 10	S. Domingos de Rana	das 8,45 às 12,10 horas
Carro n.º 11	Abóboda e Trajouce	» 12,18 » 13,58 »
Carro n.º 12	Beirra das Caixas	» 8,37 » 12,20 »
	Nova Oeiras	» 12,25 » 13,05 »
	Carcavelos	» 9,00 » 12,00 »
	Sassoeiros e B. Novo	» 12,10 » 15,00 »
Carro n.º 16	Caxias	» 9,00 » 12,30 »
Carro n.º 17	Bairro Restelo	» 8,40 » 10,00 »
	B.º Caramão Aluda	» 10,10 » 13,10 »
Carro n.º 19	Oufurela	» 9,00 » 12,00 »
	Carnaxide e Queijas	» 12,10 » 14,15 »
Carro n.º 23	Queluz	» 9,00 » 12,10 »
Carro n.º 28	Odivelas	» 9,00 » 13,00 »



SERVICO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAIS



Nas classes debilmente económicas o trabalho feminino é imprescindível

A resposta que hoje publicamos foi uma das últimas que nos trouxe o correio. É óbvia a razão da preferência. Congratulamo-nos com as directrizes que o pensamento juvenil está a tomar. Através deste depoimento podemos imaginar um futuro mais aberto, mais profundamente digno para o casal humano. Abranger os problemas na sua totalidade é um dom admirável, que engrandece o homem. Por isso felicitamos o estudante universitário, de 22 anos, solteiro, cujas respostas publicamos a seguir:

1—Qual a sua concepção da mulher ideal? Que qualidades considera indispensáveis no sexo feminino?

R.—Citarei como qualidades indispensáveis, a inteligência, a cultura, boas aptidões de trabalho, o interesse pelos problemas humanos, uma mentalidade aberta, livre de preconceitos, a ternura, a feminilidade, a tolerância. Será esta, para mim, a mulher ideal.

2—Como imagina a mulher do futuro?

R.—Será mais mulher em todos os campos. Acabará com certas barreiras que ainda a impedem de ascender ao lugar que merece. Lutará pela unificação da moral e da lei (no caso português). Attingirá plena dignidade no campo profissional e social. Estará mais apta a sentir-se realizada como mulher, no amor e na maternidade. Terá por certo um papel mais activo a desempenhar em toda a sociedade moderna.

3—Qual a sua opinião acerca do trabalho profissional da mulher? Acha-o incompatível com as suas atribuições de mãe e dona de casa? Porquê?

R.—O trabalho profissional feminino é uma das formas da mulher se realizar como ser humano. Dá-lhe autoconfiança, possibilidades de contacto humano e, sobretudo, independência económica. A mulher casada, dependente economicamente do marido, pode estar sujeita aos mais variados e humilhantes abusos. A mulher solteira, sem actividade profissional, terá de recorrer à caridade alheia. Incompatível?

Sejamos realistas (Notar que nas classes com debilidade económica o trabalho é uma necessidade imperiosa. O orçamento familiar não pode dispensar a participação monetária da mulher).

No caso português, se se dispensasse a mão-de-obra feminina, o país entraria em colapso económico. Não estará a indústria, a agricultura dependente dela? Ou será que só se pensa em incompatibilidade quando se fala da mulher tradicionalmente burguesa? Será esta a única representante da população feminina portuguesa? Nos moldes actuais, é um esforço tremendo que se pede à mãe profissional. Há him que protegê-la. Criar-lhe condições de trabalho que sejam compatíveis com a sua posição de mãe e mulher casada. Mais ainda. Não encarar o trabalho profissional feminino, no aspecto de salários, como um complemento do ordenado do marido. É humilhante. E a mulher é responsável. Ocupando lugares como ordenados indignos, baixa o nível a profissão que exerce, prejudica o seu companheiro masculino e assim não haverá progresso.

O apologismo da cultura de «almofada e bastidor»

4—Como gostaria que decorresse a orgânica do seu lar? Participa na sua elaboração ou deixa isso à inteira responsabilidade da sua esposa? Se não é casado, como espera proceder?

R.—Sendo a casa de ambos, os inevitáveis trabalhos domésticos terão que ser resolvidos em comum. É justo que haja uma divisão de tarefas.

5—Como encara a ajuda masculina nos trabalhos domésticos, se a sua esposa não tem criada e trabalha fora do lar? O homem solteiro pode responder em perspectiva do futuro.

R.—Acho-a, como disse, indis-

pensável. Se a mulher trabalha fora do lar se não tem pessoal auxiliar, porque razão terá de ser da sua exclusiva responsabilidade um trabalho que é para benefício de todos? É tempo de se acabar com certos preconceitos, com a posição comodista e egoísta do marido tradicional português.

6—Que pensa da cultura e promoção feminina? A mulher de hoje estará ou não mais apta a compreender o amor e a ter socialmente uma posição definida?

R.—A cultura feminina é indispensável. A mulher ignorante nunca poderá progredir profissionalmente, ser boa esposa e boa mãe. Não lhe basta o seu instinto maternal. É preciso cultivá-lo. Toda a mulher tem o direito de receber cultura através da escola e o dever, por esforço próprio, de se instruir. No nosso caso, este dever tem como principal travão o factor económico. O nível de vida e consequente poder de compra é baixo. Como poderá, portanto, dispor de uma verba económica para uma autocultura? A escolaridade mínima é de 6 anos. Obtem-se, porventura, uma maturidade intelectual, neste espaço de tempo, para essa autocultura? Em grande número, a adolescente é obrigada ao abandono da escola demasiado cedo, sempre por motivos económicos. Ou falta de meios ou exploração do seu trabalho para aumento do pobre pecúlio familiar. Haverá progresso sem quadros evoluídos? Mas há mais. Há as mentalidades do marialvismo contemporâneo. Os apologistas da cultura «de almofada e bastidor» que consideram as escolas superiores «mais próprias da mentalidade varonil». Defendem que é contrário à natureza feminina a escolaridade para além da puberdade. Mas, apesar de tudo, este direito da mulher portuguesa está conquistado. Faltam-lhe sim, os meios económicos.

A promoção feminina em Portugal é um facto. Está ainda na infância, mas existe. É a luta contra a servidão, contra a desigualdade, imposta durante séculos pelos mais variados pensadores e apóstolos. D. Francisco Manuel de Melo, o patrono dos marialvas, como lhe chama e bem José Cardoso Pires «Cartilha do Marialva», previa o inevitável na sua «Carta de Guia de Casados» ao avisar que «estava á conta dos homens honrados» «que isto fosse o mais tarde que pudessem ser». Mas o desastre, com a corrupção da índole feminina e da dignidade materna que constitui um alarmante sintoma de prevariação de toda a família (para ele e seus actuais discípulos) deu-se. A semente está lançada. Compete aos homens de mentalidade arejada, acarinhá-la e defendê-la.

A mulher moderna tem, é evidente, uma posição social definida. Ninguém lhe pode negar excepto, é claro, esses tais pensadores baffentos.

A mulher que na sua promoção profissional e social encare o homem como um rival em vez de um companheiro optando pela luta e concorrência, terá dificuldade em amar e ser amada como mulher.

Um mito: a política da mulher é a política da casa

7—Porque se nota, em geral, um tão acentuado desinteresse da mulher pelas questões políticas? A participação da mulher nesse sector tão importante na vida das nações e no rumo dos povos não será de desejar?

R.—Este desinteresse em países politicamente menos evoluídos é um facto real. Tal desinteresse traduz um estado de avitaminose política. E porquê este estado? Sempre foi a mulher portuguesa limitada nos seus interesses sociais, humanos, políticos. Criou-se o mito de «a política da mulher é a política da sua casa». Política de «almofada e bastidor» como lhe chamaria o nosso D. Francisco Manuel de Melo. Passaram três séculos, o estado actual é o mesmo. A política é arte para além do entendimento da população. Só elites es-

clarecidas e privilegiadas a podem compreender. Tal modo de pensar leva à indiferença, à despolitização popular.

Claro que toda a mulher tem obrigação de participar nos actos políticos do seu país. Tem o dever de se informar, de saber como caminha e para onde vai o seu país. E isto é apesar de tudo o trivial. Mas seria preciso educação cívica.

8—A mudança quase radical na personalidade feminina, na última centena, motivou a própria transformação do homem. Quer definir o homem actual?

R.—O homem actual, o que acompanha, aceita e defende essa mudança na personalidade feminina é, para a mulher, mais camarada, mais compreendido, mais tolerante. Encontra na sua nova companhia outros motivos de interesse, de admiração e até de sedução. Terá que condenar as morais duplas, a educação baseada na virtude e santa ignorância, a chamada «fiei» e honesta sujeição da mulher ao marido.

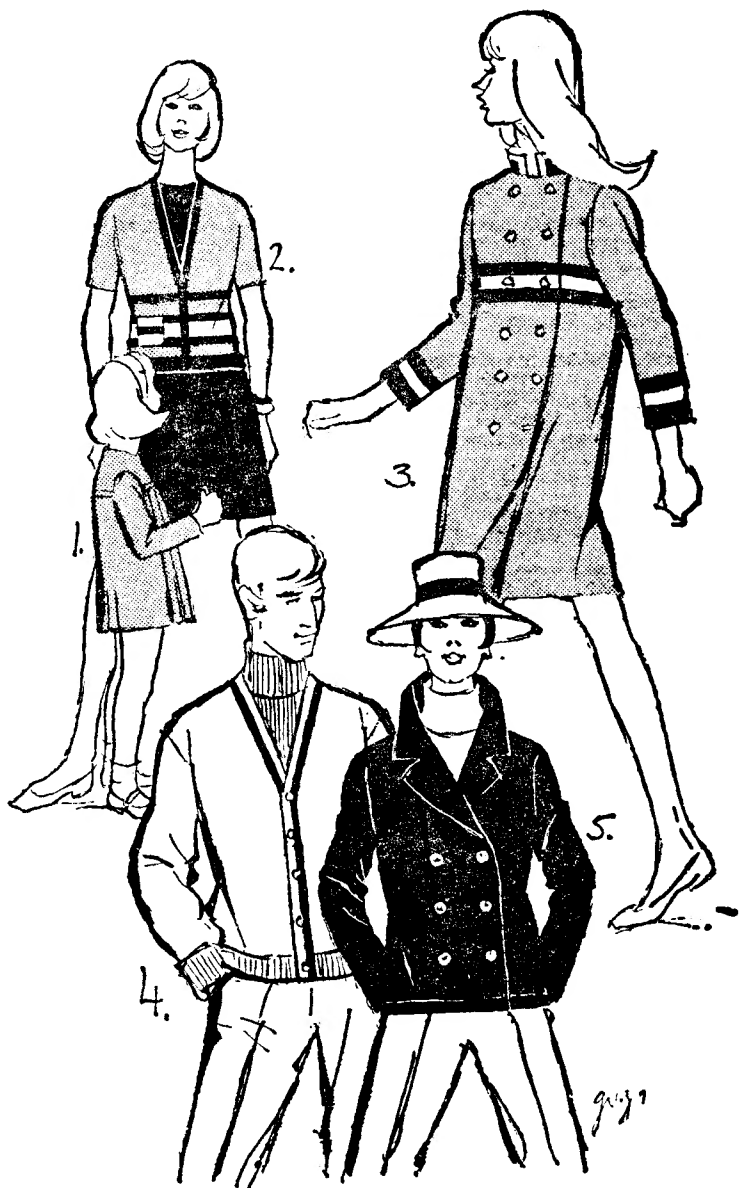
9—Que pensa do patriarcado e matriarcado e do novo regime ainda em esboço, das relações entre os dois sexos?

R.—Tanto o patriarcado como o matriarcado são duas formas rígidas na relação entre os dois sexos. Logo, são condenáveis. Em qualquer dos dois sistemas tende-se sempre para o despotismo em relação ao sexo subjugado. As profundas diferenças de idade, de formação moral e intelectual, a sujeição da mulher, a obrigação do marido em assegurar a subsistência da mulher-criança, etc., etc., que tradicionalmente asseguravam a boa harmonia conjugal, são hoje, neste novo esboço de relações, entre os dois sexos, obstáculos à verdadeira compreensão e camaradagem que deve unir duas pessoas que procuram resolver em comum os seus problemas. Será este o novo regime para o qual tenderão todos os seres humanos.

10—Importar-se-ia ser dirigido profissionalmente por uma mulher? Porquê?

R.—Qualquer indivíduo (mulher ou homem) a quem reconheça boas qualidades de chefia e competência profissional será, para mim, um bom chefe. Logo, aceite-o.

NOTA — Lector, ainda está a tempo de enviar o seu depoimento. Não deixe de emitir as suas opiniões. Deve indicar a idade, profissão e estado civil.



«Tricots» para a Primavera

1 — Dorothée-Bis-Bis: vestido de criança de «jersey» de lã cor-de-cereja; 2 — Rodier-Club: Gilet e «pull-over» às riscas dando um efeito de cintura alta; 3 — A vagoff: casaco de «Groom» confeccionado em grosso jersey de lã penteada, com riscas azul-marinho e branco; 4 — Korrgan: casaco de malha para homem sobre uma camisola de gola alta; 5 — Fimwear: casaco azul-marinho, de lã «Woolmark», sobre uma camisola branca de gola alta

ASSEMBLEIAS GERAIS

Banco Comercial de Angola

Reune-se amanhã, às 16 horas em Lisboa, a assembleia geral do Banco Comercial de Angola, com sede social em Luanda, para apreciação e votação do relatório e das contas do conselho de administração.

Estaleiros Navais de Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 20. — Reu-

ni-se esta manhã a assembleia geral ordinária dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, perante a qual o sr. dr. Luís de Lacerda, presidente do conselho de administração, usou da palavra para apresentar um resumo da actividade no ano findo.

A assembleia aprovou, por unanimidade o relatório e as contas, que apresentam o saldo de 2 137 779\$80, e congratulou-se com a actividade dos estaleiros.

Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa

A assembleia geral da Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa está convocada para reunir-se às 21 horas do próximo dia 30, na sede do Sindicato N. dos Profissionais de Enfermagem — P. do Marquês de Pombal, 6, 3.º Dt.º — para apreciação e votação do relatório e das contas do ano findo. Se não houver quorum, a assembleia funcionará uma hora depois em segunda convocação.

FOI ENCONTRADO NA PIRÂMIDE DE GIZÉ O RUBENS QUE DESAPARECERA

CAIRO, 20 — (A. N. I.) — Foi descoberto na pirâmide de Gize, sem ter sofrido o menor dano, o quadro de Rubens «Duas faces», roubado na quinta-feira do museu de Gezira, no Cairo, e que vale cerca de oito mil contos.

O vice-chefe do Governo e ministro da Cultura, Tharwat Okaka, declarou aos jornalistas que a descoberta foi possível devido a uma carta, enviada por quatro jovens, que descreveram o local onde o quadro se encontrava e declaravam ter planeado e executado o roubo para chamar a atenção das autoridades para a falta de segurança, que rodeia os tesouros de arte.

YBARRA & C.^{IA}, S. A.

SEVILHA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

«CABO SAN ROQUE»

14 DE ABRIL

TENERIFE
RIO DE JANEIRO
SANTOS
MONTEVIDEO
BUENOS AIRES

PARA:

LEIXÕES, VIGO e BILBAU

«MONTE UMBE»

15 DE ABRIL

PARA:

MEDITERRÂNEO

«CABO SAN VICENTE»

21 DE ABRIL

ALGECIRAS
BARCELONA
GÉNOVA

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGÊNCIA MARÍTIMA
TRANSATLÂNTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-F, 1.º
Telefone 32 72 64

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO
& C.ª, LDA.
Rua Nova da Afândega, 12
Telefone 2 84 21/7

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco a moderado de Nordeste por influência de um anticiclone centrado a noroeste da Península Ibérica.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Monte Estoril, 24,2; mínima: Penhas da Saúde, 2.

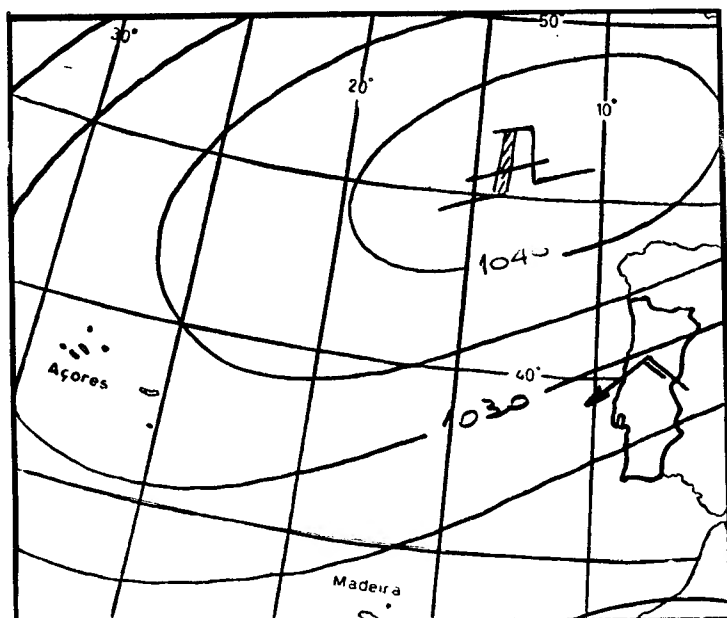
TEMPERATURAS DO AR AS

9 HORAS — Coimbra, 14; Faro, 16; Funchal, 16; Lisboa, 14; Penhas Douradas, 9; Portalegre, 16; Porto, 13.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 16,1; na água do mar, 14,8.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS — Máxima, 21,6; mínima, 12,6. No mesmo dia do ano passado — Máxima, 16,7; mínima, 7,8.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognósticos para as 24 horas de hoje)

- A — Anticiclone (alta pressão)
- B — Depressão (baixas pressões)
- Isóbaras (mb)

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 21 — Continuação do bom tempo.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ



Céu limpo; vento fraco ou moderado de nordeste

SOL

AMANHÃ
Nascer às 7 e 41
Ocaso às 19 e 49

MARES

PREIA-MAR: Dia 20 — As 11 e 10 (3 m); 23 e 45 (3,2 m). Dia 21 — As 12 e 40 (3,2 m). Dia 22 — As 0 e 59 (3,5 m); 13 e 40 (3,4 m).

BAIXA-MAR: Dia 20 — As 4 e 18 (1,8 m); 18 e 28 (1,7 m). Dia 21 — As 5 e 49 (1,6 m); 18 e 28 (1,7 m). Dia 22 — As 7 e 02 (1,3 m); 19 e 20 (1,4 m).

FASES DA LUA

☾ Dia 26 ☾ Dia 1 ☾ Dia 9 ☾ Dia 17

O DISCO DO ANO!



ARTUR GARCIA

CANTA:

«PORTA SECRETA»

A canção que venceu esmagadoramente o escrutínio entre os leitores do jornal «O Século», obtendo cerca de 100.000 votos mais que a segunda classificada



«O VENTO MUDOU»

Agora, na voz que identifica o nosso melhor artista de «music-hall»

«SOU TÃO FELIZ»

Outra bonita melodia do Grande Prémio TV



«COIMBRA É MAIS DO QUE SE DIZ»

Uma das mais felizes composições dedicadas á bela cidade do Mondego

JÁ À VENDA APENAS POR
45\$00

GRAVAÇÃO MARFER, EDIÇÃO DA

GRANDE FEIRA DO DISCO

Rua Forno do Tijolo, 25-C — Lisboa — Tel. 833476



ARTUR GARCIA

ESTARÁ AMANHÃ, ÀS 17.30, NA SECÇÃO DA

GRANDE FEIRA DO DISCO

NA CASA AFRICANA, RUA AUGUSTA, 161

PARA APRESENTAR ESTE SEU NOVO DISCO E DAR AUTÓGRAFOS E FOTOS COLORIDAS COM A LETRA DA CANÇÃO «PORTA SECRETA»

OBRAS EM MAFRA

A Câmara Municipal de Mafra foi autorizada a contratar com o Comissariado do Desemprego um subsídio reembolsável, no montante de 900 000\$00, destinado aos seguintes fins: construção da estrada municipal n.º 539-1, 550 000\$00; Casas dos magistrados, 350 000\$00.

AUMENTOU DE PREÇO um jornal diário argentino

BUENOS AIRES, 20 — A. N. I.) — O diário «La Nación» anuncia o aumento de preço de cinco pesos. O jornal dos dias úteis passa a custar vinte pesos e o de domingo trinta



Camiões para todos os fins

3.500 a 15.000 KGS. DE PESO BRUTO

SOREL

EXPOSIÇÃO E VENDA
RUA TOMÁS RIBEIRO, 97-A - TELEF. PPCA 58111 (6 LINHAS)

ESTAÇÕES DE SERVIÇO-OFFINAS
RUA FILIPE FOLQUE, 12 - TELEF. PPCA 58111 (8 LINHAS)
RUA D. LUIS I, 28 - TELEF. PPC 66 27 55 - 66 58 49

LISBOA

OPEL • CHEVROLET • BUICK • CADILLAC • OLDSMOBILE

CONCESSIONÁRIA DA



Mais de 6 000 vezes renderá o seu dinheiro!

Multiplicarão mais de 6'000 vezes o seu dinheiro, os compradores dos bilhetes ou fracções da lotaria da Páscoa que vierem a ganhar a sensacional «taluda» de doze mil contos, no próximo dia 25 — um sábado.

NECROLOGIA NOTÍCIAS DE AVEIRO

FALECIMENTOS

D. Maria da Assunção de Sousa Coutinho (viscondessa de Santarém)

Faleceu D. Maria da Assunção de Sousa Coutinho, viscondessa de Santarém, senhora dotada de modestia natural, cativante na simplicidade de trato e na finura do espírito brilhante, era bondosa e dedicada a vários organismos de propaganda cristã, Acção Auxiliar aos Seminários, Associação das Escravas do Santíssimo Sacramento, etc. Filha dos 3.ºs marqueses do Funchal e casada com o 3.º visconde de Santarém, pertencia a distintas famílias portuguesas.

FUNERAIS

Coronel João Maria Penteado Pinto

Para o Talhão dos Combatentes, no cemitério do Alto de São João, saiu, esta tarde, da igreja de São Jorge de Arroios, o funeral do sr. coronel João Maria Penteado Pinto, no qual se incorporaram pessoas de várias categorias sociais, predominando militares. Oficial prestigioso, com larga folha de serviços, alistara-se aos 18 anos, como voluntário, e ingressou no corpo de oficiais da administração militar, no posto de alferes; prestou serviço na Guiné e em Angola. Fez parte do C.E.P., em França, na primeira Grande Guerra. Prestou, depois, serviço em vários organismos do Ministério da Guerra e de outros ministérios. Promovido a coronel em 1936, foi nomeado chefe da 3.ª Repartição da 2.ª D. G. daquele Ministério e exerceu, interinamente, as funções de administrador-geral do Exército, nas quais se manteve algum tempo, após a sua passagem à situação de reserva em 1940.

Possuía numerosos louros e condecorações, incluindo duas medalhas militares de ouro e uma de prata de bons serviços; o Grande Oficialato de Ordem Militar de Avis; a Comenda da Ordem de Cristo; a medalha comemorativa da campanha de França e a medalha da Vitória.

D. Josefina Lídia Gomes dos Santos Fernandes

Da igreja do Santo Condestável para jazigo no cemitério dos Pra-

zeres, saiu hoje, com grande acompanhamento, o funeral de D. Josefina Lídia Gomes dos Santos Fernandes, senhora virtuosa, esposa e mãe extremosa. Contava 84 anos, era natural de Lisboa, viúva do sr. capitão Augusto da Silva Fernandes, mãe das sr.ªs D. Judite Fernandes de Sanches Osório, professora do ensino técnico, casada com o sr. Eduardo Germano Henriques de Sanches Osório, director da Agência Atic, D. Iolanda Fernandes Ferreira, dos Serviços Sociais da Junta Central da Casa dos Pescadores, casada com o sr. José Julio Ferreira, funcionário da Caixa de Previdência da Indústria Hoteleira, e D. Fernanda Fernandes Gonçalves Henriques, também professora do ensino técnico, casada com o sr. dr. Fernando Augusto Gonçalves Henriques, sócio-gerente dos Laboratórios Fidédis; avó

do sr. capitão José Eduardo Fernandes de Sanches Osório, casado com a sr.ª dr.ª D. Maria Adelaide de Santos Serra de Sanches Osório; das sr.ªs D. Ana Maria Gonçalves Henriques, estudante da Faculdade de Farmácia, e D. Maria do Rosário e do sr. Nuno Gonçalves Henriques, estudantes do liceu. Deixa dois bisnetos de tenra idade.

SUFRAGIOS

D. Maria Celestina Cunha Correia

Amanhã, às 10 e 30, na capela dos Capuchinhos, em S. Domingos de Benfica, é rezada missa pelo eterno descanso da sr.ª D. Maria Celestina da Cunha Correia, mandada celebrar por seus filhos, sr.ª D. Maria Cecília e do sr. Rogério Cunha Correia.

Refeitório da Caixa de Previdência

AVEIRO, 20 — Foi inaugurado, num prédio da Rua dos Combatentes da Grande Guerra, o novo refeitório do pessoal da Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro. Presidiu ao acto o dr. Manuel Louzada, governador civil do distrito, encontrando-se presentes diversos dirigentes corporativos.

Cursos femininos

Sob a orientação da Missão Feminina da Junta da Acção Social, vão funcionar em breve, na sede do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Aveiro, diversos cursos para as suas filiadas. Haverá lições de Legislação do

trabalho e Previdência Social, Puericultura, Enfermagem, Educação Infantil e Economia Doméstica.

Informação camarária

Pela importância de \$4 601\$00, foi adjudicada a empreitada de pavimentação, a cubos, da Rua de Manuel de Melo Freitas.

— Foi aberto concurso para a empreitada de pavimentação, a cubos, de um troço da estrada camarária entre o Rego da Venda e a Moita, na freguesia da Oliveirinha. A base de licitação foi fixada em Esc. 287 630\$00.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO — Hoje, encontra-se de serviço permanente a Farmácia Moura (telefone 22014), na Rua de Manuel Firmi, no n.º 34-36.



SUBI NA VIDA!

porque me lembrei de recorrer aos serviços do

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

SPRAY-ORAL
halazon

A simpatia faz muito.
Um hálito fresco faz o resto...

Depois de fumar, comer ou beber, para conversar, dançar e conviver.



Mais de 200 pulverizações - Esc. 32\$50

Tomou posse o presidente da Delegação de Turismo da ilha da Madeira

Faleceu há tempos o sr. professor Basto Machado, que desempenhava as funções de presidente da Delegação de Turismo da Madeira. Para o seu lugar foi nomeado o sr. arquitecto Carlos Alberto de Matos Gameiro, que desempenhava até agora no Commissariado de Turismo as funções de chefe da Repartição de Actividades Turísticas.

A cerimónia de posse daquele funcionário fez-se esta manhã, no Palácio Foz, perante o comissário de turismo, amigos e colegas do empossado, deputados e entidades representativas da ilha da Madeira.

A iniciar os discursos, falou o sr. arquitecto Carlos Lameiras, que prestou as suas homenagens ao sr. dr. Paulo Rodrigues. Cumprimentou depois, sucessivamente, o comissário do turismo, o comissário-adjunto e as entidades oficiais e privadas da ilha. Recordou depois, sucintamente, o seu antecessor no cargo. O empossado afirmou a seguir que o bom êxito da sua tarefa só poderá surgir mercê dos esforços de boa vontade e dedicação, acentuando que «nestas circunstâncias, terá — antes de elaborar planos e programas — de cativar esforços humanos e reunir matéria para uma acção útil, como quota-parte de contribuição justificativa do lugar de confiança, para que foi escolhido».

Falou depois o sr. eng.º Alvaro Roquette, que recordou que «cedo se concluiu pela decisão de conferir à Madeira uma alta prioridade no âmbito de um plano geral para o desenvolvimento turístico do País. Em fins de 1964, o sr. subsecretário de Estado da Presidência deslocou-se ao Funchal, onde presidiu ao Conselho de Turismo da Madeira, a fim de auscultar os anseios locais através dos representantes dos sectores oficial e privado, logo se tendo definido uma linha de rumos».

«Organizados que foram os estu-

dos preliminares sobre o aproveitamento turístico da Madeira e outros trabalhos subsequentes respeitantes a zonas específicas do arquipélago — de que é exemplo Câmara de Lobos — e tendo em conta as medidas já tomadas no sector da preparação profissional, do que resultou a criação da Escola Hoteleira cuja instalação se encontra em curso, entende-se ter chegado a altura da passagem a uma fase executória.

E porque assim é deseja o sr. subsecretário de Estado da Presidência voltar a reunir-se dentro em breve, no Funchal, com o Conselho de Turismo, para que, exposto um plano de acção e ouvidos os sectores interessados, se entre decididamente na fase de execução desse mesmo plano.»



O sr. arquitecto Carlos Lameiras pronuncia o seu discurso. Junto estão os comissário e comissário-adjunto do Turismo

CINECLUBES PORTUGUESES

Em onze anos de existência o Cine-Clube de Faro realizou 210 sessões de cinema

A partir de 1945, alastrou o interesse pelo cinema como fenómeno artístico e cultural, a consciência de que se impunha desenvolver o sentido crítico do espectador, a ambição de criar as condições necessárias à dignificação e florescimento do cinema nacional e a necessidade de extrair do fenómeno filmático o seu contributo positivo à formação e informação do grande público (o que implicava o combate à tendenciosa deformação provocada por um cinema comercial doentio e por uma pseudo-crítica irresponsável). Assim nasceu o movimento cineclubista, iniciado por algumas individualidades efectivamente interessadas pelos problemas do cinema e do espectador, movimento que a breve trecho se alargou a todo o País, interessando vivamente algumas dezenas de milhares de pessoas, incluindo a gente nova.

Depois de um período de entu-

siasmo e extraordinário desenvolvimento, os cineclubes — cuja acção foi das mais dinâmicas e mais profundas que se verificaram ultimamente entre nós, chegando a ser, em muitas localidades, o único centro de interesse pelas artes e pela cultura — conheceram, depois, crises e vicissitudes de vária ordem. Em face de limitações e dificuldades, muitos sobograram. E mesmo aqueles que sobreviveram (por possuírem maior base de sustentação do que o simples entusiasmo de meia dúzia de amigos do cinema e da cultura), entraram a agir num ritmo mais lento ou numa actividade de total isolamento, conducentes a uma crise ainda maior, que foi longa e manifestamente prejudicial aos altos objectivos em vista.

Na altura em que estas colectividades, que indiscutivelmente ampliaram o panorama cultural português, tentam sair um pouco da neblina que as parecia envolver, talvez seja oportuno dar alguns informes sobre a sua situação actual. Dos cineclubes que responderam ao pedido de informações que lhes solicitamos, conta-se o Cine-Clube de Faro, que completará, a 4 de Abril próximo onze anos de existência. Por isso o escolhemos para abrir esta série de notas sobre a posição dos cineclubes portugueses.

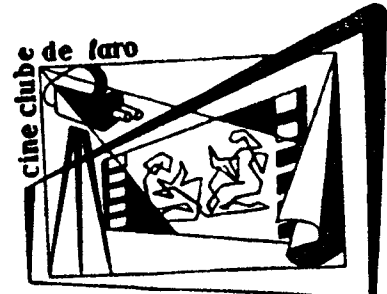
O único cineclube algarvio em actividade

O Cine-Clube de Faro, fundado em 6 de Abril de 1956, é o único que se mantém em actividade no Algarve. Todos os outros estão praticamente extintos ou adormecidos. Também o Cine-Clube de Faro, passados os entusiasmos dos primeiros anos, entrou em crise, começando a debandada dos sócios. Foi a fidelidade da sua massa associativa mais dedicada e ao esforço e tenacidade de alguns dos seus dirigen-

tes que a colectividade deve a sua sobrevivência e a sua lenta, mas segura recuperação.

Presentemente, o Cine-Clube de Faro conta cerca de 800 associados, que pagam uma quota mensal de 10\$00, com direito a duas sessões por mês. O clube organiza ainda algumas sessões infantis.

A sua vida financeira está presentemente equilibrada, mas não permite grandes iniciativas, pois a



receita mensal é absorvida pelas despesas obrigatórias: aluguer de filmes, aluguer do cinema, aluguer da sede, impressão do programa, etc.

Por isso, a colectividade procura aumentar a sua massa associativa para mil sócios, o que lhe daria um maior desafogo financeiro — dado que não recebe qualquer subsídio.

Em 1966, o clube beneficiou de um grande impulso, por se verificar um sensível afluxo de sócios. Durante a comemoração do décimo aniversário, o crítico Silva Tavares, o actor Igrejas Caeiro e a actriz Isabel de Castro, esta na sessão em que foi apresentado o filme português «Domingo á tarde».

Embora lutando com evidentes dificuldades de programação — que o «veto» do cinema onde se efectuam as sessões não chega para explicar — a manifesta pobreza de textos dos programas, a denunciar a falta de um grupo de trabalho com um mínimo de formação e informação cinematográfica, o Cine-Clube de Faro mantém, galhardamente, no Algarve, a função cineclubista, preparando-se para comemorar, condignamente, o seu 11.º aniversário. O importante foi subsistir. O resto virá, a pouco e pouco.

Os seus actuais corpos gerentes são assim constituídos:

Assembleia geral — Presidente, dr. Armando José Rocheta Cassiano; vice-presidente, eng.º Tito Olívio Henriques; 1.º secretário, Gilberto Camilo Carvalho Santos, e 2.º secretário, Rui Gordinho Rebocho.

Direcção — Presidente, Fernando Dourado de Almeida; vice-presidente, Rui Vitor de Almeida; secretário, António Gomes Afonso; tesoureiro, António José O'Brien Oliveira; vogais, José Maria de Sousa Santos, Manuel Viegas Pires e Joaquim António Sequeira.

Conselho fiscal — Dr. Afonso Joaquim Baptista, José de Sousa Guerreiro Lapa e José Joaquim O'Brien Oliveira. — M. de A.

«SOU FELIZ

— RESPOSTA DE QUANDO LHE QUAL O PREÇO

A figurinha gentil de uma criança chamada Mireille Mathieu — cujo nome a Europa pronuncia com admiração depois de escutar a sua voz espantosa — apareceu aos jornalistas (que durante toda a manhã a aguardaram no Ritz) apenas ao princípio da tarde, depois de um banho de sais e de conferências com o seu empresário, o senhor Johnny Stark, fazedor de vedetas e verdadeiro cão de guarda daquelas que acompanha.

— Não, Stark não é um tirano, não é um ditador. Ele faz-me ganhar tudo aquilo que ganho e fez de mim o que hoje sou e é um bom amigo — disse a jovem de 19 anos, Mireille, que cora e titubeia quando lhe põem um microfone á frente sem ser para cantar. (Assim sucedeu hoje, ao dirigir aos ouvintes de Maria José Balaia uma saudação que esta conhecida locutora da nossa Rádio lhe pediu).

— Piaff foi única e ninguém pode dizer que eu sou a «segunda Edith». A minha voz poderá ter semelhanças com a dela, mas eu sou Mireille e ela é Piaff.

(«Somos 14 irmãos numa pequena cidade chamada Avignon. Foi ali que comecei cantando, ainda pequena, em casa, na escola e na igreja. Adoro crianças. Por isso mesmo ontem cantei no Orfanato Santa Isabel, durante a noite, e senti-me feliz por o fazer»).

Disseram-nos depois que Mireille cantara para as crianças, encantadas pela bela voz de uma pessoa que ficaram a conhecer sem a intervenção de uma perfeita máquina de publicidade que acompanha Mireille, mesmo até Lisboa.

Sobre Lisboa, sobre os portugueses, Mireille disse o que tradicionalmente todos os que nos visitam costumam dizer: («País encantador, sol maravilhoso, gente extremamente simples»).

Johnny Stark, o «grand Seigneur» de patilhas grisalhas com ar de mordomo de família antiga, escutava as perguntas e respostas com os seus olhos azuis frios, que no entanto sorriam amavelmente quando os repórteres se lhe dirigiam.

Quando o nosso repórter perguntou a Mireille se ele era de facto um tirano, os grandes olhos aparentemente inexpressivos da cançonetista correram a sala buscando-o. E a sua voz desceu de tom quando disse que «não senhor, é um grande amigo».

Na sala está uma jovem alta de mini-saia que respeitosamente cumprimentou Stark. Ele beijou-lhe a mão e uma componente do trio vocal que, com Mireille, cantará amanhã no Império. E há um jovem guedelhudo Dizem-nos que é um dos tais, os da publicidade, pois com Mireille vêm dois redactores (?) e uma equipa de fotografia e cinema.

«Dos franceses, adoro Aznavour e Bécud e aprecio imenso, também, Sinatra e Fitzgerald

— Em França, que cançonetistas mais admira?

— Aznavour e Bécud.

— E mais?

— Gosto imenso de Ella Fitzgerald.

— Então, e Sinatra?

— Oh lá, lá, é sem dúvida um dos grandes. Canta maravilhosamente.

— Mireille, qual é o preço do êxito?

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

— Não sei.

Atirou ao rio os quatro filhos

LE MANS, 20. — (F. P.) — Um pai atirou os quatro filhos ao rio e lançou-se atrás deles. Acabou, porém, por salvar duas das crianças, vencido, talvez, pelo remorso e pelo instinto de conservação.

O tribunal tinha concedido ao pai o direito de ver os filhos ao domingo. Deste modo, Roger Mongault tinha ido buscar as quatro crianças e passeava com elas á beira do rio, quando cometeu o acto de loucura.

Depois de um período de entu-

A primeira Noite de Teatro do III Encontro Europeu de Universitários realiza-se hoje no «Vasco Santana»

Prossegue, hoje, o III Encontro Europeu de Universitários, organizado pelo Colégio Universitário Pio XII, e que tem decorrido com o maior interesse, num excepcional ambiente de convívio. Do programa de hoje destacam-se as seguintes actividades:

De manhã, no Estádio Universitário, realizou-se a 2.ª Jornada desportiva, disputando-se jogos de handebol, futebol, basquetebol e ping-pong, entre universitários espanhóis e portugueses. Seguiu-se, às 12 e 30, uma recepção na residência do sr. embaixador de Espanha.

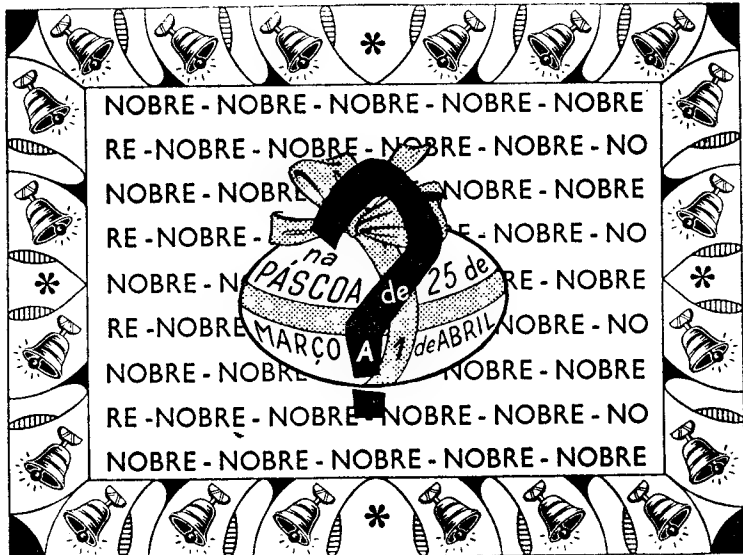
Depois de uma visita aos monumentos de Lisboa, os universitários serão convidados do Instituto do Vinho do Porto, que lhes oferecerá uma recepção no Solar do Velho Porto.

As 21 e 30, no Teatro Vasco Santana, a primeira das «Noites de Teatro». Apresentar-se-ão o Teatro dos Estudantes Universitários do Colégio de S. Bartolomeu, de Salamanca (Espanha), que representará «El Cuervo», de Alfonso Sastre — um dos mais representativos nomes da moderna dramaturgia espanhola, autor neo-realista de primeiro plano —, e o Teatro Universitário de Lovaina, que levará á cena «Conversation Symphonietta», de Jean Tardieu — no exercício teatral que em Portugal foi apresentado há alguns anos atrás, pelo Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra, com encenação de Luís de Lima.

No intervalo, actuará a Tuna

Académica do Colégio Universitário de S. Bartolomeu, de Salamanca, e o Grupo Musical do Colégio Universitário Pio XII.

Amanhã realiza-se, pela mesma hora e no mesmo local, a segunda «noite de teatro», representando-se «A rabeca», de Prista Monteiro, pelo grupo do Colégio Pio XII, e «Fin de partie», de Samuel Beckett, pelo Teatro Universitário de Lovaina.



FELIZ»

POSTA-DE MIREILLE NDO LHE PERGUNTAMOS L O PREÇO DO ÊXITO

uma crian-
Mathieu —
uncia com
utar a sua
eu aos jor-
oda a ma-
tz) apenas
pois de um
nferências
o senhor
vedetas e
a daquelas

um tirano,
faz-me ga-
anho e fez
é um bom
de 19 anos,
beia quan-
ne á fren-
(Assim su-
s ouvintes
a saudação
cutora da

ninguém
segunda
erá ter se-
nas eu sou
numa pe-
ada Avig-
mecei can-
i, em casa,
eja. Adoro
mesmo on-
ato Santa
ite, e sen-
ter»).

ue Mireille
s, encanta-
ma pessoa
sem a in-
rfeita má-
e acompa-
Lisboa,
portugue-
e tradicio-
os visita-
s encanta-
ente extre-

Seigneur»
um ar de
antiga, es-
respostas
frios, que
navelmente
e lhe diri-

er pergun-
a de facto
olhos apa-
os da can-
ala buscan-
eu de tom
senhor, é

em alta de
mente cum-
eijou-lhe a
e do trio
e, cantará
há um jo-
nos que é
publicidade.
dois redac-
de fotogra-

ro Azna-
aprecio
Sinatra e

çonetistas

Ella Fitz-

duvida um
aravilhosa-

preço do

»

A

nho

ha recebe,
Vargas Mo-
ministração

cos,
e-se mais.

MARIA

257

— Mas... sou feliz...
Sempre encontrámos, até aqui, a
melhor compreensão por parte do
pessoal do Hotel Ritz, quando ali
nos deslocámos no exercício da
nossa profissão.

Hoje, lamentavelmente, encon-
trámos por parte da maioria do
pessoal daquele hotel (ascensoris-
tas, funcionários da portaria e até
um subdirector) obstáculos que
não têm razão de existir num país
onde, por norma, os repórteres e
homens da Rádio são correctos,
mesmo quando um serviço exige
certa agressividade.

Compreendemos que o hotel es-
tava apenas a respeitar ordens dos
seus hóspedes, habituados aos
grandes assaltos dos homens da
Informação, onde muitos traba-
lham ao «cachet» e, por isso mes-
mo, «vale tudo» para se obter uma
boa notícia ou entrevista. Não é
no entanto esse o nosso caso. Por
isso é de estranhar a manifesta-
ção má vontade hoje demonstrada aos
representantes dos órgãos da In-
formação. Mesmo quando já havia
ordens do senhor Stark (le patron)
para se subir, os ascensoristas re-
cusavam-se. E se um funcionário
da portaria dizia que sim, corria
outro a dizer que não. Chegou-se
ao ponto do sr. eng.º José Gil, em-
presário do Império, que trouxe
Mireille Mathieu ao nosso País, ter
de pedir por duas vezes para o
deixarem lá ir acima, depois de



Mireille, na varanda do seu quarto, de onde se desfruta uma bela vista

terem dito do quarto que poderia
subir.

Parece-nos que tanta burocracia
acaba por perturbar os hóspedes.
Pelo menos, o tempo que se per-
deu com esta inexplicável desor-
ientação prejudicou o trabalho
dos repórteres que viram as suas
entrevistas reduzidas a perguntas
essenciais. E atrasou Mireille...



Mireille Mathieu foi jantar ao Casino Estoril, onde a vemos em companhia
do conhecido homem da rádio Marques Vidal

Couto PASTA MEDICINAL

Não é uma Pasta qualquer. COUTO... é a
Pasta Medicinal que protege melhor os seus
dentes contra a cárie e defende as gengivas
das várias doenças, que tanto mal podem
causar.

Consulte o seu médico. Mas até lá vá
usando PASTA MEDICINAL COUTO contra
as doenças da boca e suas complicações.

Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias

Os Estabelecimentos Bancários estarão encerrados na Quinta-Feira,
dia 23, a partir do meio-dia e na Sexta-Feira, dia 24, durante todo o dia,
reabrindo no Sábado.

Excepcionalmente, porém, quanto à Sexta-Feira, os serviços do Tesouro
a cargo do Banco de Portugal.

Lisboa, 20 de Março de 1967.

A DIRECÇÃO

Medicamentos importados de avião (alguns para salvar doentes em estado grave) ficam dez a quinze dias no aeroporto à espera de despacho

O movimento de mercadorias no
aeroporto de Lisboa, como ainda
recentemente tivemos ocasião de
referir, tem registado um aumento
verdadeiramente explosivo, haven-
do já uma carreira regular, só para
carga, entre Londres e a capital
portuguesa.

A importação de mercadorias por
via aérea é mais dispendiosa, mas
a rapidez compensa, em muitos ca-
sos, esse inconveniente. Basta pen-
sar que um produto embarcado em
Londres, por exemplo, chega à Por-
tela três horas depois. De modo
que os importadores, quando têm
urgência numa mercadoria, utiliza-
zam o transporte aéreo.

Acontece porém, que essas mer-
cadorias ficam retidas na Alfândega
dias e dias, o que resulta em
prejuízos evidentes e, por vezes,
irreparáveis.

Um exemplo de extrema gravidade

O que sucede na Alfândega do
Aeroporto, que é justificado ape-
nas com a «falta de pessoal», não
é sómente um facto estranho e
anómalo, de que resultam prejuí-
zos de toda a ordem. Assume as-
pectos particularmente graves e
alarmantes no que se refere, por
exemplo, a medicamentos.

De facto, os importadores de me-
dicamentos estrangeiros, quando
lançam mão do transporte por via
aérea, é porque tais medicamentos
estão a ser necessários imediata-
mente. Pois, tal como acontece com
outros produtos, os medicamentos
ficam no aeroporto a aguardar des-
pacho, dez e quinze dias.

Recentemente, foi pedido a Lon-
dres um antibiótico destinado a um
doente que se encontrava em esta-
do grave num hospital de Lisboa.
Dada a particular gravidade do ca-
so, o despacho foi preparado e apre-
sentado ao verificador da Alfândega,
que só teria que apor a assina-
tura num documento para que o
assunto fosse resolvido. O verifica-
dor voltou simplesmente as costas
dizendo que não tinha tempo!

O que se está a passar com os
atrasos nos despachos das merca-
dorias importadas por via aérea
assume, pois, particular gravidade,
com lamentáveis reflexos na econo-
mia nacional e, até, no prestígio
dos respectivos serviços. No que se
refere a medicamentos, então, afec-
ta valores morais e constitui já

O melhor presente da Páscoa

Encontra V. Ex.ª nas JOIAS,
OURO, PRATAS e RELÓGIOS
do BARATEIRO DE S. DOMINGOS
Rua Barros Queirós, 56

Foi descoberto a tempo

o plano de um meliante para matar e roubar um proprietário

PORTO, 20
Chegara ao conhecimento do co-
mandante do subposto da G. N. R.
em Arcozelo que o pedreiro Eduar-
do Magalhães Soares, de 18 anos,
de Rio Largo, em São Félix da
Marinha (Gaia) se dedicava ao
furto e á vadiagem e que preme-
ditara assaltar, com outros indi-
víduos, a casa do sr. Augusto Pe-
reira de Oliveira, de 68 anos, viu-
vo, proprietário, residente no mes-
mo lugar. Pretendiam assassiná-lo
para o roubar.

No sábado de manhã, aquela au-
toridade levou o Eduardo para o
posto e submeteu-o a apertado in-
terrogatório. Ele, então, desfiou a
trama que urdira. Depois de per-
noitar cerca de dezoito meses em
casa do idoso proprietário, a pe-
dido deste que vivia só e é doente,
dali saiu vai para dois meses, não
sem que antes se apoderasse de
três chaves, duas das portas e uma
do guarda-fato, onde o sr. Augusto
guardava as suas economias. Con-
fessou, também, que lhe roubara
já a quantia de 400\$00, além de
que assiltara, há cerca de três me-
ses, a residência de uma sua tia.
a sr.ª Angela Rosa de Jesus, mo-
radora no lugar de Quintãos, fre-

guesia de Pejeiros, no concelho de
Vila da Feira, furtando-lhe algu-
mas centenas de escudos e um
brinco em ouro.

Continuando na narrativa das
suas proezas, o Eduardo disse, ain-
da, que no dia 8, conseguira rou-
bar um recibo da renda de uma
casa pertencente ao mesmo pro-
prietário, na importância de 200\$00
e juntamente com Carlos Alberto
de Oliveira Graça, solteiro, mar-
morista, morador, igualmente, em
Rio Largo, fora a Sales, em Silval-
de (Espinho), receber a referida
importância, gastando-a depois na
pândega. Ele e o Alberto resolve-
ram emigrar clandestinamente pa-
ra França mas, como não tinham
dinheiro, pensaram então, em as-
saltar o referido proprietário no
sábado à noite, por saberem que
este, nesse mesmo dia, tinha a re-
ceber 5000\$00 provenientes da ven-
de de uma vaca.

O preso, acompanhado pelo res-
pectivo processo, foi enviado á Po-
cícia Judiciária.

O Chefe do Estado convidado a visitar Abrantes e Tomar

O Chefe do Estado recebeu, esta
tarde, em audiência, no Palácio de
Belém, uma representação de enti-
dades oficiais de Abrantes, que,
acompanhada do governador civil
de Santarém, o convidou a assis-
tir, no próximo mês de Junho, a
várias cerimónias integradas nas
comemorações do cinquentenário
daquela cidade.

Pouco depois, noutra audiência
a que também esteve presente o
chefe daquele distrito, o Presiden-
te da República recebeu uma co-
missão de autoridades de Tomar,
que lhe dirigiu convite para pre-
sidir ao acto inaugural do novo
hotel da cidade do Nabão, a efec-
tuar no fim de Abril próximo.

Ourivesaria da GUIA

GARANTIA DE PROBIIDADE
E COMPETENCIA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



A CAROCHINHA

Tem a honra de participar a sua passagem de
modelos para meninas até aos 20 anos, que
se realiza no Hotel Ritz na próxima 3.ª-feira
dia 21, pelas 16 horas.

Locução de MARIA LEONOR

Indispensável a marcação de mesa pelo telefone 726731

ENTRADA POR CONVITES

OURIVESARIA SANTA FILOMENA PRATAS ANTIGAS

UM NOME QUE NUNCA ESQUECE

(em frente ao portão principal do Jardim Zoológico)

A assembleia geral do Banco de Crédito Comercial e Industrial

(Continuação da 1.ª página)

cício daquela empresa de crédito no ano de 1966. Aberta a sessão, usou da palavra o sr. dr. Miguel Gentil Quina, presidente do Conselho de Administração, que numa esclarecedora exposição abordou os principais aspectos do desenvolvimento económico de Angola e Moçambique — províncias onde o Banco de Crédito exerce a sua actividade — e sublinhou o rápido incremento registado no ano findo pela instituição que superiormente orienta. Disse o sr. dr. Miguel Gentil Quina:

«Quando há cerca de ano e meio, se celebrou a escritura de constituição do Banco de Crédito Comercial e Industrial, tive ensejo de focar as grandes linhas de acção que a nova instituição se propunha empreender, pondo em relevo o contributo da banca privada para o aperfeiçoamento dos circuitos monetários e para a prossecução da política de desenvolvimento no território português de África, que com clareza tem sido delineada e superiormente orientada pelo Ministério do Ultramar.

Ao entusiasmo e ao fervor dos seus fundadores, ao espírito de compreensão sempre demonstrado pelas Autoridades Centrais e Provinciais, e bem assim a relevante cooperação e apoio técnico proporcionados pelo Banco Borges & Irmão, ficou a dever-se a possibilidade de inauguração dos serviços do banco decorridos menos de três meses sobre a data da constituição. Em 30 de Outubro e 7 de Novembro de 1965, a nova instituição bancária entrou em funcionamento em Luanda e Lourenço Marques, tomando o seu lugar entre as grandes instituições de crédito que actuam no quadro da vida económica ultramarina.

Por imperativo das disposições que, no nosso País, determinam a coincidência do ano social com o ano civil, o balanço apresentado pelo Banco de Crédito na sua Assembleia Geral Ordinária de Março de 1966 reportava-se apenas à actividade desenvolvida nos primeiros dois meses de funcionamento da instituição. Mesmo assim, já o total dos depósitos se aproximava dos 200 mil contos, os valores da carteira comercial e empréstimos e contas correntes caucionados ultrapassavam os 150 mil contos e o total do activo não estava longe dos 600 mil contos.

Durante o exercício de 1966, o desenvolvimento do Banco de Crédito prosseguiu numa manifestação de dinamismo e capacidade realizadora, que se revela não só na acentuada progressão dos valores mais significativos das suas contas, como na extensão geográfica dos seus serviços, através do estabelecimento de toda uma rede de agências que assegura a presença do Banco em variados centros regionais dos dois maiores territórios da África portuguesa.

Em razão do carácter abreviado do exercício inicial de 1965, não oferece particular significado a análise do crescimento, em percentagem, dos principais valores do balanço, no decurso do último exercício. Mas se, dado o nível em que ainda se encontrava a actividade do Banco nos fins de 1965, não se reveste de interesse particular a observação de que, em 1966, o aumento verificado no total dos depósitos, no volume do crédito concedido e no activo global apresentou valorizações iguais ou superiores a 300 por cento, já a consideração do crescimento destes valores em termos absolutos nos dá a medida do impulso verificado nos principais sectores da actividade do Banco.

Entre Dezembro de 1965 e Dezembro de 1966, a progressão dos depósitos atingiu cerca de 540 mil contos, a da carteira comercial e empréstimos e contas correntes caucionados superou 330 mil contos, a do activo global ultrapassou um milhão e 440 mil contos — números bem expressivos da dimensão adquirida pelo Banco de Crédito em tão curto espaço de tempo.

Com um volume de depósitos que se aproximava de 734 milhares de contos no final do exercício de 1966 o Banco já hoje ocupa uma posição de relevo entre as instituições radicadas no Ultramar, que visam a captação da poupança monetária e sua canalização para aplicações requeridas pelo progresso das actividades económicas.

E o sr. dr. Miguel Gentil Quina acrescentou:

«Para além da consolidação das suas actividades nos grandes centros de Luanda e Lourenço Marques, onde o Banco inaugurou em 1966 as primeiras dependências urbanas — Marginal, na capital de

Angola, e Alto Maé, na de Moçambique —, a implantação da rede de agências constituiu preocupação dominante da Administração. A extensão territorial das duas grandes Províncias — particularmente impositiva no caso de Angola, cuja área corresponde sensivelmente a metade da Europa Ocidental —, a limitação de comunicações rápidas entre os principais centros, que a configuração geográfica de Moçambique põe em evidência, a necessidade de proporcionar o apoio do crédito à política de desenvolvimento de polos regionais visando à progressiva atenuação de disparidades do nível de vida entre as populações — todos estes factores concorrem no sentido de se conferir importância fundamental à disseminação dos serviços bancários pelas diversas regiões que integram os grandes complexos económicos de Angola e Moçambique. O esforço de criação da rede de agências, iniciado em Março de 1966, com a inauguração da agência de Carmo — e a escolha desta cidade, que se situa em pleno coração da zona que foi flagelada pelo terrorismo, não pode deixar de atribuir-se alto valor simbólico, em demonstração de fé e confiança no futuro do Ultramar —, prosseguiu no segundo semestre com a abertura de mais nove estabelecimentos — Nampula, Benguela e Vila Trigo de Moraes, em Julho; Sá da Bandeira, em Agosto; Beira, em Setembro; Lobito, em Outubro; Quelimane, em Novembro; Porto Alexandre e Negage, em Dezembro.

O Banco de Crédito Comercial e Industrial, que hoje se pode orgulhar de ser a única instituição representativa da banca caracteristicamente privada que exerce a sua actividade nas duas grandes províncias portuguesas de África — e que, de qualquer modo, sempre se orgulhará de ter sido o primeiro na afirmação de presença simultânea em Angola e Moçambique —, encontra-se, pois, firmemente radicado em sete centros angolanos e cinco centros moçambicanos, pondo a sua competência e a sua técnica, os capitais próprios e os que mobiliza através da recolha de depósitos, ao serviço das actividades económicas, que, nos dois territórios, registam notável surto de renovação e progresso.»

Nítida progressão no sentido da monetização caracteriza o desenvolvimento da economia ultramarina, pelo que se observa através da análise dos dados de contabilidade nacional metropolitana

«As particulares responsabilidades da banca privada em zonas ainda insuficientemente desenvolvidas, nas quais, para além do dualismo territorial, traduzido em profundos desequilíbrios regionais, se produz a presença dos fenómenos do dualismo funcional — coexistência dos sectores de economia moderna e das vastas esferas de economia de subsistência, em que os circuitos monetários não penetram —, impõem-na a dar um contributo de decisiva importância para a transformação estrutural inerente ao processo de desenvolvimento — afirmou depois o presidente do conselho de administração do Banco de Crédito Comercial e Industrial. E continuou: «Depois de largos anos em que as deficiências de informação estatística sobre o Ultramar se fizeram sentir intensamente, principiam agora a ser conhecidos os dados fundamentais da contabilidade nacional relativos a Angola, a Moçambique e às restantes províncias, os quais constituem elementos indispensáveis da programação do desenvolvimento económico nestes territórios. Os valores dos agregados da contabilidade nacional das províncias ultramarinas, referidos exclusivamente aos circuitos monetários, são reveladores de um ritmo de crescimento que até hoje não tinha sido possível apresentar por forma quantificada. O produto interno bruto ao custo dos factores, medido a preços constantes de 1963, acusou, no caso de Angola, a taxa de aumento médio anual de 4,6 por cento, no período compreendido entre 1958 e 1963. No período 1960-63, a taxa de crescimento atingiu 5,4 por cento, valor que, comparado ao anterior, comprova a aceleração do ritmo de progressão do produto nos anos recentes. Em Moçambique, o incremento do produto interno bruto processou-se à taxa anual de 7,1 por cento, se tomarmos o período de 1958 a 1963, e de 9 por cento, se considerarmos o período 1960-63. Também neste caso são dignos de realce quer o nível elevado da taxa de acréscimo — atendendo a que

se trata de uma progressão em termos reais, calculada mediante a deflacionação do produto medido a preços correntes —, quer a intensificação da cadência verificada nos últimos anos de que há dados disponíveis.

No apuramento das captações do produto interno bruto, a inclusão dos circuitos não monetários, correspondentes aos sectores da economia de subsistência, através de expressões tanto quanto possível adequadas, permite apresentar para Angola e Moçambique, respectivamente, os níveis de 155 e 147 dólares por habitante, em 1963. Através de prudente extrapolação das tendências passadas, é possível computar em 165 dólares, no caso de Angola, e 150, no de Moçambique, o nível das captações atingidas em 1965.

Mais do que o nível absoluto, o qual, aliás, parece suportar favoravelmente comparações com os níveis apurados nos países africanos que ascenderam à independência nos últimos anos, mas se revela, como é óbvio, insuficiente à face, por exemplo, dos dados da contabilidade nacional da Metrópole — produto «per capita» superior a 400 dólares, em 1963 —, ressalta o ritmo de progressão que, medido a preços constantes, atesta uma evolução segura para escalões mais elevados de nível de vida e bem-estar.

Se é certo que, tanto em Angola como em Moçambique, aos fluxos não monetários, característicos da zona de economia de subsistência, ainda correspondia, em 1963, cerca de 42,1 por cento do produto interno bruto ao custo dos factores, não é menos certo que se tem processado uma firme evolução no sentido do aumento do peso relativo ao produto formado nos circuitos monetários no conjunto do rendimento global. Em 1958, por exemplo, a parte do produto interno bruto correspondente aos circuitos não monetários atingia ainda 45,5 por cento e 47,5 por cento do produto interno bruto, respectivamente, em Angola e Moçambique. Verifica-se, portanto, a despeito da persistência do dualismo funcional, uma nítida progressão no sentido da monetização da economia, que caracteriza o movimento ascendente para estágios mais evoluídos de desenvolvimento.»

O Banco de Crédito enca-minhou a sua acção no sentido de canalizar as poupanças para as actividades produtivas

Passando a ocupar-se da formação e canalização da poupança, disse o sr. Miguel Quina:

«No plano da Metrópole, está hoje demonstrado que, a formação interna de poupança, acompanhando, aliás, a transformação estrutural da economia no decurso do processo de desenvolvimento, tende a assumir níveis comparáveis aos do investimento interno bruto. Mas também não se ignora que, dadas as insuficiências funcionais e orgânicas do mercado de capitais, o mecanismo de canalização das poupanças para as aplicações a longo prazo indispensáveis à satisfação das necessidades de desenvolvimento não actua por forma satisfatória — e em boa hora o Governo pôs em prática todo um programa de acção destinado ao aperfeiçoamento do mercado de capitais, programa que ainda há pouco entrou em nova fase de concretização com a emissão de um empréstimo interno, que assinala importante passo no sentido de uma actualização realista das taxas de juro das obrigações. Ao procurar delimitar-se o campo de acção do mercado monetário e do mercado de capitais, não pode desconhecer-se, porém, a importância do contributo da banca comercial para o desenvolvimento deste último. A banca privada, a qual, através da renovação do crédito a curto prazo e da participação em empreendimentos de natureza industrial, dentro dos limites fixados na lei, tem prestado largo concurso ao financiamento do desenvolvimento económico, deverá reconhecer-se o lugar a que tem direito na dinamização do mercado de capitais.

Também no Ultramar a intervenção da banca privada no processo de desenvolvimento corresponde a uma instantânea necessidade, cabendo aqui, de resto, a missão específica de contribuir para operar a penetração das formas modernas típicas dos circuitos monetários nos sectores confinados na economia de subsistência.

Quer em Angola, quer em Moçambique, reconhece-se a existência de considerável volume de poupança ociosa, retida pelos agregados familiares, poupança que poderá e deverá ser mobilizada através de uma actuação eficiente das ins-

tuições de crédito. O Banco de Crédito Comercial e Industrial, sempre atento à missão da banca privada nas economias em vias de desenvolvimento, não só se tem esforçado, dentro do respeito por escrupulosa ortodoxia, por fomentar o hábito do depósito junto dos detentores de pequenas poupanças, como tem procurado encaminhar os capitais para os sectores que mais estreitamente influem no processo de crescimento. Assim, não obstante a sua actividade se cingir, por agora, ao curto prazo, é significativo que os sectores da agricultura e das actividades industriais tenham absorvido respectivamente 13 por cento e 40 por cento do total do crédito concedido em 1966, cabendo o restante às actividades comerciais.

Consciente da necessidade de ampliar a sua acção ao campo dos financiamentos a médio e longo prazo, propõe-se o Banco de Crédito criar, depois de promulgada a respectiva regulamentação legal, um departamento financeiro que, além do investimento de capitais próprios e dos obtidos na própria província, poderá constituir um centro de atracção de capitais externos, que tão necessários se mostram à aceleração do crescimento do produto global do Ultramar. A criação do departamento financeiro encontra-se prevista nos estatutos do Banco de Crédito, desde a sua constituição, em Agosto de 1965, pelo que, também neste campo, cabe à nossa instituição a honra e a responsabilidade de pioneira. E desde já, dentro dos limites consentidos no diploma relativo à actividade da banca comercial no Ultramar e dos aconselhados por critérios de prudência na gestão bancária, assegurou o Banco de Crédito participação efectiva em empreendimentos de importância básica para o desenvolvimento económico, nomeadamente no sector da exploração petrolífera.»

O atraso nas informações estatísticas de Angola e Moçambique dificulta a observação da evolução económica

«Não obstante os progressos registados no aperfeiçoamento dos serviços oficiais de estatística, tanto em Angola como em Moçambique — progressos que são dignos de justo valor —, as informações são ainda publicadas com atraso de vários meses, o que dificulta a observação da evolução económica com vista à adopção das medidas que a conjuntura aconselhe — prosseguiu o orador. E disse ainda:

«Os principais indicadores de que já se dispõe relativamente à marcha da economia de Angola e Moçambique em 1966 (respeitantes à actividade industrial, consumo de energia, construção civil, investimentos em novas indústrias, meios de pagamento e comércio externo) são reveladores do nítido progresso verificado, em confirmação da tendência favorável de crescimento observada nos anos recentes. Há que referir, porém, no caso de Moçambique, a perturbação causada na economia da província pela imposição de sanções económicas à Rodésia — perturbação que desde logo é revelada pela quebra dos índices relativos ao movimento portuário.

A balança comercial de Angola em 1966 acusou, pela primeira vez, um movimento global superior a 12 milhões de contos, tendo-se apurado um saldo positivo de 359 mil contos. A atestar a vulnerabilidade da posição externa da província as cotações internacionais, saliente-se que cerca de metade do valor total das exportações de Angola correspondeu a um único produto, o café.

A balança comercial de Moçambique apresentou em 1966 um saldo negativo superior a um milhão e setecentos mil contos, que não foi inteiramente compensado pelas restantes rubricas da balança de pagamentos. O saldo geral negativo da balança de pagamentos de Moçambique atingiu o montante de 399 mil contos, importância que, aliás, está longe de exprimir o débito verificado em relação à Metrópole, dada a posição global fortemente positiva obtida por Moçambique em relação ao estrangeiro.

Se, nos fins de 1965, já aguardavam possibilidade de regularização através do sistema de pagamentos e compensações interterritoriais da zona do escudo débitos de Angola de importância considerável — e já então haviam sido outorgados a esta Província 250 mil contos de créditos automáticos e 100 mil de crédito especial —, as posições por regularizar, respeitantes a Angola e Moçambique, revelavam sensível agravamento nos fins de 1966.

Por outro lado, a balança de pa-

gamentos da Metrópole com o Ultramar, que os recentes aperfeiçoamentos estatísticos permitiram revelar a partir de 1964, registou, uma vez mais, um amplo saldo positivo (2 milhões de contos, em 1966), o qual não deixa de traduzir o nível reduzido da exportação líquida de capitais, na medida em que, só nas transacções correntes, o saldo da Metrópole ascende a dois milhões e cem mil contos.

O atraso na liquidação das ordens de transferência sobre a Metrópole constitui hoje um dos graves problemas económicos nacionais, na medida em que origina situações individuais difíceis, contraria o incentivo à aplicação de capitais com vista ao financiamento de empreendimentos ultramarinos e afecta a expansão do surto migratório em direcção ao Ultramar.

Nos últimos anos, as relações comerciais e económicas entre a Metrópole, por um lado, e Angola e Moçambique, por outro, têm vindo a intensificar-se. Para além das correntes comerciais tradicionais, geram-se novas correntes, ligadas à implantação de indústrias modernas e à prossecução das actividades extractivas. Se é certo que a solução definitiva apropriada para o problema cambial do Ultramar supõe, como se tem afirmado, a adopção de providências de carácter estrutural, não é menos que a concretização do processo de integração económica do espaço português aconselha que se encontre a curto prazo uma solução para a presente situação de atraso nas liquidações, a qual não deixará, por certo, de merecer consideração prioritária por parte dos governantes.»

E o sr. dr. Miguel Gentil Quina concluiu:

«Em Angola e Moçambique, como na Metrópole, a despeito das dificuldades da actual conjuntura e dos desequilíbrios intersectoriais que subsistem, encontram-se presentemente reunidas as condições indispensáveis ao crescimento rápido do produto nacional. No plano em que se desenvolve a sua actuação — o da dinamização dos circuitos monetários dos vastíssimos territórios de Angola e Moçambique —, o Banco de Crédito, cooperando lealmente com as autoridades centrais, provinciais e locais, com as autoridades monetárias e com as demais instituições creditícias, propõe-se assegurar um contributo cada vez mais amplo e firme para o desenvolvimento económico e social, legítima aspiração de todos os portugueses.»

A homenagem ao pessoal e aos administradores das Casas Contreras

No almoço promovido pelo Grupo Desportivo do Pessoal das Casas Contreras, que reuniu o pessoal da firma (mais de 200 convivas), foram distinguidos, como dissemos, com emblemas de antiguidade em ouro e prata, os empregados que têm 25, 20 e 10 anos de serviço. Foram, também, proclamados sócios honorários os administradores, srs. Apolinário Contreras, Alvaro Suarez Contreras, Alejandro Suarez Contreras, Ramiro Suarez Contreras, António Passos, Augusto Figueiredo Neves, Guilherme J. Barbosa, António Contreras Passos, José Contreras Passos, Alvaro Suarez Cal Contreras, Manuel Suarez Fernandez e Justo Suarez Fernandez. Foram entregues placas aos sócios honorários e ao maestro Alves Coelho Filho; e ainda emblemas de dedicação aos srs. Carlos Ramos, Joaquim Cordeiro e Henrique Mendes.

O sr. Remigio Contreras agradeceu, em nome dos administradores da firma, a distinção conferida pelo pessoal. Depois, em nome do presidente da assembleia geral do grupo o sr. Guilherme dos Santos agradeceu aos representantes dos jornais o interesse que sempre dispensam à acção da colectividade. E anunciou que a assembleia resolveria proclamar sócios honorários do Grupo Desportivo diversos jornais, incluindo o «Diário de Lisboa», o que a assistência sublinhou com uma prolongada salva de palmas.

Em nome dos representantes da Imprensa, agradeceu o director do «Jornal da Costa do Sol», sr. João Martins de Freitas.

O almoço terminou em ambiente de grande animação, actuando alguns artistas da Rádio e da Televisão.

Cao Ky opõe-se à participação do Vietcong num Governo sul-vietnamiano

(Continuação da 1.ª página)

contra as tropas americanas, junto da fronteira do Camboja, técnica mente neutral. O inimigo danificou ou destruiu cinco helicópteros.

Os trabalhos da conferência começaram logo após a chegada dos participantes.

Johnson e o primeiro-ministro do Vietnam do Sul acentuaram a necessidade de uma reforma política e económica — o programa de pacificação — que deve ser posta em prática depois da vitória sobre o Vietcong e o Vietnam do Norte.

Os informadores do presidente Johnson afirmaram, à chegada, que os participantes se debruçariam sobre os programas de pacificação e reconstrução do Vietnam do Sul, mas os dirigentes de Saigão acentuaram que o seu principal interesse nesta conferência era conseguir a intensificação da guerra.

Embora os dirigentes tivessem declarado que não se deviam esperar da conferência decisões importantes, parece evidente que durante as conversações se vai estudar a forma de estreitar o cerco a Hanoi até que o presidente Ho Chi Minh, do Vietnam do Norte, sinta necessidade de negociar a paz.

Entre outras individualidades que assistem às conversações de dois dias encontram-se o novo embaixador americano em Saigão, Ellsworth Bunker, o embaixador cessante Henry Cabot Lodge e o general William C. Westmoreland, comandante americano no Vietnam.

Espera-se que o presidente Johnson aborde a «outra guerra» — a limpeza de áreas ocupadas pelo Vietcong e a obra para conseguir para o país estabilidade política, económica e social.

Ontem, o presidente e os seus conselheiros ficaram sem dúvida

satisfeitos ao saberem que os dirigentes militares do Vietnam do Sul decidiram aprovar uma Constituição prevendo eleições presidenciais e legislativas no Vietnam do Sul dentro de seis meses.

Observadores afirmaram que o regresso a um Governo civil eleito em vez do actual regime militar seria uma arma de valor incalculável na batalha de propaganda para justificar a presença americana no Vietnam.

O primeiro-ministro Cao Ky deu ao presidente Johnson uma imagem optimista da situação militar e política no Vietnam do Sul.

Cao Ky disse que a nova Constituição do Vietnam do Sul abre o caminho a eleições presidenciais e parlamentares no prazo de seis meses. «O Vietnam do Sul passará então a ter um Governo livremente eleito e escolhido pelo povo».

Cao Ky rejeitou a ideia de um Governo de coligação com o Vietcong, dizendo que isso atraçaria os sacrifícios de milhares de sul-vietnamianos e dos seus aliados.

Quanto à situação militar o primeiro-ministro disse que o Vietcong está muito afectado pelos ataques dos bombardeiros pesados americanos «B-52», com base na ilha de Guam.

O general Thieu e o primeiro-ministro Cao Ky devem visitar a base dos «B-52» amanhã e condecorar aviadores americanos.

A conferência iniciou-se depois de um almoço de trabalho e o presidente Johnson começou por declarar que o Governo de Saigão e os seus aliados detêm agora a iniciativa militar acrescentando que o sucesso das próximas eleições, à escala nacional, era para ele tão importante como o das operações militares.

Entretanto, anuncia-se que Cabot Lodge foi nomeado embaixador itinerante.

Londres poderá antecipar para 1 de Novembro a independência de Aden

LONDRES, 20 — (A.N.I.) — Os informadores oficiais do Governo britânico recusam-se a comentar os rumores segundo os quais a Inglaterra teria decidido antecipar para 1 de Novembro a data da independência de Aden e da Arábia do Sul.

No entanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros, George Brown, profere hoje um discurso na Câmara dos Comuns acerca da situação de violência que domina a Federação Árabe do Sul, e julga-se que irá confirmar a data de 1 de Novembro para a independência dos territórios — ou desmentir os rumores.

Até aqui, a Inglaterra sempre declarou que a independência da Federação, formada por Aden e mais 16 protectorados britânicos, só seria dada no princípio do próximo ano.

A Inglaterra, embora isso lhe tenha sido muitas vezes pedido, recusa-se a manter as suas tropas em Aden (ou qualquer outro Estado) depois da independência.

CHEGA HOJE AO TERRITÓRIO UMA DELEGAÇÃO DA O. N. U.

Entretanto, uma equipa de três enviados das Nações Unidas chega hoje a Aden, para estudar a situação na Arábia do Sul.

As duas facções árabes ameaçam aumentar a violência e decretar a greve geral durante a permanência em Aden da delegação, que é formada por um representante do Mali, outro da Venezuela e outro do Afeganistão.

Tumultos em Djibouti

(Continuação da 1.ª página)

ricadas nas ruas com pedras e tambores de gasolina.

Quase toda a população da capital votou pela independência, mas os seus votos de nada valeram contra os do resto do país.

Entretanto, dois jornalistas franceses foram atingidos por pedradas, em Djibouti, quando fotografavam cenas do motim. Trata-se de Bureau fotógrafo dos Reportéres Associados, atingido num braço, por uma pedra atirada com funda, e Robert Lambote, de «L'Humanité», magoado numa das pernas.

A Polícia e as tropas conseguiram mais tarde afastar os manifestantes, replicando às pedradas e a esparsos tiros de pistolas com granadas e fogo de armas automáticas.

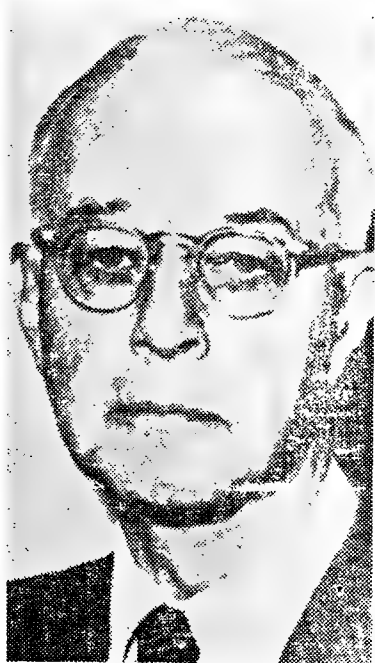
Os incidentes desta manhã começaram quando os somalis, partidários da independência, começaram a saquear as casas dos árabes que são, por seu lado, partidários da associação com a França.

O facto das forças francesas continuarem em Djibouti evitará um conflito violento entre os dois países vizinhos da costa francesa da Somália, a Etiópia e República da Somália, ambos com interesses neste território. As concentrações de tropas efectuadas nos últimos dias

DIA A DIA NEGOCIADOR OU GUERREIRO?

A escolha do embaixador Ellsworth Bunker para substituir, em Saigão, Cabot Lodge causou profunda sensação, não apenas nos meios americanos da capital vietnamita, mas também nos Estados Unidos e no estrangeiro. Ao que parece, o presidente Johnson foi obrigado a revelar a sua escolha para aquele importante posto diplomático por ter chegado a Washington a notícia de que um repórter, em contacto com a Embaixada de Saigão, fora informado da decisão presidencial e se preparava para a tornar do domínio público. A antecipação apressada suscitou desenhados comentários, favoráveis uns, outros francamente desfavoráveis. Bunker é um dos mais categorizados elementos da diplomacia americana e, tendo em conta a sua carreira, o único em condições de rivalizar com Averell Harriman, o embaixador itinerante que serviu como conselheiro de cinco presidentes dos Estados Unidos — Roosevelt, Truman, Eisenhower, Kennedy e Johnson. Aos setenta e cinco anos, a carreira de Harriman está longe do seu termo e a sua experiência continua a indicá-lo como perito de vastos recursos, cujo conselho é sempre de escutar.

Bunker serviu em postos de grande responsabilidade, o último dos quais na Dominicana durante a grave crise que ia degenerando em guerra civil naquela pequena República da América Central. Antes, porém, no Iemen e na Indonésia, distinguira-se como diplomata hábil e arguto. Nestes dois últimos postos foi artífice da paz, enquanto a sua intervenção na Dominicana foi devida à política



ELLSWORTH BUNKER

ca de força que em Washington resolveram pôr em prática e de que ele se revelou executante consumado. Por isso as opiniões se dividem e se justifica a dúvida sobre a razão que levou o presidente a escolhê-lo para substituir uma personalidade da categoria de Cabot Lodge. Vai Bunker numa missão de paz ou, pelo contrário, numa missão de guerra? Só depois de esclarecidas as decisões da reunião de Guam será possível responder, com fundamento, a estas perguntas.

Incendiar o petróleo que se escapa do «Torrey Canyon» — último (e perigoso) recurso para evitar a poluição de praias inglesas e francesas

LONDRES 20 — (F.P. e R.) — O fogo será talvez o último recurso para destruir a gigantesca mancha de petróleo que se escapa do petroleiro gigante «Torrey Canyon», em equilíbrio precário sobre um recife rochoso, se a «operação detergente» não der resultados satisfatórios. Com efeito, alguns técnicos foram de opinião de que a única maneira de proteger as praias do Sudoeste de Inglaterra e talvez do Norte da França será queimar o verdadeiro lençol de petróleo, que não pára de

avancar, apesar de três navios da «Royal Navy» terem já espalhado cerca de 70 000 litros de detergente. Devem ter-se escapado pelo rombo do «Torrey Canyon» perto de 30 mil toneladas de petróleo. Se, como se receia, o navio se abrir em dois, sairão mais 80 mil toneladas de petróleo.

O naufrágio do petroleiro foi encarado, na Grã-Bretanha, como um drama nacional. O primeiro-ministro, Harold Wilson, encarregou o subsecretário de Estado da Marinha Maurice Foley, de dirigir directamente a operação «salvamento das praias».

Uma das praias ameaçadas é aquela em que Harold Wilson tem uma casa de férias.

O capitão Riggioni e três dos seus oficiais recusaram-se a abandonar o barco e vão tentar safá-lo da crítica situação em que se encontra. Rebocadores já fizeram duas tentativas baldadas para safar o barco.

Helicópteros e um salva-vidas evavuram, ontem, os restantes 32 membros da tripulação, todos italianos. O petroleiro está registado como liberiano.

O «Torrey Canyon» pertence a uma companhia petrolífera americana e transportava petróleo em bruto do Kuwait para o porto de Milford Haven, no País de Gales. O petroleiro pode transportar 120 000 toneladas de petróleo, o suficiente para assegurar o abastecimento de gasolina durante um ano a 32 000 automóveis.

Longas filas de camionetas acorrem ao local, de todas as partes da Inglaterra, transportando detergente numa tentativa de destruir a estrutura molecular do petróleo e de o atirar para o fundo do mar. Uma fábrica de produtos químicos da Escócia está a trabalhar ao máximo da capacidade, exclusivamente para essa fim.

Marítimos experimentados recordam que, em mais de meio século, nunca se conseguiu safar nenhum barco tão grande como este.

«Gasoduto» de 1200 quilómetros entre a U. R. S. S. e a Itália

ROMA, 20. — (F. P.) — Entraram numa fase decisiva as negociações italo-soviéticas com vista à construção de um «gasoduto» destinado a transportar metano da União Soviética para a Itália.

O «gasoduto» terá 1200 quilómetros de extensão. Partindo de Lwow, na Ucrânia, atravessa a Checoslováquia e a Áustria para atingir Trieste. Ali, será montada outra conduta em direcção à fronteira ocidental italiana e à França.

A sociedade construtora, na qual participam a Itália, a Áustria e a França assegurou o financiamento da obra orçada em 14,4 milhões de contos.

O «gasoduto» deverá entrar em funcionamento em 1970. A sua capacidade de transporte anual é de cerca de 10 biliões de metros cúbicos de gás natural. Deste total, quatro a seis biliões de metros cúbicos são destinados à Itália, três biliões à Checoslováquia e à Áustria e um volume igual à França.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 20 de Março de 1937 publicava:

«NOVA YORK, 20 — Foram entregues os prémios recentemente conferidos pela Academia Cinematográfica de Hollywood aos melhores trabalhos de 1936.

Os de interpretação couberam a Luísa Reiner e a Paul Muni, a primeira pelo seu trabalho no filme «Great Ziegfeld» e o segundo pela interpretação da «Vida de Pasteur».

ANEDOTAS

• O sargento instrutor para os pára-quedistas recrutas: — Os acidentes mortais são de 1 para 1000.

Depois, com um sorriso encorajador:

— Não têm nada a temer, vocês. São apenas quarenta...



• Um cavaleiro, de noite, aproxima-se de casa às arrecuas.

— Então que é isso? — pergunta-lhe o guarda-nocturno.

— Sou muito desconfiado. Assim, sei se sou ou não seguido...



• Um fulano compra uma casa numa aldeia perdida. Interroga um camponês sobre se a região é saudável.

— Se é! — diz o camponês. — Quando aqui cheguei, não tinha cabelo, não falava, para sair da cama era preciso que pegassem em mim... Agora, tenho cabelo, falo, levanto-me por mim próprio...

— É extraordinário... Há muito tempo que vive aqui, não?

— Desde que nasci.

CURIOSIDADES

A invenção do barómetro

Quando o ar arrefece, as gotas de água que formam as nuvens, tornando-se muito pesadas para continuarem a flutuar na atmosfera, precipitam-se na forma de chuva.

Foi para avaliar da pressão atmosférica que Torricelli construiu o primeiro barómetro, o qual foi aplicado por Pascal para medir as alturas. O barómetro ainda hoje é o instrumento mais prático e seguro para a verificação das variações da pressão atmosférica e do tempo.

O polvo dá ouro

Os cientistas submetem os polvos a singulares experiências que visam tornar em realidade o velho sonho de obter ouro da água do mar. O químico prof. Ernst Bayer, da Universidade de Tübingen, partindo do princípio que muitos animais marinhos conseguem reter no sangue, metais existentes em quantidades mínimas no sal do mar, investigam mais pormenorizadamente a capacidade específica do polvo de acumular ouro no seu organismo.

Aquele cientista desenvolveu um processo químico muito complicado, que já lhe permitiu obter da água do mar pequenas partículas de ouro. Está agora empenhado em aperfeiçoar o método, — ainda bastante dispendioso —, de maneira a proporcionar lucro efectivo.

A terapêutica do riso

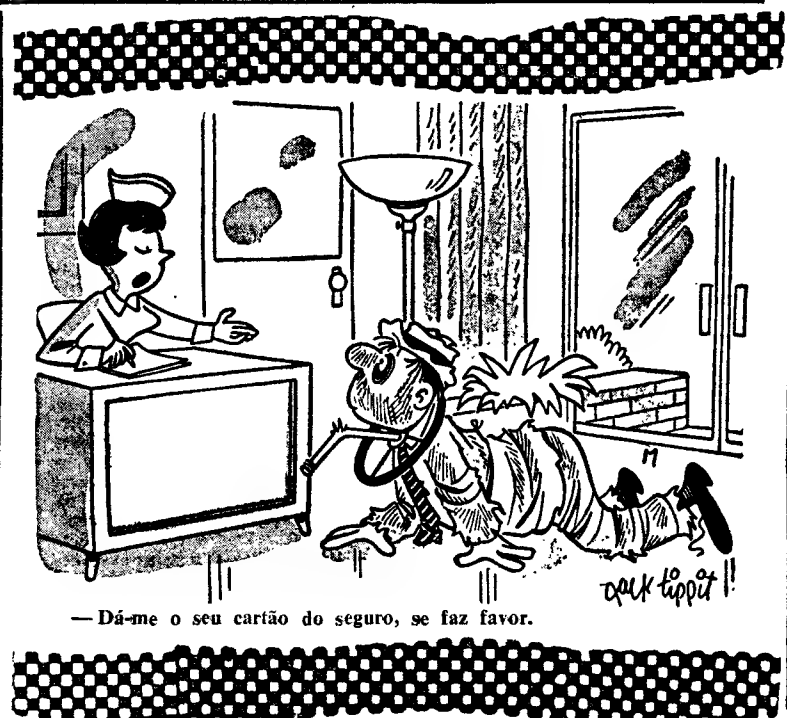
Nunca terá que tomar laxativos quem souber rir — segundo afirma o dr. Walsh, autor do livro famoso «Riso e Saúde». Diz o cientista que «rir com gosto, várias vezes ao dia, contribuirá para a não necessidade de laxativos». O riso massaja os intestinos e esse movimento é muito salutar para o seu funcionamento.

Do mesmo modo, um bom riso estimula a produção de hormonas e ajuda o bom funcionamento do pâncreas e das glândulas tireóide e paratireóide as quais, por sua vez, ajudam a conservar um metabolismo normal.

Judeus e Árabes

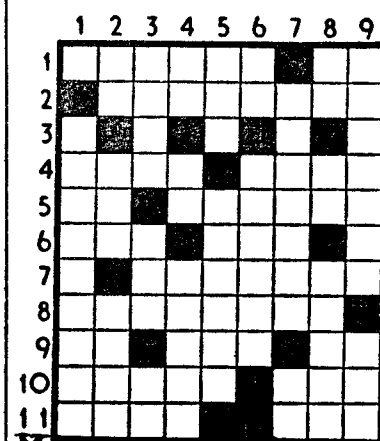
São os Árabes também designados por Ismaelitas, o que recorda o tronco comum aos Judeus.

Agar, a famosa escrava egípcia de Abraão, que o patriarca hebraico tomou por mulher, foi mãe de Ismael e Isaac e repudiada após o nascimento do segundo filho. Com este andou errante pelo deserto, até que, prestes a morrerem de sede, lhes apareceu um anjo, o qual lhes indicou a fonte providencial. De Ismael descende o povo árabe.



— Dá-me o seu cartão do seguro, se faz favor.

(COM PROVERBIO) PROBLEMA N.º 4406



HORIZONTAIS: 1 — Param. Quarto. 2 — Baía. 4 — Zona. Atração. 5 — Nota de música. Cidade da Tessália, onde Antipatro e Crátero desbarataram os Atenenses e os Etólios. 6 — Apto. Enal. 7 — Mergulho na água. 8 — Patrono. 9 — Enlace. Zombos. Carta de jogar. 10 — Assuntos. Passado. 11 — Épocas. Nôvica.

VERTICAIS: 1 — Mudança gradual de cor. 2 — Pertences. Curso de água. Causar dor. 3 — Aumenta. Mil cento e cinco em romano. Maligna. 4 — Senhor (abrev.). Antes de Cristo. Espaço de tempo. 5 — Argola. Protestais. 6 — Prejudicial. Tabiques. 7 — Cidade da Rússia, na Sibéria, à beira do Obi. Prefixo de negação. 8 — Partia. Preposição e artigo. Zumbido. 9 — Contíguo. Pertença.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

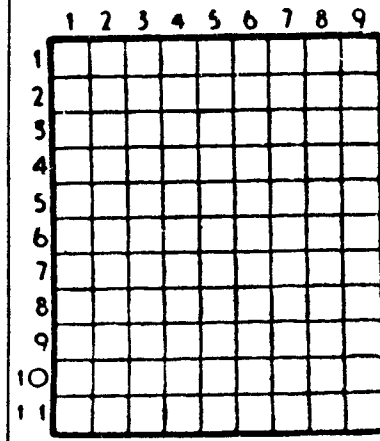
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4405

HORIZONTAIS: 1 — PEDIR. Cal. 2 — Área. Ata. 3 — Rei. Acres. 4 — A. Onus. 5 — Vadio. 6 — AVARETO. 7 — Varado. Um. 8 — Ar. Dó. 9 — Rifa. Meti. 0 — Al. Na. Ró. 11 — Adorei.

VERTICAIS: 1 — Par. CAVAR. 2 — Érea. Vária. 3 — Dei. Vai. Fia. 4 — Ia. Parada. 5 — Ria. Dedo. NO. 6 — Coisa. MAR. 7 — Carnot. Vá. 8 — Ateu. Ou. Tri. 9 — Lasso. Meio.

(Provérbio: PEDIR A AVARETO É CAVAR NO MAR).

(NOVA MODALIDADE) PROBLEMA N.º 8251



HORIZONTAIS: 1 — Vila e concelho do distrito de Bragança. 2 — Titular. Painéis (prov.). 3 — Pintor e caricaturista francês que satirizou com traços geniais as personalidades oficiais da Monarquia de Julho. 4 — Rio de França. Ler. 5 — Manga incandescente para iluminação do meio de gás. Acontecimento. 6 — Antiga cidade da Ilíria. 7 — Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Conjunção. 8 — Símbolo químico do plutónio. Caminhar. 9 — Mãe de Ismael. Cume. 10 — Cidade da Numídia. Reza. 11 — Lavrou. Extremidades dos braços.

VERTICAIS: 1 — Dois mil em romano. Pátria. Cidade do Nepal. 2 — Cobriu de odo. Sover. 3 — Continuado. Para barlavento. 4 — Sapo do Amazonas. Chefe etíope. Título honorífico na Índia. 5 — Mulo. 6 — Tem dor. Um cento. Preposição. 7 — Aumentara. Cólera. 8 — Deuses familiares e protectores do lar doméstico, entre os Romanos e os Etruscos. Um dos Apóstolos. 9 — Artigo definido. Lista. Ratas.

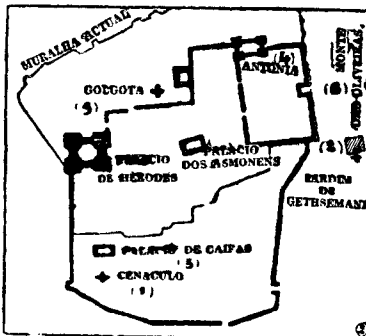
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8250

HORIZONTAIS: 1 — Andaluzia. 2 — Atura. 3 — Ado. Sul. 4 — Go. Pau. Má. 5 — Pema. 6 — Palitar. 7 — Co. AAA. Ea. 8 — Ad. Sam. 9 — Lare. Pola. 10 — Ordem. 11 — Ou. Aer. Tô.

VERTICAIS: 1 — Amago. Calão. 2 — Dó. Poda. 3 — Dão. Pá. Irá. 4 — At. Pela. Era. 5 — Lutarium. De. 6 — Ur. Unta. Per. 7 — Zás. Ad. Som. 8 — Um. Real. 9 — Aulas. Amaro.

FACTOS REAIS

A SEMANA SANTA



1 — Nesse longínquo ano, que se tornaria o trigésimo terceiro da nossa era, Jesus, seguido dos seus doze discípulos, chegou a Jerusalém. Já aí estivera quando menino. Com mais idade, também fora a Jerusalém para ensinar sob as colunas do templo. Nessa Páscoa, ia a Jerusalém pela última vez... Jesus sabia a sorte que O esperava: «O Filho do Homem será entregue aos grandes sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para ser escarnecido, flagelado e crucificado. E ressuscitará ao terceiro dia». Contudo, a chegada de Jesus é triunfal. Enorme multidão o saúda com ramos e atapeta-lhe o caminho com os mantos. Há um grito unânime: «Hossana ao filho de David! Bendito seja o que vem

em nome do Senhor! Hossana no mais alto dos céus!».

2 — A antiga Jerusalém, tantas vezes conquistada, tantas vezes destruída, apenas em alguns pormenores difere presentemente da cidade de outrora. No tempo de Jesus, a última cena da Sua vida ocorreu dentro dos muros da urbe — e o Gólgota encontrava-se na periferia. Actualmente, pesquisas arqueológicas levam os entendidos a situar a cidade mais para o norte. Assim sendo, a última cena da vida de Jesus (a entrega aos gentios) ter-se-ia verificado fora dos muros — e o Gólgota erguer-se-ia dentro da cidade.

3 — A superfície de Jerusalém é inferior a um quilómetro qua-

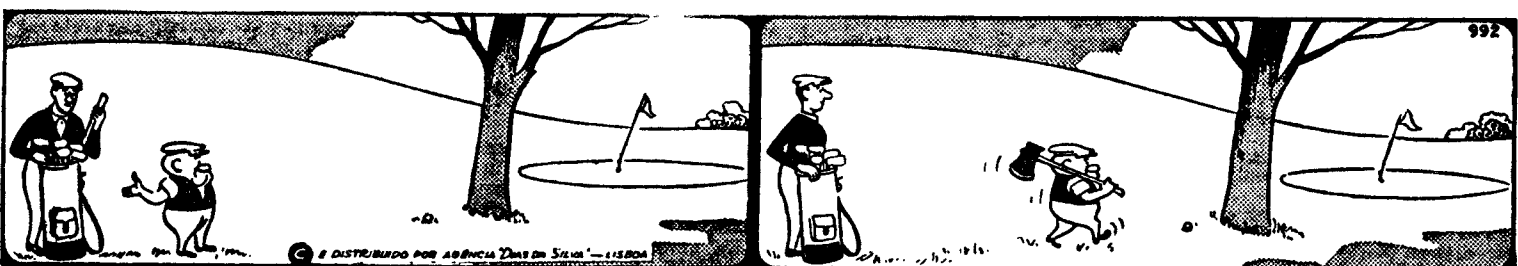
drado: 850 metros. Por volta de 1860, a sua população cosmopolita começou a aglomerar-se numa nova cidade, edificada para oeste. Essa nova cidade conta hoje cento e cinquenta mil habitantes. Árabes e Judeus (é sabido) disputam a Palestina. Em 1947, a Organização das Nações Unidas propôs a partilha do território. A questão tornou-se sangrenta. O mandato britânico terminou em 1948, datando desse ano a constituição do Estado de Israel. O conflito agravou-se. A O. N. U. enviou um mediador aos beligerantes: o conde Folke Bernadotte. O enviado foi assassinado em Jerusalém.

4 — A O. N. U. decidiu, então, dividir Jerusalém em duas zonas. Uma comissão mista de armis-

tício estabeleceu uma linha de demarcação — a Cidade Antiga ficou sob a jurisdição da Jordânia, e a parte nova da urbe passou a ser governada por Israel. As comunicações entre as duas cidades são severamente controladas. Os peregrinos que se dirigem à Cidade Antiga devem ser portadores de uma autorização especial passada pelas autoridades militares israelitas, à qual se juntará ainda o consentimento das autoridades jordanas. A linha de demarcação somente pode ser franqueada num ponto — na chamada Porta de Mandelbaum, onde os passaportes e os bilhetes de identidade são verificados.

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



Histórias breves de segunda-feira

O TESTAMENTO DO FUMADOR DE CACHIMBO



chegada do tabaco à Europa. Van Klaes classificara tudo cuidadosamente por ordem cronológica e segundo a sua proveniência.



1 — No século passado morreu perto de Roterdão, um holandês, o sr Van Klaes grande amante de tabaco e cerveja — que o não impediram, afinal, de chegar à proleidade de 98 anos... Homem original e muito rico, este comerciante tinha mandado construir um autêntico palácio, que transformou parcialmente em museu. Cachimbos de todas as formas e feitios, ornamentados com cabeças e caricaturas de animais, flores, plantas, frutos, etc., enchiam um enorme salão da casa. Alguns deles datavam da

2 — O nosso holandês tinha consagrado rios de dinheiro à sua paixão, e rejubilava em mostrar as preciosidades a quem quer que o visitasse. Não deixava partir nenhum hóspede sem lhe dar a provar belíssimas cervejas e encher-lhe os bolsos de cigarros e charutos. Quando sentiu próximo o seu fim, mandou chamar o notário e ditou-lhe as últimas vontades. Depois de distribuir parte da fortuna por parentes, amigos, pobres de pedir e algumas instituições, considerou então a sua velha mania, o que nos valeu um testamento originalíssimo.



3 — Rezava ele: «Desejo que todos os fumadores da Holanda sejam convidados para o meu funeral. Cada um deles receberá dez libras de tabaco e dois cachimbos. Que bebam a cerveja toda da adega e vertam depois, sobre o caixão, a cinza dos cachimbos. Os pobres da paróquia e imediações que se submeterem à minha derradeira vontade receberão, até ao fim da vida, em cada aniversário da minha morte, dez libras de tabaco e um barril de cerveja. Desejo que o meu corpo seja envolto em linho egípcio e fechado

num caixão de carvalho forrado com tapas de caixas de charutos havanos. Uma lata de tabaco francês, bem como um pacote do nosso velho tabaco holandês, serão colocados no fundo do caixão.»



4 — E acrescentava: «Desejo ter a meu lado o cachimbo preferido, o mais antigo de todos, assim como uma caixa de fósforos, um isqueiro, pedras para o mesmo e uma caixa de mechas, pois nunca se sabe o que pode acontecer!» Escusado acrescentar que as cláusulas do testamento foram escrupulosamente observadas. Os mendigos apareceram em grande número, e a todos o mordomo entregou tabaco e um cachimbo. A cinza destes cachimbos foi de facto lançada por sobre o caixão, segundo o voto do defunto. E um post-scriptum do testamento estipulava ainda que Truitje, a fiel governanta do sr. Van Klaes, inimiga encarnizada do fumo, teria uma renda vitalícia de 25 mil florins — com a condição de fumar todos os dias uma cigarilha...

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSE AUGUSTO DE MELO BROCHADO

LUSTRES

de sonho para a sua casa Fábrica Av 5 de Outubro, 203, r/c. Esq -Tel 771639 (ao Campo Pequeno)

fatos
confeccões
móveis
electro-domésticos
a prestações

ARMAZENS
Cancela
Calçada do Combro, 21-23

MORADIAS

Vendem-se em Carcavelos, Parede e Cascais, perto praia e estação, todas com deslumbrantes vistas mar, facilidades pagamento dadas directamente pela firma proprietária a pagar em 24 anos ou por intermédio de Caixas Previdência. Podemos aceitar terrenos em troca. Trata a proprietária e construtora Tecnicoimto Telef 539774, horas escritório, Lisboa e 2473697 Parede, todos dias e qualquer hora. Temos terrenos onde podemos construir ao gosto do comprador ou vender os lotes.

BETAK
(PEÚGAS SEM RIVAL)

HOMENS

PEÚGAS QUE SERVEM A TODOS... E A TODOS SERVEM BEM

RAPAZES

MENINAS

HERDADES

Motivo retirada, 4 em conjunto ou separadas, a 100 km de Lisboa, servidas boa estrada, ótima casa habitação, conto caça, próximo grande barragem para pesca à linha e desportos náuticos, vendo ou troco por terrenos ou prédios, não têm encargos, mas posso facilitar parte a curto prazo. Preços de 2.200, 4.200, 11.000 e 13.000 contos, rendimento superior a 6% como posso provar, sem despesas conservação e outras que têm os prédios, ótimas para férias, recreio e fins de semana. Sou o próprio dono. Carta para Apartado, 1147 Lisboa-L.



**GRACINDA DE OLIVEIRA
LOBO LOPES**

Faz hoje 90 dias que me desapareceste, querida. O tempo passou, mas para mim tu nunca morres, lembrando sempre a tua presença e não esquecendo também o cuidado e carinho com que sempre foste tratada pelo Ex^{mo} Sr. Dr. Rui Ferreira de Freitas, digníssimo cirurgião do Instituto Português de Oncologia e todo o pessoal de enfermagem o que aqui lhe expresse o meu profundo reconhecimento.

ALVARES LABAREDES

FRIGORÍFICOS

VISITE
A MAIOR
EXPOSIÇÃO
DAS MAIS
REPUTADAS
MARCAS
MUNDIAIS

CAMPANHA
DA PÁSCOA
desde
100.00
mensais

ALGOR; BAUKNECHT;
BOSCH; FIAT; FRIGECO;
GENERAL ELECTRIC;
HOOVER; IGNISS;
INDESIT; LINDE; NORGES;
PHILCO; PHILIPS;
SIEMENS; SITAL; WESTINGHOUSE; ZOPPAS

TODOS COM 5 ANOS DE GARANTIA

VENDAS *Também* A PRONTO
A PREÇOS DE COMBATE

em qualquer
das 5 lojas

Bardo

AV. DA LIBERDADE, 131 RUA S. BENTO, 53 a 57 AV. ALM. REIS, 124 B R. 1^o MAIO 146 (S. Amaro) PRAÇA DE LONDRES, 7 a 11

MAQUINAS DE TRICOTAR

BUSCH

modelos, simples e duplo super-automático
fabricação suíça inteiramente metálica
demonstrações e aprendizagem permanentes
grandes facilidades de pagamento

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
SOC. DE REP. SIDA-SUECA, LDA.
DEPARTAMENTO DE VENDAS BUSCH
Av. Fontes Pereira de Melo, 15-D - Tel: 53 31 11 - Lisboa

COM O CINTO
MAXUM
SENTE-SE MAIS SEGURANÇA!

- muito leve
- fácil abertura
- comprimento regulável

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73-79 LISBOA

AUTOMOTORAS PARA O ALGARVE, POR MOTIVO DAS FESTAS DA PÁSCOA

Comunicamos a C. P. que por motivo das Festas da Páscoa efectuar-se-á nos dias 23, 24 e 25 do corrente uma automotora para serviço público, entre Barreiro e Vila Real de Santo António, servindo o ramo de Lagos, com partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) às 13.40; chegada a Faro às 18.55; a Vila Real de Santo António-Guadiana às 19.55; a Portimão às 19.06 e a Lagos às 19.32. O regresso efectuar-se-á nos dias 23, 24 e 26 com partida de Vila Real de Santo António-Guadiana às 19.35; de Faro às 20.31; de Lagos às 19.48 e de Portimão às 20.13, com chegada a Lisboa (Terreiro do Paço) às 1.30.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

TERRENO

Vende-se 17.000 m2 grande frente estrada alcatroada junto portão novo Clube Campismo de Lisboa, perto de Caneças, serve para aviário, quinta, restaurante e bombas de gasolina. preço 250 contos facilidades. Trata na Av. 5 de Outubro, 31-r/c, Lisboa T. 539774.

BANCO DE ANGOLA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

EMISSOR DA PROVÍNCIA DE ANGOLA

EXERCÍCIO DE 1966

EXTRACTO DO RELATÓRIO DO GOVERNO DO BANCO, BALANÇO E CONTA DE LUCROS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1966 E PARÉCER DO CONSELHO FISCAL

Uma vez que se realiza neste primeiro trimestre do ano a Assembleia Geral Ordinária dos Accionistas do Banco de Angola, para apreciação e votação do Relatório e Contas relativos a 1966, divulgam-se, nesta data, os dados que caracterizam a actividade e posição do Banco durante o exercício findo.

Oportunamente, será distribuído aos Senhores Accionistas o habitual estudo sobre a situação económica e financeira da Província, respeitante ao mesmo exercício.

A Economia da Província em 1966

Na altura em que redigimos o presente relatório, não são ainda conhecidos os indicadores habituais sobre o comportamento da economia de Angola durante todo o ano de 1966.

Contudo, com base nos elementos disponíveis até à data, não queremos deixar de incluir algumas referências à evolução dos mais importantes sectores de actividade da Província.

Assim, quanto ao sector do comércio externo e em relação ao período decorrente de Janeiro a Outubro, assinala-se a obtenção de um saldo positivo na balança de comércio, o qual atingiu 364 milhões de escudos. Este montante excedeu em cerca de 117 milhões de escudos o saldo correspondente apurado durante igual período de 1965.

A melhoria do saldo da balança comercial, de 1965 para 1966, foi devida ao mais rápido crescimento do comércio de exportação, relativamente ao de importação. Com efeito, enquanto o aumento das exportações se cifrou em 351 milhões de escudos, as importações subiram apenas cerca de 235 milhões de escudos.

No que respeita ao comércio de exportação, o respectivo incremento foi devido primordialmente às actividades relacionadas com a exploração diamantífera (maior quantidade exportada e melhoria dos preços de exportação), café (preços médios Fob superiores aos do ano precedente), farinha de peixe, peixe seco e madeiras (maiores quantitativos exportados e melhoria dos respectivos preços).

Relativamente ao comércio de importação, realizado no período de Janeiro a Setembro de 1966, nota-se que os acréscimos mais significativos se localizaram nas classes estatísticas ligadas a máquinas, aparelhos e material eléctrico (142 milhões de escudos), metais comuns e respectivas obras (78 milhões), produtos das indústrias químicas e conexas (73 milhões) e produtos minerais (24 milhões). Verifica-se, portanto, que a compra no exterior de bens de equipamento e de produtos intermediários, de importância decisiva para o fomento das actividades produtoras, assumiu um relevo especial no movimento geral de importação.

No período de Janeiro a Setembro do exercício findo, a actividade piscatória evoluiu favoravelmente uma vez que o quantitativo referente à pesca desembarcada excedeu em cerca de 51% o volume correspondente a igual período de 1965, embora o acréscimo do respectivo valor não tivesse ido além de 13%.

O valor bruto de produção do sector das indústrias extractivas referente aos meses de Janeiro a Setembro de 1966 excedeu em cerca de 16% o montante correspondente a igual período do ano transacto. Esta evolução favorável foi devida essencialmente à exploração diamantífera (acréscimo de 14% no volume de diamantes extraídos e de 30% no respectivo valor). A extracção de petróleo em bruto e de minério de ferro acusou decréscimos moderados (5 e 4%, respectivamente, em relação aos volumes físicos produzidos).

Durante o mesmo período, o valor bruto de produção das indústrias transformadoras, que atingiu cerca de 2600 milhões de escudos, foi caracterizado por uma acentuada taxa de expansão (16%). Os acréscimos mais relevantes foram originados nos sectores relacionados com as indústrias de refinação de petróleo (+55%), alimentação (+11%), produtos químicos (+16%) e produtos minerais não metálicos (+22 %).

A actividade da construção civil foi caracterizada por um surto importante nos meses decorrentes de Janeiro a Agosto de 1966: a superfície coberta e o valor das novas edificações excederam em 96 e 110%, respectivamente, a área e o montante correspondentes a igual período do ano anterior.

Nos sectores referentes à actividade portuária, transportes aéreos e ferroviários, notou-se também, em 1966, uma tendência de crescimento moderado.

O total dos meios de pagamento internos acompanhou o ritmo de desenvolvimento das actividades económicas, tendo estas beneficiado de um volume de crédito superior ao de 1965.

A Função Emissora

Em 31 de Dezembro de 1966, ascendia a 3 352 475 250\$00 o valor das notas emitidas. Tendo-se procedido, durante o ano, à inutilização de notas correspondentes a um montante de 136 564 650\$00 e detendo o Banco de Angola nas suas caixas o equivalente a 1 330 890 030\$00, deduz-se que a importância relativa à circulação de notas na Província atingia, na data acima mencionada, 1 885 020 570\$00.

No termo de 1965, o montante da circulação fiduciária elevava-se a 1 793 828 015\$00. Verificou-se, assim, de um ano para o outro, um aumento da referida circulação, o qual se cifrou em 91 192 555\$00, correspondendo, a uma variação de apenas 5%.

Com base na comparação efectuada entre os valores médios da circulação de notas no final de cada mês, relativamente aos anos de 1965 e 1966, infere-se que a taxa de crescimento ocorrido neste último ano — 7% — superou a acima referida, mas foi bastante inferior à que caracterizou a evolução de 1964 para 1965 (10,5%).

Durante o ano de 1966, o valor máximo da circulação fiduciária na Província foi atingido no mês de Setembro (1 958 462 500\$00) e o montante mínimo observou-se no mês de Fevereiro (1 692 982 320\$00).

A reserva monetária constituída pelo Banco de Angola, segundo o disposto na Cláusula VII do contrato celebrado com o Estado, nos termos das bases anexas ao Decreto-Lei n.º 44 892, de 20/2/1963, atingia, no termo do exercício findo, o montante de 1 729 525 430\$70.

CIRCULAÇÃO FIDUCIÁRIA E RESERVA MONETÁRIA EM 31/12/1966

Especificação	Milhões de Escudos e %
Notas em circulação, de responsabilidade do Banco	1 883,754
Reserva monetária	
Disponibilidades em moeda estrangeira	337,317
Obrigações do Fundo Monetário da Zona do Escudo ...	108,000
Obrigações do Empréstimo Interno Amortizável — 2,5 % — 1962 — Província de Angola	1 000,000
Obrigações do Banco de Fomento Nacional	284,208
	1 729,525
Proporção da reserva monetária para as notas em circulação	91,8%

Por seu lado, em 31 de Dezembro, o valor representado pela circulação de notas, deduzido do saldo da conta «Fundo Cambial da Província de Angola — C/Emissão Monetária», era de 1 883 753 912\$47.

Desta forma, a reserva monetária correspondia a 91,8 % do total da circulação, a que deve servir de cobertura, nos termos das disposições legais em vigor. Como a Cláusula VI do referido contrato estipula que este total não pode exceder o triplo daquela reserva, infere-se que o Banco de Angola continuava a revelar, de acordo com a posição apurada em 31 de Dezembro de 1966, uma sólida situação como instituto emissor da Província.

Em complemento das disposições relativas à constituição da reserva monetária, a Cláusula VIII do contrato celebrado entre o Estado e o Banco de Angola estabelece que a soma da reserva monetária dos créditos realizáveis (dentro de seis meses, do valor das carteiras comercial e de títulos e do saldo da conta «Fundo Cambial da Província de Angola — Conta Meios de Pagamento sobre o Exterior») deverá ser igual, pelo menos, ao total das notas em circulação, depósitos à ordem e mais créditos exigíveis à vista.

Relativamente a 31 de Dezembro de 1966, o total da reserva monetária e das garantias complementares elevava-se a 6 486 401 295\$83, enquanto as responsabilidades à vista atingiam 5 283 545 127\$59. Verificava-se, portanto, na data referida, um excedente de coberturas de 22,8 % sobre o conjunto das responsabilidades à vista.

A Função Bancária

O volume de crédito concedido pelo Banco de Angola no decurso de 1966 atingiu o elevado montante de 13 987 510 860\$16, o que corresponde ao valor máximo jamais alcançado. A variação ocorrida em relação ao exercício precedente (2 288 431 161\$18) traduz uma taxa de crescimento acentuada (19,6 %).

Para a expansão do quantitativo global do crédito outorgado contribuíram exclusivamente as operações praticadas na Província, as quais se caracterizaram por um incremento de 2 565 803 522\$33, ou seja, por uma variação de 26,8 %, relativamente ao exercício transacto.

O volume global do crédito concedido pelo Banco em Angola elevou-se a 12 150 221 761\$94, importância que, pelo seu montante, representa um valioso contributo para o financiamento das actividades económicas da Província.

Dentro dos critérios selectivos adoptados, foi atribuída uma atenção especial aos sectores relacionados com o comércio de exportação, sem de nenhum modo esquecer o desenvolvimento das actividades produtivas internas, fortemente dependente das necessidades de bens de equipamento, que, por não serem ainda produzidos na Província, têm de ser forçosamente importados.

Por outro lado, na Metrópole, os serviços do Banco procuraram apoiar da melhor forma as relações comerciais com Angola, conferindo um importante auxílio às actividades exportadoras, por forma a minorar os efeitos derivados da situação de pagamentos da Província. É assim que o valor total das operações realizadas com Angola ascendeu a mais de 700 milhões de escudos.

As operações de crédito praticadas em 1966 na Província, sob a forma de desconto de letras e de livranças, aumentaram de 1 276 884 110\$89 (29,6 %), em relação ao ano anterior; o total do desconto de livranças respeitantes a exportações e importações atingiu 830 892 929\$52; as operações de empréstimos e contas correntes acusaram um aumento de 923 728 705\$33 (23,4 %); o desconto de letras sobre o estrangeiro incrementou-se também, mas em menor escala (109 803 781\$11), ou seja, subiu 10 %.

Quanto aos descontos efectuados em 1966 sobre a Metrópole e as restantes províncias ultramarinas, o respectivo montante atingiu 200 138 517\$02, tendo aumentado 40 907 848\$15 (25,7 %) em relação ao exercício precedente.

Entre as operações de crédito efectuadas ao abrigo dos Decretos n.ºs 38 379 e 45 651, de 7/8/51 e de 9/4/64, respectivamente, destacam-se as seguintes: empréstimo de 13 milhões de escudos à Câmara Municipal de Benguela para a execução de obras de urbanização e abastecimento de água à cidade; financiamento de 6500 milhares de escudos à Câmara Municipal de Cabinda para obras de pavimentação de ruas, remodelação da central eléctrica e da rede de distribuição e construção do edifício do mercado municipal; empréstimo de igual montante ao município de Sá da Bandeira, para execução de nova captação e rede de distribuição de água à cidade e urbanização das Avenidas Infante de Sagres e Paulo Dias de Novais; financiamento de 7500 milhares de escudos, destinado à instalação de uma fábrica de beneficiação de ramas de tabaco; empréstimo de 170 milhões de escudos, para execução de obras relacionadas com o projecto mineiro de Cassinga; e financiamento de 16 300 milhares de escudos para a primeira fase da construção de uma zona residencial em Luanda, composta de casas de renda económica.

Evolução do Banco de Angola

O exercício de 1966 correspondeu a mais um período de progresso na actividade e posição do Banco de Angola, nitidamente evidenciado pelos números inscritos no balanço anexo.

Comparando os elementos relativos ao exercício findo com os atingidos em 1960, pode bem avaliar-se o ritmo de crescimento que tem caracterizado a evolução do Banco nos últimos anos. Assim, entre 1960 e 1966, mais que duplicou o total do activo; o valor da carteira comercial passou quase para o triplo; os empréstimos e contas correntes elevaram-se em 12 %; a carteira de títulos quase duplicou; o quantitativo dos depósitos (à ordem, com pré-aviso e a prazo) registou um acréscimo de 40 %; o total das receitas e lucros apurados subiu 73 % e a importância paga aos Senhores Accionistas aumentou de 56 %.

No intervalo de tempo considerado, o montante relativo ao capital e reservas passou de 404 para 733 milhões de escudos (incluindo a reserva de reavaliação de imóveis, efectuada ao abrigo da Portaria n.º 20 258, de 28/12/1963, e as dotações constantes da proposta de distribuição dos lucros referentes ao exercício findo).

Considerando apenas o capital, verifica-se que o respectivo montante se elevou de 75 milhões de escudos (50 milhões por incorporação de reservas e 25 milhões por subscrição pública).

Entretanto, quanto a dividendos distribuídos, a taxa respectiva, que tinha sido de 8 % em relação aos anos de 1960 a 1962 e de 9 % de 1963 a 1965, será de 10 % relativamente ao exercício findo, no caso de os Senhores Accionistas aprovarem a proposta de distribuição dos lucros, adiante incluída.

EVOLUÇÃO DO BANCO NOS ÚLTIMOS SETE ANOS (Milhares de escudos)

Anos	Activo	Operações de Crédito		Depósitos	Receitas e Lucros	Dividendos dos Pagos	Capital e Reservas
		Carteira Comercial	Empréstimos				
1960 ...	6 204 072	2 339 365	4 100 122	2 600 177	221 851	16 000	404 090
1961 ...	6 468 679	2 354 303	4 850 475	2 661 451	236 861	16 000	422 668
1962 ...	7 793 797	2 476 255	4 795 670	2 721 472	250 942	16 000	441 505
1963 ...	9 138 571	3 073 685	4 263 768	2 762 672	284 196	18 000	450 802
1964 ...	11 096 197	4 447 363	4 007 151	3 163 979	315 735	22 500	665 976 (*)
1965 ...	11 857 753	5 301 575	4 685 345	3 547 637	340 468	22 500	720 755 (*)
1966 ...	13 177 637	6 389 149	5 443 784	3 636 399	384 570	25 000	733 419 (*)

(*) Incluindo a reserva de reavaliação e, no referente a 1966, as dotações constantes da proposta da distribuição dos lucros relativos a este exercício.

(Continua na página seguinte)

BANCO DE ANGOLA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

(Continuação da página anterior)

Bank of Lisbon and South Africa, Ltd.

Criado no final de 1965, não pode deixar de se assinalar o dinamismo que tem caracterizado desde então a actividade do *Bank of Lisbon and South Africa, Ltd.*

Com sede em Pretória, esta instituição inaugurou, ainda naquele ano, as suas instalações de Joanesburgo. No exercício findo, a sua acção ampliou-se, a partir de 28 de Junho, à cidade do Cabo. Já no decurso de 1967, procedeu-se à inauguração, em 10 de Janeiro, das instalações de mais uma dependência, sita na cidade de Durban.

Mercê do seu rápido crescimento, o *Bank of Lisbon and South Africa, Ltd.* tende a adquirir uma projecção crescente no campo das relações económicas que se estabelecem entre a República da África do Sul e Portugal.

Novas Dependências

Foi ampliada, em 1966, a rede de dependências do Banco de Angola com a inauguração de uma delegação urbana em Luanda e de uma outra na vila da Mataia. Desta forma, eleva-se já a 21 o número total das dependências do Banco de Angola na Província.

Entretanto, durante o exercício findo, foram iniciadas as obras de remodelação do imóvel adquirido para instalar no Porto uma filial do Banco, trabalhando-se activamente por forma a que os nossos clientes possam dispor, tão breve quanto possível, dos serviços do Banco naquela cidade.

Simultaneamente, estão a decorrer em bom ritmo os trabalhos relativos à instalação de uma outra dependência em S. João da Madeira e espera-se ainda iniciar, no decurso de 1967, as obras de remodelação do edifício onde funcionará a dependência de Guimarães.

Varição das Contas do Balanço

Os totais do activo e do passivo (com exclusão das contas de ordem) do balanço relativo a 31 de Dezembro de 1966 excedem em 1 319 883 941\$00 os montantes correspondentes do ano anterior. De 1965 para 1966, o aumento verificado foi, portanto, de 11 %.

O activo disponível e realizável aumentou de 1 094 216 067\$38. Para esta variação contribuíram principalmente os incrementos registados nas contas referentes à carteira comercial (645 746 228\$15), empréstimos e contas correntes caucionadas (150 949 436\$10), correspondentes no estrangeiro (115 611 437\$51) e caixa e depósito no Banco de Portugal (102 250 543\$96).

O activo imobilizado aumentou apenas 5 083 042\$20 e as outras contas do activo, que englobam as contas transitórias e de regularização, subiram 286 158 004\$71.

No tocante às verbas do passivo, assinala-se o crescimento do montante relativo às notas em circulação (91 192 555\$00); a elevação do exigível (78 123 335\$85), para o que contribuiu grandemente a variação do nível de depósitos (88 761 777\$32); o acréscimo do não exigível (377 598 781\$99), o qual engloba também contas transitórias e de regularização; e o alargamento dos fundos próprios do Banco (capital e reservas), os quais se elevaram de 11 528 801\$64, em consequência da distribuição dos resultados de 1965, aprovada na última Assembleia Geral.

Varição das Contas de Resultados

O montante das receitas e lucros do Banco no exercício de 1966 atingiu 384 570 056\$24, o que representa um acréscimo de 44 102 431\$46 sobre o total respectivo apurado no ano anterior. Este incremento corresponde a uma variação de cerca de 13 %.

Para esta favorável evolução das receitas, contribuiu principalmente o maior volume de operações de crédito.

Esclarece-se que a diminuição ocorrida, de 1965 para 1966, no rendimento de títulos de crédito foi apenas devida ao facto de as receitas relativas aos títulos transferidos para participações financeiras, conforme foi referido no Relatório de 1965, terem passado a ser escrituradas com subordinação à rubrica «Outros rendimentos, receitas e lucros».

Quanto aos encargos, o respectivo total aumentou, em 1966, 38 170 077\$11, o que representa uma variação de 13,6 % em comparação com o ano anterior. Este acréscimo foi, em parte, resultante de maiores despesas com o pessoal, as quais subiram 9 %, uma vez que, a par de uma melhoria das remunerações, o crescimento do nível de operações do Banco impôs a ampliação do respectivo quadro.

No tocante aos encargos com contribuições e impostos, cujo total se elevou, no exercício findo, a 67 714 843\$91, a verba mais avultada refere-se ao imposto extraordinário para a defesa de Angola. Em 1966, além do imposto relativo ao próprio exercício, foi ainda suportado o referente a 1963, o qual se encontrava dependente de recurso interposto.

Os encargos diversos mantiveram-se praticamente ao nível do exercício anterior e o montante das provisões e amortizações aumentou substancialmente.

Efectivos de Pessoal e Obras Sociais

Em 31 de Dezembro de 1966, o total dos efectivos de pessoal do Banco ascendia a 1394 empregados, o que representa um acréscimo de 70 empregados em relação a igual data do exercício precedente.

Na sede do Banco, em Lisboa, trabalhavam 331 empregados (menos 4 que no ano anterior) e, nas dependências de Angola, prestavam serviço 1063 empregados (mais 74 que em 1965).

O número de empregados pertencentes ao quadro do pessoal maior elevava-se a 1064, enquanto os restantes 330 constituíam o efectivo do pessoal menor.

No tocante à política social aplicada pelo Banco em benefício do seu pessoal, refere-se o prosseguimento da assistência médica, cirúrgica e medicamentosa, a manutenção do refeitório e a concessão de bolsas de estudo para a frequência de cursos secundários, médios, superiores e de línguas, dentro das atribuições do Fundo de Aperfeiçoamento Profissional.

A exemplo dos anos anteriores, manteve-se o apoio necessário ao Grupo Desportivo, cuja actividade no campo cultural foi justamente premiada com a obtenção pelo seu grupo cénico do segundo lugar no Concurso de Arte Dramática, organizado pelo Secretariado Nacional da Informação.

Senhores Accionistas:

Durante o exercício a que se refere o presente Relatório, o Banco de Angola completou 40 anos de existência. Na verdade, pouco é ainda para uma instituição, já que a vida destas se afere por bitola diferente da que serve de medida à frágil e temporária passagem do Homem sobre a Terra.

Mas quem percorrer a colecção dos nossos Relatórios anuais poderá verificar que estes 40 anos foram pelo Banco intensamente vividos e inteiramente dedicados ao serviço de Angola e da Nação. E na mesma senda se haverá de prosseguir, já que a insatisfação e o desejo de contínuo progresso constituem um dever para quantos têm a seu cargo a honrosa mas pesada missão de orientar os destinos desta Casa.

Continuaremos, portanto, serenamente, o nosso caminho, que todos desejamos seja de permanente progresso e expansão.

A leitura do Relatório que ora submetemos à vossa esclarecida apreciação certamente vos dará a noção de que mais um passo foi dado naquela direcção. E o progresso alcançado — abundantemente documentado nos números que vos apresentamos — pôde verificar-se não obstante todas as condições adversas criadas pelos inspiradores e autores dos ataques que, do exterior, têm sido movidos contra Angola. É que a coragem e a determinação com que têm sido rechazados tais ataques — nomeadamente, o que, com tanta vuleza e total desprezo pelo significado humano e cristão da data, foi dirigido contra a pacífica e valorosa população de Vila Teixeira de Sousa, na noite de Natal — constituem barreira intransponível que nada nem ninguém pode abalar.

Durante o ano de 1966, Angola recebeu a visita de vários membros do Governo, nomeadamente, dos Senhores Ministro e Subsecretário da pasta do Ultramar, coincidindo alguma destas visitas com a realização de reuniões e congressos de carácter nacional que levaram também a Angola muitas outras individualidades do mais alto relevo na vida nacional. Nunca será demais sublinhar a vantagem que, para a Província, advém da frequência destas visitas sobretudo quando se trata de membros do Governo, que têm a oportunidade de acompanhar de perto e pessoalmente os problemas e realidades da vida de Angola.

No seguimento da orientação adoptada no último quinquénio estiveram em Angola durante alguns meses, os nossos Administradores, Sr. Eng.º Antonio Camacho Teixeira de Sousa e Sr. Dr. Ruy de Lima Pereira de Mello.

Também se deslocou à Província, pela primeira vez desde a sua nomeação, o Delegado do Governo junto do Banco de Angola, Sr. Conselheiro Dr. Armando Cândido de Medeiros.

Já no decurso do presente exercício, em 25 de Janeiro passado, terminou o seu mandato como Vice-Governador do Banco o Sr. Eng.º Fernando Correia Pessoa que, durante os últimos cinco anos serviu a Instituição com muita inteligência, zelo e competência.

Ao Governo da Nação, especialmente àqueles dos seus membros mais em contacto com a actuação do Banco, queremos manifestar, mais uma vez, o nosso respeitoso agradecimento — agradecimento este que igualmente envolve o Governo-Geral de Angola — pelo apoio e confiança que continuaram a dispensar-nos.

Ao Ex.º Conselho Fiscal devemos uma palavra de reconhecimento pela preciosa ajuda que concedeu à Administração do Banco durante o último exercício, acompanhando assiduamente a sua actuação e dispensando-lhe sempre o seu valioso conselho.

Todo o pessoal do Banco, quer da Sede, quer de Angola, é credor do nosso agradecimento e louvor, pela excelente colaboração que durante o exercício, nos prestou, pondo ao serviço do Banco a maior dedicação e competência.

Terminam este ano o seu mandato os membros da Assembleia Geral e o membro do Conselho Fiscal, Sr. Conselheiro Dr. Miguel Homem de Azevedo Queiroz Sampaio e Mello. Lembremos que, nos termos das disposições estatutárias, podem ser reeleitos.

Nos termos da Lei e dos Estatutos, a Administração do Banco tem a honra de submeter à apreciação da Assembleia Geral a seguinte proposta de distribuição do saldo da conta de Lucros e Perdas:

Saldo da conta de Lucros e Perdas	65 671 866\$99
5 % para Fundo de Reserva Legal (n.º 1.º do § 1.º do art.º 30.º dos Estatutos)	3 283 593\$35
10 % para Fundo de Reserva Complementar (n.º 2.º do mesmo parágrafo)	6 567 186\$70
Dividendo de 8 % (s/ 250 000 000\$00) (n.º 3.º do mesmo parágrafo)	20 000 000\$00
Provisões Diversas	35 821 086\$94
Dividendo Complementar de 2 % (s/ 250 000 000\$00)	17 500 000\$00
10 % em conformidade com o n.º 1.º do § 2.º do art.º 30.º dos Estatutos	18 321 086\$94
Para o Pessoal	5 000 000\$00
Reserva Especial	13 321 086\$94
Para Conta Nova	1 332 108\$69
Lisboa, 27 de Fevereiro de 1967.	8 000 000\$00
	9 332 108\$69
	3 988 978\$25
	3 850 000\$00
	138 978\$25

Os Administradores
Henrique Belford Corrêa da Silva
Antonio Teixeira de Sousa
Ruy de Lima Pereira de Mello

O Governador
Carlos João da Silva Moreira Rato

(Continua na página seguinte)

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2 TELEF. 369384

NO ANO CONSAGRADO AO TURISMO INTERNACIONAL MAIS FACILIDADES NAS SUAS DESLOCAÇÕES A MADRID

Pelo comboio automotor «LISBOA-EXPRESSO» (TER)

Saída de Lisboa	9.40
Chegada a Madrid	19.00
Saída de Madrid	10.45
Chegada a Lisboa	19.40

Ligações diárias
Serviço de restaurante e bar
Assentos confortáveis
Ar condicionado

O CAMINHO DE FERRO AO SERVIÇO DO TURISMO

Informe-se nas estações de Santa Apolónia e do Rossio e nas Agências de Viagens autorizadas.

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se a venda na TABACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

Auto Monumental do Areeiro, Lda.

AGENCIA OFICIAL



VOLKSWAGEN

CARROS NOVOS E USADOS
COM GARANTIA E FACILIDADES DE PAGAMENTO



OFICINAS:

AVENIDA PADRE MANUEL DA NÓBREGA, N.ºs 8, 8-C, 8-D
(Ao Areeiro) Telefones 72 76 54 - 72 77 65 - 71 30 57

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua do Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Diário de Lisboa

PAGINA 19

BANCO DE ANGOLA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

(Continuação da página anterior)

Balanço em 31 de Dezembro de 1966

ACTIVO

PASSIVO

Fundo Cambial da Província de Angola — C/ Emissão Monetária	1 266 657\$53		Notas em Circulação		1 885 020 570\$00
Banco de Portugal — C/ de Compensação (em s/ livros)	116 373 857\$31		Fundo Cambial da Província de Angola — C/ Meios de Pagamento s/ o Exterior	1 266 657\$53	
Banco Nacional Ultramarino — C/ de Compensação (em s/ livros)	9 045 790\$19	126 686 305\$03	Fundo Monetário da Zona do Escudo — C/ Emp. Concedidos ao Fundo Camb. da Prov. de Angola	350 000 000\$00	
DISPONIVEL E REALIZAVEL			Banco de Portugal — C/ de Compensação (em n/ livros)	1 554 875 056\$00	
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	301 862 728\$50		Banco Nacional Ultramarino — C/ de Compensação (em n/ livros)	84 546 406\$39	1 990 688 119\$92
Depósitos noutras Instituições de Crédito	203 855 269\$75		EXIGIVEL		
Promissórias de Fomento Nacional	46 000 000\$00	551 717 998\$25	Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	3 409 967 624\$96	
Correspondentes no Estrangeiro	461 579 821\$00		Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	8 127 607\$80	
Ouro, Moedas e Notas Diversas	3 029 376\$94		Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	355 405\$10	
Carteira de Títulos	1 729 895 261\$00		Depósitos a prazo — Moeda Nacional	217 947 987\$05	3 636 398 624\$91
Carteira Comercial	1 940 457 418\$61		Cheques e Ordens a Pagar	135 197 331\$02	
Letras sobre o Estrangeiro	105 772 352\$60		Exigibilidades Diversas	10 838 159\$38	
Correspondentes no País	25 116 172\$11		Correspondentes no País	663 006\$05	
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	2 162 153 751\$28		Correspondentes no Estrangeiro	162 437\$80	
Débito Caucionado pelo F. Gar. e Amortização	17 255 712\$13		Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	38 018 682\$54	
Devedores e Credores	1 960 870 897\$52	8 406 130 763\$19	Devedores e Credores	446 150 927\$24	631 030 544\$03
Outros Valores Realizáveis	—\$		NAO EXIGIVEL		
Operações ao Ab.º Dec. nº 38 379 e 45 651	—\$	375 995 559\$76	Contas Diversas e Provisões		4 249 109 262\$52
IMOBILIZADO			CAPITAL E RESERVAS		
Participações Financeiras		150 803 842\$57	Capital	275 000 000\$00	
Imóveis	216 483 915\$75	183 825 943\$81	Fundo de Reserva Legal	45 350 000\$91	
Amortização (a deduzir)	32 657 971\$94		Reserva de Reavaliação	205 587 535\$51	
Imobilizações Diversas		14 089 077\$85	Outros Fundos de Reserva	193 780 627\$94	719 718 164\$36
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			RESULTADOS		
Contas Diversas		3 368 387 662\$27	Lucros e Perdas		
CONTAS DE ORDEM		13 177 637 152\$73	Saldo do Exercício Anterior	152 854\$51	
Valores de Conta Alheia	515 358 729\$65		Resultados do Exercício	65 519 012\$48	65 671 866\$99
Valores Recebidos em Caução	2 747 244 562\$86		CONTAS DE ORDEM		13 177 637 152\$73
Devedores por Garantias e Avals Prestados	666 919 783\$12		Credores por Valores de C/ Alheia	515 358 729\$65	
Devedores por Créditos Abertos	106 277 402\$21		Credores por Valores Recebidos em Caução	2 747 244 562\$86	
Devedores por Aceites	5 878 900\$50	4 041 679 378\$34	Garantias e Avals Prestados	666 919 783\$12	
Valores em C/C. com o Tesouro	3 175 595 384\$15		Créditos Abertos	106 277 402\$21	
Valores em C/C. com as Caixas Distritais	46 620 995\$51		Aceites	5 878 900\$50	4 041 679 378\$34
Valores em C/C. com as Caixas de Circunscrição	—\$	3 222 216 379\$66	Tesouro Público em C/ Corrente	3 175 595 384\$15	
Outras Contas de Ordem		297 430 090\$55	Caixas Distritais em C/ Corrente	46 620 995\$51	
		7 561 325 848\$55	Caixas de Circunscrição em C/ Corrente	—\$	3 222 216 379\$66
		20 738 963 001\$28	Outras Contas de Ordem		297 430 090\$55
					7 561 325 848\$55
					20 738 963 001\$28

O Chefe da Contabilidade
Alcides Farinha

Os Administradores
Henrique Belford Corrêa da Silva
António Teixeira de Sousa
Ruy de Lima Pereira de Mello

O Governador
Carlos João da Silva Moreira Rato

O Vice-Governador
Fernando Correia Pessoa

Conta de Lucros e Perdas do Exercício de 1966

DÉBITO			CRÉDITO		
Juros e Comissões a n/ Cargo	13 797 686\$57		Saldo do exercício anterior	152 854\$51	
Contribuições e Impostos	67 714 843\$91		Juros e Comissões a n/ Favor	301 930 774\$69	
Despesas com o Pessoal	138 239 774\$04		Resultados em Oper. Cambiais e s/ Títulos	26 650 213\$34	
Despesas Gerais	29 786 049\$38		Rendimento de Títulos de Crédito	39 089 014\$85	
Encargos Diversos	23 589 223\$16		Outros Rendimentos, Receitas e Lucros	16 900 053\$36	384 570 056\$24
Provisões e Amortizações	45 923 466\$70	319 051 043\$76			
Saldo		65 671 866\$99			
		384 722 910\$75			384 722 910\$75

O Chefe da Contabilidade
Alcides Farinha

O Governador
Carlos João da Silva Moreira Rato
O Vice-Governador
Fernando Correia Pessoa

Os Administradores
Henrique Belford Corrêa da Silva
António Teixeira de Sousa
Ruy de Lima Pereira de Mello

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

Em conformidade com a Lei e os Estatutos, o Conselho Fiscal apresenta o seu parecer sobre o Relatório e Contas da Gerência referentes ao exercício findo de 1966, que pela boa orientação e elevado critério com que mais uma vez foram elaborados bem merecem a aprovação deste Conselho.

É de salientar a exemplar actuação do Banco nas várias modalidades que competem à sua Gerência. Apesar das grandes dificuldades que continuam a assobrarbar a Província e a Nação, o exercício de 1966 é mais um período de acentuado progresso e expansão na actividade e posição do Banco de Angola, como consta do Relatório e está documentado.

No decurso do referido ano, o Conselho Fiscal desempenhou a sua missão com a devida regularidade, realizou os actos da sua competência e encontrou tudo em boa ordem.

A Administração do Banco refere-se muito criteriosamente às visitas de Membr. do Governo e outras individualidades de relevo, que trouxeram à Província apreciáveis vantagens.

Continua a mostrar-se muito útil a orientação de manter em Angola um dos membros da Administração do Banco.

Terminou o seu mandato o Vice-Governador Sr. Eng.º Fernando Correia Pessoa, e este Conselho associa-se às justas referências que lhe são feitas no Relatório.

Ao Ex.º Conselho de Administração agradece muito reconhecido as palavras que lhe dirigiu e as facilidades que lhe dispensou.

Todo o pessoal do Banco merece ser louvado pelo seu zelo e competência. Por último, o Conselho Fiscal tem a honra de propor aos Senhores Accionistas:

- 1.º — Que sejam aprovados o Relatório e Contas da Gerência de 1966, com um voto de louvor ao Conselho de Administração;
- 2.º — Que seja aprovada a aplicação dos resultados pela forma indicada no Relatório;
- 3.º — Que se proceda ao preenchimento das vagas existentes, resultantes de terminarem este ano o seu mandato os membros da Mesa da Assembleia Geral e o membro do Conselho Fiscal, Senhor Conselheiro Miguel Homem de Azevedo Queiroz Sampaio e Melo, que nos termos estatutários podem ser reeleitos.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1967.

O CONSELHO FISCAL
Miguel Homem de Azevedo Queiroz Sampaio e Melo
Carlos Miguel Antunes Ferreira Gonçalves
Ricardo Malhou Durão

RAVAILLAC

Texto de J. VAGENENDE Desenhos de FRISANO

RESUMO — Henrique de Navarra abjurou pela segunda vez da religião protestante, mas a sua ligação com Gabrielle d'Estrees escandaliza os católicos. François Ravallac, que se considera inimigo especial do rei, trabalha como correio judicial em Paris. Certa noite ouve gritos de aflição no quarto comum onde dorme...



28 — É Dubois quem pede socorro com voz estrangulada. François corre à mansarda do amigo. Sentado na cama, olhos esbugalhados de emoção, Dubois soluça. Ravallac consegue perceber algumas palavras entrecortadas: «De joelhos... reza... para ele não voltar...» «Voltar? Mas quem?» «O diabo! Um cão enorme... preto... queimava... deitou-se em cima de mim!» «Sonhaste, Dubois...» «Não! Ele pesava... fugiu... quando me persiguei!» Aterrado, François cai de joelhos a rezar. Foi um sinal de Deus para apontar a sua indignidade. Louvados sejam os céus por haverem salvo o pecador! No dia seguinte não hesita em pagar uma missa para preservar Dubois do demo.



29 — Em 1597 Ravallac sente pela primeira vez sérias dúvidas sobre a sua missão. O reino de França parece apaziguado. Depois de todos estes anos de guerra interna, os franceses acalmaram-se subitamente paixões no povo miúdo, quem quer saber delas? O poderoso Mayenne submeteu-se. Os espanhóis abandonaram Paris. Aproveitando a Quaresma, o papa Clemente VIII envia ao rei a sua absolvição. É um choque para Ravallac. «Meu Deus», suplica o rapazinho «se o vosso ministro entendeu por bem perdoar, quem sou eu, pobre pecador, para pretender outra espécie de justiça?» Mas nessa mesma noite ouve contar na estalagem uma versão diferente: Henrique de Navarra forçou o papa a assinar a absolvição, como mais tarde fará Napoleão Bonaparte. E a cólera de Ravallac desperta de novo...



30 — O primeiro Carnaval de paz que Henrique passa na capital é uma loucura completa. O rei e a amante misturam-se alegremente com a multidão na Feira de St-Germain. Vão de barraca em barraca, de braço dado, rindo alto e comprando bugigangas. Atraído pela balburdia geral, François aproxima-se do recinto do jogo da pela. Na sala cheia de fumo sente então um arrepio: de pé, ocupado nos preparativos do jogo, com a sua barbilha demoníaca e o seu olhar de lobo, está o rei. Perto dele, Gabrielle ostenta uma beleza lubrica que a todos confunde. O colo muito branco da belidade, o seu busto decotado são outros tantos apelos ao pecado. Ravallac não sabe como sair da sua alucinação...

(Continua)

QUANDO HOVER MELHOR...

melhor será ainda

AUDION

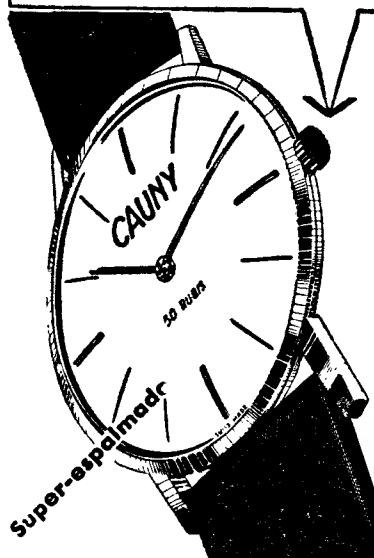
A máquina de fechar sacos de plástico de maior procura em 89 países!

MAIS DE 3000 UNIDADES EM PORTUGAL!

NOVUM

Av. da República, 2, LISBOA

Exija a marca gravada na sua coroa



CAUNY

UMA GRANDE MARCA SUÍÇA
O RELÓGIO SUÍÇO
PARA TODA A VIDA

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — Tel. 45587

Dr. Abel Alves — Ouv., nariz e garganta, 14 h.

Dr. Artur Fernandes — Doenç. olhos — 2.ª, 4.ª e 6.ª, às 14 e 1/2; 3.ª e 5.ª às 17 horas.

Dr. Armando Valle — Anál. clin. e vacinas, 11 h.

Dr. Armando Luzes — Rins e vias urinárias, 17 h.

Dr. Benard Guedes — Raios X, 16 h.

Dr. E. de Miranda Rodrigues — Doenç. nerv. mentais (2.ª, 4.ª e 6.ª), 18 h.

Dr. Formigal Luzes — Ag. Físicos, 15 h.

Dr. Fernando Castro Amaro — Medicina geral, 14 h.

Dr. J. Junqueira Junior — Boca e dentes, 17 h.

Dr. Maia Mendonça — D. das crianças (2.ª, 4.ª e 6.ª), 15 h.

Dr. Maria do Carmo Martinho — Clínica médica. Doenç. do coração. Electrocardiogramas, 15 h.

Dr. Souto Soares — Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.

Dr. Pedro da Cunha — Partos e doenç. das senhoras (3.ª, 5.ª e sáb.), 15 h.

Dr. Tito de Noronha — Doenç. da pele e sífilis (2.ª, 4.ª e 6.ª), às 12 1/2.

FEIRA DE SANTIAGO DE SETÚBAL

CARTAZ DE PROPAGANDA CONCURSO

Até ao dia 20 de Abril está aberto concurso para apresentação do modelo de cartaz de propaganda da Feira de Santiago, para o corrente ano.

Ao primeiro prémio caberá a quantia de Esc. 5.000\$00.

Os interessados deverão dirigir-se à Comissão de Festas — Câmara Municipal de Setúbal — Telefone 22105.

TAXÍMETROS

ANTES DE COMPRAR
APRECIE AS EXTRAORDINÁRIAS
CARACTERÍSTICAS
DO TAXÍMETRO

Kienzle ARGOT 12



O ÚNICO APARELHO
CUJA CONCEPÇÃO PERMITE
A SUA MONTAGEM NO
«TABLIER» DO AUTOMÓVEL
OU NO SUPORTE,
CONFORME SE DESEJE

ENTREGAS IMEDIATAS

Sociedade Lubrificantes Ingleses, Lda.

AV PRAIA DA VITÓRIA, 73-A — TEL. 58141

HORÁRIO DOS COMBOIOS SERVIÇO INTERNACIONAL

LISBOA-SEVILHA (Via Badajoz)

Comunica-nos a C. P. que desde 19 do corrente é estabelecido o seguinte serviço internacional para transporte de passageiros entre Lisboa e Sevilha:

7.40	p.	Lisboa (St.ª Apolónia)	c.	19.40	20.10	(a)
8.56	c.		p.	18.25	18.29	(a)
9.01	p.	Entroncamento	c.	17.48	20.10	(a)
12.40	c.		p.	14.15	18.29	(a)
13.50	p.	Badajoz	c.	13.15	18.29	(a)
15.30	p.		c.	7.45	18.29	(a)
20.15	c.	Sevilha	p.			(a)

(a) — Comboio TER — Entre Entroncamento e Lisboa além do pagamento da taxa de velocidade (Categoria A) — sujeito ao pagamento de uma taxa especial de utilização.

(b) — Comboio TAF — Entre Sevilha e Badajoz está sujeito ao pagamento de taxa de velocidade.

CHAMADAS TELEFONICAS 16 61 46

FEIRA, 20 DE MARÇO DE 1967

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE UMA LEOA CHAMADA ELSA — no TIVOLI

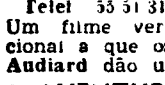


As 9.30 da noite
(M. 12 anos)
UM FILME
FASCINANTE!

Telef. 5 05 95

UMA LEOA CHAMADA ELSA

com
Virginia McKenna e Bill Travers



As 15.15, 18.15
e 21.30
(M. 17 anos)
3.ª SEMANA

Telef. 55 51 31

Um filme verdadeiramente sensa-
cional a que os diálogos de Michel
Audard dão um humor irresistível
O AVENTUREIRO DE TAHITI
com Jean-Paul Belmondo e Mylene
Demongeot



As 15.15, 18.30
e 21.30
(M. 12 anos)

Telef. 32 07 68

O VALE DA HONRA
com James Stewart e Patrick Wayne
TECHNICOLOR



As 15.45 (p. r.)
e 21.45
(Adultos)

Telef. 76 30 80

Um autêntico
festival de ritmos
modernos!
**QUANDO ELES E ELAS
SE ENCONTRAM**
com Connie Francis, Harve Presnell



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
(Adultos)

Telef. 32 63 05

Um filme rechea-
do de acção vio-
lenta
UM IATE PARA JAMAICA
com Lino Ventura e Sylvia Koscina
A história de uma luta onde a morte
espere a cada passo...
(M. 12 anos)



As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)

Telef. 72 77 78

Balcão 72 91 92
Morten Grunald
e Essy Persson
numa irresistível paródia aos filmes de
agentes ultra-secreto!
BATE PRIMEIRO, FREDDY
Um êxito de gargalhada
fotografado em Eastmancolor



As 15.15, 18.15
e 21.30
(M. 12 anos)

Telef. 32 25 23

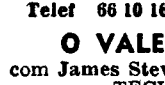
**AS AVENTURAS
DE «O SANTO»**
Jean Marais interpreta a figura
extraordinária de Simon Templair,
dito «O Santo»
Em EASTMANCOLOR



Telef. 61 03 75

As 21.30
(M. 12 anos)

**RITA,
A FILHA AMERICANA**
com Rita Pavone e Tóto



As 15.30 e 21.30
(M. 12 anos)

Telef. 66 10 16

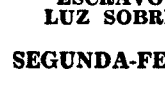
O grande filme
da Páscoa!
O VALE DA HONRA
com James Stewart e Patrick Wayne
TECHNICOLOR



As 15 e 21 h.
(M. 17 anos)

Telef. 32 09 17

**RAINHA DO AMOR
CHAMADA PARA A MORTE**



Telef. 82 41 94

As 15.15 e 21 h.
(M. 17 anos)
**ESCRAVOS DO IMPÉRIO
LUZ SOBRE O ASSASSINO**



As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
5.ª SEMANA
Um monumento da
realização cinema-
tográfica

Telef. 63 51 34

PARIS JA ESTA A ARDER?
33 actores de renome internacional sob
a direcção de RENE CLEMEN
Atenção: Devido à sua longa metra-
gem o filme começa 12 minutos depois
do início das sessões



As 15.30, 18.30
e 21.45
15.ª SEMANA
(M. 17 anos)

Telef. 75 00 95

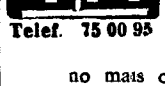
Um filme fora de
série com Sidney Poitier
UMA RESTIA DE AZUL



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
(Adultos)

Telef. 32 71 72

Um filme alegre
**QUANDO ELES E ELAS
SE ENCONTRAM**
com Connie Francis e L. Armstrong



As 15.30 e 21.45
(Adultos)

Telef. 75 00 95

3.ª SEMANA
DE ÊXITO
BARBARA RUTTING
—
Hansjorg Felmy
no mais ousado filme de
Ladislao Vajda
O OUTRO LADO DA VIDA
Um conflito dramático num mundo
estranho onde se debatem ódios e pa-
ixões!



As 15.15,
18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
(Adultos)

Telef. 5 41 53/54

Espectáculo moderno, contado numa
linguagem fora do comum
**UM HOMEM
E UMA MULHER**
com Anouk Aimes, Jean-Louis Trin-
tignant



As 15.15, 18.15
e 21.30
(Adultos)

Telef. 53 87 43

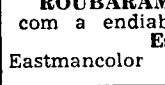
A comédia do ano!
ADULTÉRIO A ITALIANA
c/ Catherine Spaak e Nino Manfredi



As 15.15 (p. r.)
e 21.30
(Adultos)

Telef. 32 62 83

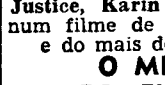
Uma comédia de
alto nível de espec-
táculo maravilhoso.
FOGO NA CARNE
com VICENTE PARRA e IRAN EORY
Eastmancolor (M. 12 anos)



As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)

Telef. 53 23 00

Christopher Lee,
James Robertson,
Justice, Karin Dor e Nigel Green
num filme de permanente mistério
e do mais denso «suspense»...
**O MISTERIOSO
DR. FU MANCHU**
Technicolor — Techniscope
Uma realização de Don Sharp



As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)

Telef. 53 23 00

Christopher Lee,
James Robertson,
Justice, Karin Dor e Nigel Green
num filme de permanente mistério
e do mais denso «suspense»...
**O MISTERIOSO
DR. FU MANCHU**
Technicolor — Techniscope
Uma realização de Don Sharp

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
A B C — As 20 e 45 e às 23: «Sete
Colinas» (17 anos)
AVENIDA — As 21 e 45: «O camarada
Mussov» (17 anos)
CAPITÓLIO — As 20 e 45 e às 23: «Quem
tem boca vai a Roma» (17 anos)
VILLARET — As 21 e às 23: «Assassi-
nos associados» (17 anos).

CINEMAS
ARCO IRIS — As 21: «Quando os abur-
res voam» (17 anos)
CINEARTE — As 21: «Mary Poppins» (12
anos)
COLISEU — As 21: «Inferno no Pací-
fico» (12 anos)
IMPERIAL — As 21: «Roubaram a Gio-
conda» (17 anos)
JARDIM — As 21: «A espada do con-
quistador» (17 anos)
MOSCAVIDE — As 21: «Landru» (17
anos)
OLIMPIA — As 19: «Justiça de um pis-
toleiro» (12 anos)
ORIENTE — As 21: «Madroga» (12
anos)
PARIS — As 21: «Sete dias em Maio»
(12 anos).

PROMOTORA — As 21: «Safira» (17
anos)
REX — As 21: «Fortuna de um pai» (12
anos)
ROYAL — As 21: «O Santo em Londres»
(12 anos)
SALÃO LISBOA — As 19: «O justiceiro
dos mares» (12 anos).

Na Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21: «Os
grandes aventureiros do Arkansas» (12
anos).

Na Linha de Sintra
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS —
As 21 e 15: «Os heróis de Telemark»
(17 anos).

Na Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15:
«Como roubar um milhão» (12 anos);
ACADEMIA — As 21 e 15: «Raparigas
ao sol» (12 anos).

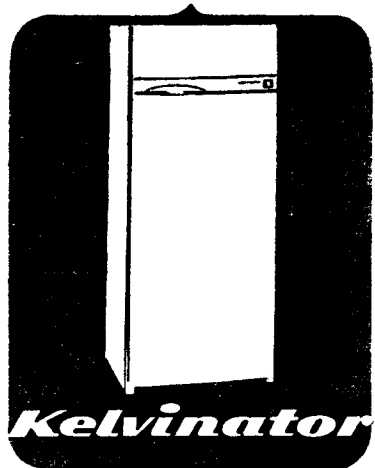


Para actuar, durante três semanas,
numa «boite» em Nova York, par-
tiu para os Estados Unidos a popu-
lar fadista Maria da Fé

RECINTOS DE DIVERSÕES

- * Adelina Ramos, Quinita Gomes,
o Trio Guadiana, Xavier de Oli-
veira e Manuel de Almeida par-
ticipam na homenagem ao can-
tador Fernando Maurício, que se
realiza no próximo dia 25.
- * Maria Amélia Proença e Artur
dos Santos são os artistas pri-
vativos do «Cais do Fado».
- * Vai regressar à actividade artis-
tica a cantadeira Estela Alves,
ausente em Madrid durante al-
gum tempo.
- * O guitarrista Fontes Rocha
acompanha António Mourão na
sua próxima digressão à Améri-
ca do Norte.
- * O artista Bel Guerra e a sua
partenária, Gina, estão a tra-
balhar na cidade da Beira, na
«boite» Moulin Rouge.

FRIGORÍFICOS



aproveite a
campanha comemorativa
da inauguração de



PRAÇA DE LONDRES, 7-A e B LISBOA

MAIS UMA LOJA **Bardo**

MENORES PREÇOS

MAIORES FACILIDADES

abra uma garrafa de
HIGHLAND QUEEN...

cheire...

e goze o
sabor agradável
e inconfundível
deste velho e
precioso
whisky!...

HIGHLAND QUEEN

IMPORTADO DIRECTAMENTE
DA ORIGEM

AGENTES:

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 69 — LISBOA
Telefones: PPC 320031/4

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420 — PORTO
Telefones: 26562 - 32228 - 35221 e 24943

FRIGORÍFICOS E MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

2.ª ESCOLHA — 5 ANOS DE GARANTIA
MELHORES MARCAS A PREÇOS EXCEPCIONAIS

CASA JÚNIOR R. ALECRIM 21 - A
Tel. 321053 (ao Cais do Sodré)

CREME A RASER D'euxlay

3 novo produto para um barbear perfeito

REPRESENTANTE
CONSÓRCIO G. DE PERFUMARIA, LDA. AV. 5 DE OUTUBRO, 117 - LISBOA

* oferece-se amostra para experiência a quem a solicitar

AOS QUE SE DESLOCAM EM AUTOMÓVEL A INGLATERRA

**TRAVESSIA DO CANAL
DA MANCHA**

A C. P. informa que tem à dispo-
sição dos turistas nacionais e es-
trangeiros, que se desloquem à In-
glaterra e desejem levar o seu car-
ro, um novo serviço combinado pa-
ra o transporte de automóveis atra-
vés do Canal da Mancha

Pega informações e folhetos no
Serviço Comercial e do Tráfego
(Santa Apolónia), nas Secções de
Informações de Lisboa, Porto e
Coimbra, nos Despachos Centrais
dos Caminhos de Ferro, em Lis-
boa, ou consulte a sua agência de
viagens ou automóvel clube.

bom apetite

**restaurante
aramelo**

**PRÉMIO
DO S. N. I.**

TRAV. ST. ANTÃO, 21 — LISBOA
(Restauradores) Tel. 36 71 85

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE
TELHEIRAS DE CIMA, 44
(Ao Campo Grande) — Telef. 79021

Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

TONI DOS BIFES

RESTAURANTE
(NÃO TEM SUCURSAIS)

AMANHÃ
ARROZ DE PATO NO Forno
QUARTA-FEIRA
COZIDO À PORTUGUESA
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 50-F
Tel. 536080 (Junto ao Monumental)

**PARREIRINHA
DO RATO**

O MELHOR CHURRASCO
DE LISBOA

LARGO DO RATO, — Porta 1
Telef. 685903

**RESTAURANTE
CERVEJARIA**
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AUTO-PARQUE PRIVATIVO

MOSCOVO OPÕE-SE À ENTRADA DA ÁUSTRIA NO MERCADO COMUM

MOSCOVO, 20. — (R.). — O chanceler austríaco Josef Klaus não conseguiu o principal objectivo da sua visita a Moscovo, que consistia em persuadir o Governo soviético a não se opor à entrada da Áustria no Euromercado.

Os dirigentes soviéticos manteve-

ram a sua opinião de que a Áustria perderá a sua independência económica tornando-se, politicamente, influenciada pela Alemanha Ocidental, o que viola o tratado de neutralidade, assinado em 1955, pelas quatro potências vencedoras da guerra.

Círculos austríacos disseram, porém, que os dirigentes soviéticos não fizeram qualquer ameaça de intervenção no caso de a Áustria desprezar o ponto de vista soviético e levar a cabo o seu intento em relação ao Euromercado.

Novos dirigentes do Sindicato dos Profissionais de Hotelaria

Na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais na Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa tomaram posse, esta manhã, os membros da nova direcção, que tinha sido eleita em Fevereiro do ano passado e aguardara até agora a homologação ministerial.

Foram empossados os srs. Manuel Mendes Leite Júnior, Horácio Henriques Nogueira e Francisco Pinto, devendo ser ainda nomeados, em reunião que se efectuará ao fim da tarde de hoje, mais dois membros daquela direcção, a escolher entre os representantes das direcções distritais.

Tomaram ainda posse, na cerimónia desta manhã, os dirigentes das seguintes cinco secções: Hotéis, srs. Horácio Henriques Nogueira, Joaquim de Oliveira e José Francisco Marques Júnior; Pensões, srs. António Alves de Brito, José Rodrigues e Manuel Bernardino Soares; Restaurantes, cafés e casas de pasto, srs. Albino da Silva, Fernando António Gomes Ferramenta e Fernando da Silva Borrô; Pastelarias e leitarias, srs. Fernando Ferreira de Almeida, Francisco Pinto e José de Brito Ribeiro; finalmente, para a secção pela qual são tratados assuntos diversos tomaram posse os srs. Joaquim de Sousa Pereira, José Baptista Videira e Júlio Vicente Mendes.

Entretanto, durante a tarde, reuniu-se o conselho geral do Sindicato, constituído por representantes dos profissionais dos distritos de Lisboa, Coimbra, Leiria, Guarda, Castelo Branco, Setúbal, Santarém, Portalegre, Évora, Beja e Faro, a fim de apreciarem e votarem o relatório e contas do exercício de 1966 e tratar de problemas gerais da profissão.

O SECRETÁRIO-GERAL DA PROVÍNCIA DE MACAU TOMOU HOJE POSSE

Effectuou-se hoje, ao começo da tarde, no Ministério do Ultramar, a cerimónia da posse do sr. dr. Alberto Eduardo da Silva como secretário-geral da província de Macau, cargo criado pela nova Lei Orgânica do Ultramar.

Conferiu a posse o ministro, sr. prof. dr. Silva Cunha, e assistiram os dois subsecretários de Estado da pasta, directores-gerais e outros altos funcionários do Ministério e numerosas personalidades, entre as quais os srs. drs. Rebelo de Sousa, vice-presidente do Conselho Ultramarino; Pacheco Jorge, deputado por Macau; António Nolasco, director dos Serviços de Informação e Turismo da mesma província; e Armando Hagatong, presidente da Casa de Macau, com outros dirigentes; comandante Correia de Barros, antigo governador de Macau; prof. D. António de Almeida, pela Sociedade de Geografia, etc.

Prestado o compromisso e assinado o auto, que fora lido pelo secretário-geral do Ministério, sr. dr. Cruz Alvura, usou da palavra o sr. prof. dr. Silva Cunha, que desejou ao sr. dr. Alberto da Silva as maiores prosperidades no exercício das funções e afirmou o quanto o Governo espera da sua acção, como colaborador directo do governador, dando os conhecimentos que possui do meio, das pessoas e do condicionamento da província e dadas as provas reveladas ao longo da sua carreira administrativa. Ao agradecer a confiança nele depositada, o novo secretário-geral manifestou o propósito de bem cumprir e de trabalhar de forma a não desmerecer da honrosa missão que lhe foi confiada.

Regressou do Brasil o prof. Leite Pinto

Ao princípio da tarde, regressou a Lisboa, no avião da Varig, o sr. prof. eng. Leite Pinto, presidente da Junta de Energia Nuclear, que se deslocou ao Brasil a convite das universidades da Guanabara e de São Paulo, que lhe entregaram solenemente as insígnias de doutor «honoris causa».

No aeroporto aguardavam o antigo ministro da Educação, entre outros individualidades, os srs. dr. João Meira, que representava o sr. ministro de Estado; eng. Carlos Castro, pelo ministro das Obras Públicas; o professor Hercúlio de Carvalho, reitor da Universidade Técnica; eng. Rogério Cavaco, director-geral do Laboratório de Energia Nuclear; eng. Carlos Macedo, do mesmo laboratório; dr. Gomes Branco, director-geral do Ensino Primário; David Pinto, em representação do director da P. I. D. E.; dr. Amílcar Pinheiro, director da «Varig» e muitos amigos.

Numa rápida declaração, após o desembarque, o sr. prof. eng. Leite Pinto disse-nos:

— Fui enquadrado num programa pesadíssimo, onde não houve tempo para dormir, e visitei duas das Universidades do Rio de Janeiro, a de Belo Horizonte e a velha Escola Superior de Minas, de Ouro Preto. Visitei também, os laboratórios da Junta de Energia Nuclear do Brasil. Por toda a parte progresso nítido sobre o que existia há ano e meio. Da minha estada de dez dias no Brasil, de um contacto prolongado com o reitor da Universidade da Guanabara, o grande amigo de Portugal que é o prof. eng. Haroldo Lisboa da Cunha e do presidente da Junta de Energia Nuclear do Brasil, general Uriel Ribeiro trouxe a inabafável convicção da utilidade — direi mesmo da indispensabilidade — do intercâmbio permanente de professores, cientistas e graduados universitários das duas nações de fala portuguesa.

A finalizar, o sr. prof. eng. Leite Pinto disse:

— Pela minha parte farei o possível para receber e agasalhar, nos laboratórios e minas da nossa Junta de Energia Nuclear, todos os técnicos brasileiros que nos deem a

O eng. Manuel Rocha partiu para a Hungria em missão científica

A fim de participar nos trabalhos da comissão directiva da Reunião Internacional dos Laboratórios de Ensaios e Investigação de Materiais de Construção, que se efectuará em Budapeste, de 26 a 27 do corrente, partiu para a Hungria o sr. eng. Manuel Rocha, director do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Aproveitando esta deslocação, aquele técnico estabelecerá ainda contactos com diversos institutos de investigação húngaros ligados à construção e a obras públicas.

Em seguida, o sr. eng. Manuel Rocha, na sua qualidade de presidente da Sociedade Internacional de Mecânica das Rochas, conferenciará em Zurich com o vice-presidente daquela agremiação científica sobre diversas questões de grande interesse para a mesma.



SUKARNO EFECTUA AGORA AS SUAS PRÓPRIAS COMPRAS

DJAKARTA, 20. — (R.). — O presidente Sukarno, demitido de todas as funções oficiais, efectua agora as suas próprias compras. Ontem, acompanhado da sua esposa favorita, o presidente foi até à povoação de Sukarbumi, a 140 quilómetros ao sul de Djakarta, comprar frutas no mercado local.

Em contraste, com os longos cortejos de outrora, o carro de Sukarno rodou sem qualquer escolta.

Grupos de crianças juntaram-se à volta do antigo presidente enquanto este percorria as bancadas de laranjas, bananas e papaias.

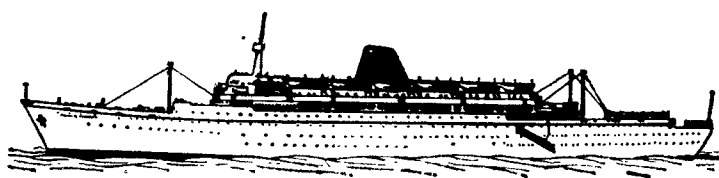
Vítima de desastre de viação próximo de Alverca

Fernando José Cadete Rodrigues, de 25 anos, morador na Rua 28 de Maio, 18, Via-oanga, chocou a moto-reta que conduzia com uma camioneta, próximo de Alverca. Transportado ao Hospital de Santa Maria, chegou ali já morto, pelo que o corpo deu entrada no Instituto de Medicina Legal. A G. N. R. de Alverca tomou conta da ocorrência.

CRUZEIRO DE VERÃO

ITÁLIA — GRÉCIA — TURQUIA
E
ILHAS DO MEDITERRÂNEO
(CRETA — MALTA E PALMA DE MAIORCA)

DE 11 A 28 DE AGOSTO (18 DIAS)



No Pacote «PRÍNCIPE PERFEITO» (20.000 ton.)

ESPECIALMENTE FRETADO PELA STAR

- Amplos Salões e Espaçosos Decks
- Ar condicionado em todos os camarotes
- 2 Magníficas Piscinas

APROVEITE AO MÁXIMO AS SUAS FÉRIAS

Visitando:

BARCELONA — NÁPOLES — MESSINA — PIREU (ATENAS) — ISTAMBUL — HERAKLION (CRETA) — LA VALETTA (MALTA) E PALMA DE MAIORCA

E, ainda, as famosas cidades e centros das antigas e modernas civilizações

19 EXCURSÕES FACULTATIVAS

Completo programa de festas e diversões a bordo

Preços desde Esc. 5.990\$00

Escolha dos Camarotes no momento da inscrição

Programas e inscrições

na



UTILIZE O CREDI-STAR

LISBOA

Sede: Av. Sidónio Pais, 4-A — Tel. 53 89 71

Sucursais:

Pr. dos Restauradores, 14 — Tel. 36 25 01

Rua do Alecrim, 10 — Tel. 36 95 03

FILIAIS

Av. dos Aliados, 210 — Tel. 2 36 37

PORTO

e, ainda, ESTORIL, FUNCHAL e LUANDA

Greve e «lock-out» em Saint Nazaire

SAINT NAZAIRE, 20. — (F. P.). — Alguns milhares de operários dos Estaleiros do Atlântico encontraram esta manhã os portões fechados quando se apresentaram ao trabalho.

Embora uma parte dos serviços de autocarros que convergem das localidades vizinhas para Saint Nazaire não tivesse funcionado, fo-

ram ainda assim cerca de cinco mil os operários que se apresentaram nos estaleiros. Todavia, o «lock-out» já ontem fora anunciado.

Os operários reuniram-se depois de lerem o comunicado afixado à entrada.

O movimento desencadeado no dia 1 por três mil operários metalúrgicos de Saint Nazaire, contratados ao mês, entre os quais dois mil dos Estaleiros do Atlântico, está na origem da situação que hoje privou de trabalho os seis mil operários do estaleiro naval, contratados à hora.

Estabeleceu-se a solidariedade entre os operários e os sindicatos lançaram a todos os trabalhadores da metalurgia de Saint Nazaire ordem de largar o trabalho a partir das 10 horas de hoje. Está previsto um comício na cidade.

AS CONVERSACÕES ENTRE PORTUGAL E O MALAWI

Terminam hoje, ao fim da tarde, as conversações entre os Governos de Portugal e do Malawi, que têm estado a decorrer em Lisboa, entre os ministros Franco Nogueira e Silva Cunha e os ministros das Finanças e dos Transportes daquele país africano.

As conversações, que têm incidido sobre problemas mútuos de transportes, encerram-se com um encontro entre as duas delegações governamentais, no Palácio das Necessidades, onde durante a manhã se efectuou a última reunião de trabalho.

CAIU DA JANELA

Caiu da janela de um quarto andar, na Rua dos Anjos, a menor Ana Rosa Tabaginho, de 15 anos. Muito ferida na cabeça, ficou internada na sala de observações do Hospital de S. José.

COLHIDA MORTALMENTE POR UM COMBOIO

Esta manhã, cerca das 8 e 30, quando atravessava a linha férrea, no Estoril, depois de ter descido de um comboio, foi colhida por outro, que seguia em sentido contrário, a sr.ª D. Maria Guilhermina Macedo La Féria, de 22 anos, natural de Santa Maria, Serpa, filha do sr. Manuel Picarra La Féria e da sr.ª D. Natividade Macedo. Era escriturária no Centro de Medicina e Reabilitação de Alcoitão, e moradora na Avenida 28 de Maio, 8-2.ª, Esq. Foi imediatamente conduzida para o Hospital da Misericórdia de Cascais, onde recebeu os primeiros socorros, sendo a seguir transportada para o Hospital de S. José, em cuja sala de observações morreu pouco depois de ali dar entrada.

Morreu em Viseu o eng.º José Lobo

VISEU, 20. — Faleceu, hoje, inesperadamente, nesta cidade, o sr. eng.º José Lobo, casado com a sr.ª D. Maria Emília Parreira Lobo, que viera de Lisboa incorporado no cortejo fúnebre de sua cunhada, a sr.ª D. Maria da Conceição Parreira do Amaral.

Entalado num elevador

Recolheu ao Hospital de São José, muito ferido na cabeça, um pintor que apenas se sabe chamar Joaquim, o qual ficou entalado no elevador do lote 27 da Avenida Gomes Pereira, em Benfica.

Caraguatatuba isolada

(Continuação da 1.ª página)

a cidade costeira brasileira de Caraguatatuba.

Segundo notícias de amadores de rádio locais desapareceram 400 pessoas.

Foi o governador do Estado de São Paulo, Roberto de Abreu Sodré, quem forneceu o balanço oficial de mortos, após uma visita que efectuou, de helicóptero, à cidade fustigada pelos temporais. No entanto, segundo o governador, é impossível calcular o número de mortos.

As grandes chuvas fizeram com que as águas do rio Santo António inundasse as suas margens, causando o desmoronamento de muitas casas nos arrabaldes da cidade.

A pequena estância de turismo, a meio caminho entre São Paulo e o Rio de Janeiro, estava quase completamente isolada, tornando difícil uma avaliação da situação. Contudo, um comboio de socorro da Polícia, constituído por 20 camiões, tentava alcançar a área com víveres e medicamentos.

Seguiram de helicóptero para Caraguatatuba, diversos bombeiros.



Remates à baliza...

● Pontualidade...

Estão a crescer os atrasos verificados nos começos dos jogos. O público, que paga os bilhetes de ingresso, não deve ser tratado com o desrespeito que ultimamente está a proliferar, tanto no Campeonato Nacional da 1.ª Divisão como noutros campeonatos, de menor envergadura.

O futebol era modelar no concernente ao cumprimento dos horários fixados. Mas de transigência em transigência, os abusos quase assumiram o ar de grande naturalidade.

Os árbitros também, verdade se diga, têm graves culpas no que está a registar-se todos os domingos.

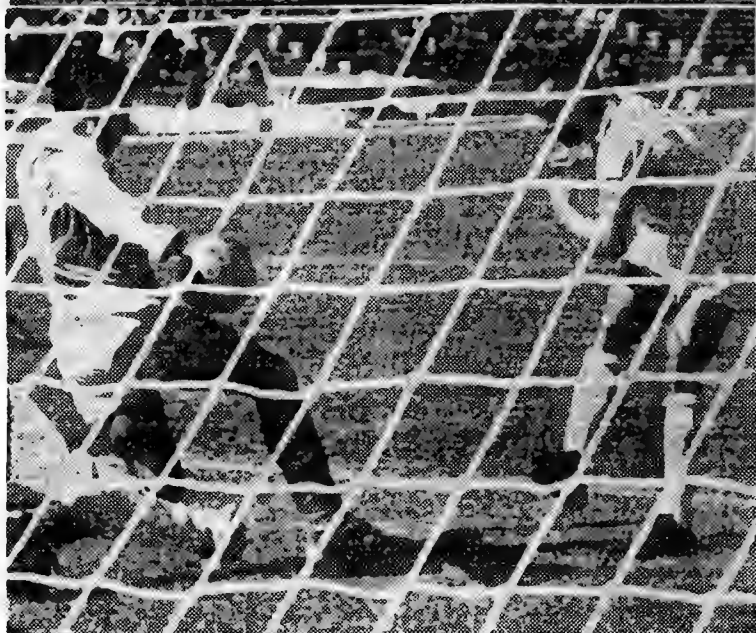
Se os comunicados da F. P. F. estipulam as 15 horas para início dos jogos, não há que hesitar. Impõe-se observância escrupulosa do que se determina. Só assim o futebol manterá firme o seu crédito junto das massas populares.

● Descrédito...

E já que se fala de crédito, está a aumentar de modo assustador e descrédito que o jogador das resoluções federativas, dimanadas dos órgãos encarregados de aplicar a justiça, fomenta entre quem espera firmeza de atitudes para bem da modalidade, em especial para salvaguarda da sua essência disciplinadora.

O recente protesto do Vitória de Setúbal, referente ao jogo contra o Sporting Clube de Portugal, enquadra-se no que se alude, considerando que o Conselho Técnico se confessou incompetente para o julgar, ao

(Continua na 7.ª página)



Em cima, «livre» de Eusébio, que Armando defendeu com os punhos. Em baixo, o lance de onde nasceu o «penalty» do Benfica, que os bracarenenses contestaram vivamente

EUSÉBIO EM PLENO: QUATRO GOLOS AO BRAGA!

O resultado de 4-0 do jogo Benfica-Braga tem, além de outras menos importantes, uma explicação primordial que dá pelo nome de Eusébio — e pelo cognome de «goleador». Claro que a vitória benfiquista saiu do labor de toda a equipa; o moçambicano não fez tudo. No entanto, quem emprestou significado à movimentação do «onze» e quem conseguiu entrar na densa floresta da defesa bracarense foi Eusébio.

O Braga sabia o que o esperava e, para obstar às investidas dos lisboetas, empurrados por forte ventania, reforçou as linhas atrasadas. Quase se não distinguem os defesas dos médios e estes dos extremos. Na frente, como guardas avançadas, apenas Perrichon e Adão.

Os visitados não se fizeram rogados nem estiveram com cerimónias. Assim que a bola saiu do centro, no começo do desafio, eles aí vão para a frente, dispostos a «vingar» o desaire da primeira volta.

Porém, e embora o ataque não caísse no erro de encurtar a frente, antes colocando Nelson e Simões afastados dos pontos de lança, o Benfica entrou a sentir extrema

dificuldade em incomodar Armando, protegido por um escudo... bem visível. O certo é que, até à meia

(Continua na página central)

Tanta incompetência...

Ainda não há muito tempo, abundavam no escalão dos órgãos jurídicos da Federação Portuguesa de Futebol os recursos que se sucediam, em série, prolongando a aplicação da justiça ao mesmo tempo que provocavam desorientação na massa desportiva nacional, sobretudo quando certos casos haviam decorrido de modo inequívoco e certas delícias, tendentes a apurar responsabilidades, não ofereciam dúvidas de nenhuma espécie.

Parece ter cansado o «slogan» dos recursos, dado que, ultimamente, após reparos justificados, surgiu outro a substituir aquele. Referimo-nos à declaração de incompetência que alguns órgãos, do âmbito federativo, estão a perfilhar ante casos, iguais a tantos outros, que talvez, noutras circunstâncias, dessem origem a recursos, se, porventura, fossem, como eram, resolvidos sem hesitação.

Estranha-se esta mudança de critério que, entretanto, parece dar a entender que na interpretação dos regulamentos do futebol predomina, a par da fragilidade do fundamento das resoluções, o receio de as tomar, também.

As maldades dos miúdos de Belém...

Cristalino...

Não, o Atlético não jogou desfalcado nem tão pouco foi obrigado a actuar em inferioridade numérica. Não se verificou também uma «arbitragem desgraçada», a favor do Belenenses, como ainda Ramin, o guarda-redes alcantarense, figurou a cumpli-

por FERNANDO SOROMENHO

cidade que por vezes faz a glória dos avançados.

Como aconteceu, pois, aquele robustíssimo resultado? Como se explica o singular fenómeno de

os avançados belenenses terem marcado sete golos num só desafio, três dos quais com Simões

(Continua na 7.ª página)



5.º golo do Belenenses ou a consequência da visão de Adelino, com um toque subtil, a afastar a bola do alcance de Ramin

O CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

ZONA SUL

O BARREIRENSE IMPÕS-SE NA SEGUNDA PARTE

Não teve o encontro Barreirense-Portimonense (dois grupos de justicadas aspirações na Zona Sul) primores técnicos futebolísticos assinaláveis, embora uma vez por outra se observassem combinações aplaudíveis.

O caso resolveu-se a contento do «leader», agora notavelmente distanciado do segundo (4 pontos), porque teve nos pés dos seus avançados o «fogo» do remate. Os homens da frente, havendo alcançado dois golos (um em cada tempo) tiveram, logo que recomeçou o prêmio e daí por diante, reais possibilidades de resultado volumoso.

O Barreirense, embora sem ter alinhado, por lesões, com três elementos titulares do «team» principal, pôde tornar a dificuldade que veio do Algarve — o Portimonense, conjunto habilidoso, mexendo a bola no melhor sentido associativo, mas cujos jogadores, mormente os avançados, pareciam desconhecer-se uns aos outros, na área da verdade.

Princípio e meio, observou-se, mas o fim, traduzido por remate, esse não fez parte da sua bagagem. Assim é que o «leader», dispondo de maior alegria e ímpeto, valorizado pela objectividade do jogo, rematando sempre e impondo-se, por isso, á defesa contrária, levou de vencida o contendor, sem margem para dúvidas.

Contaram-se muitas ocasiões de golo para o grupo do Barreirense, ao passo que o «team» algarvio iam a dizer que não dispôs de nenhuma.

No vencedor, Patrício foi um defesa seguro e resoluto, o brasileiro Azumir («capitão»), um jogador inteiro e orientador de todo o labor dos seus companheiros, e Ludovico, um infatigável lutador, que, em maré feliz, teria conseguido, pelo menos, desfeitear três vezes o guarda-linhas algarvio.

Do vencido, referiremos Daniel, que teve intervenções valorosas na defesa da baliza confiada á sua guarda. Dos restantes jogadores, ficaram dados breves apontamentos globais.

Bom o trabalho do árbitro, dr. Déco de Freitas, de Lisboa, que baixou de nível no segundo tempo, deixando sem punição algumas coisas que não são de fechar os olhos...

JOÃO DIAS

O OPORTUNISMO DO SEIXAL LEVOU DE VENCIDA O MELHOR JOGO DO ALMADA

A luta titânica travada entre os últimos faz de cada jornada autênticas finais. Não fugiu á regra a partida ontem disputada no Pragal, entre o Almada e o Seixal, equipas muito semelhantes e a marcaram posição de destaque numa recuperação desesperada para se libertarem da crítica posição em que se encontram.

Sem que a partida tenha atingido bitola elevada, foi-nos, contudo, dado observar uma pugna cheia de entusiasmo em que, por vezes, a força sobrelevou a técnica e em que a forte ventania se tornou o pior inimigo dos contendores, forçando as defesas a trabalho exaustivo, cabendo realçar a do Seixal, que se bateu enérgicamente durante o primeiro tempo, contra o melhor período do Almada.

O nulo registado ao intervalo fornecia indicações de que a turma visitante tentaria o ataque, procurando o golo com disparos de longe. Assim aconteceu e foi altura da defesa do Almada ser posta á prova, mostrando entreada para não ser batida.

O tento do triunfo seixalense deve-se ao oportunismo do veterano Carvalho, que, em jogada subtil, conseguiu desfeitear o guarda-linhas Godinho. Com estes pontos preciosos, o Seixal terá dado um passo importante para a fuga ao último lugar, aproximando-se perigosamente dos penúltimos, entre eles o seu adversário de ontem.

Arbitragem de Manuel Neto, de Lisboa, que nos pareceu não estar em forma para acompanhar o jogo de perto, e daí a sua precipitação ao assinalar golo para o Almada, quando, na verdade, a bola rondou a baliza de Porfírio, sem que tivesse transposto o risco. Salvou-se desse lapso mercê da boa actuação do seu auxiliar.

MARIO REIS

MÉRITO DO LUSO AO GANHAR EM ALHANDRA

No encontro Alhandra-Luso, há a anotar como nota principal, a exibição decepcionante dos alhandrenses, numa renúncia confrangedora á acção emotiva do futebol, que os obrigou a aceitar a derrota, de cabeça baixa.

Depois de um primeiro tempo sem interesse técnico, á parte al-

guns lances bem executados pela defesa lusista, a dar a sensação de completa confiança e de ligação, o segundo tempo, iniciado na mesma toada, veio a melhorar muito quando o Luso se apercebeu que poderia ganhar.

Dá em diante, foi a equipa forasteira a única que manobrou bem, dispondo as suas pedras ao ataque, para o qual o Alhandra não logrou opor-se.

O Luso, com mais dois golos e algumas oportunidades flagrantes desperdiçadas pelos seus dianteiros, conseguiu um triunfo que traduziu, com verdade, o que foi o seu ascendente, castigando um adversário sem inteligência no ataque nem técnica defensiva.

No Luso, a defesa esteve muito bem; e Gomes Ferreira e Fernandes, no ataque, foram os melhores. No Alhandra, todos abaixo do normal, jogando em toada lenta.

Boa arbitragem.

GOMES DOS SANTOS

EMPATE CERTO NO JOGO DE SINTRA

O jogo entre o Sintrense e o Cova da Piedade, dois grupos de valor sensivelmente igual (4.º e 6.º classificados) chamou ao campo «Manuel Soares Barreto», em Sintra, razoável assistência e foi renhida-mente disputado, terminando com o empate a uma bola, resultado que, quanto a nós, se ajusta perfeitamente ao jogo desenvolvido por ambas as equipas.

No entanto, a haver um vencedor, deveria ser a turma sintrense pelo maior numero de ocasiões de marcar que teve a seu favor, principalmente na fase final do jogo.

Na primeira parte o jogo decorreu em toada de parada e resposta, com realce para ambos os compartimentos defensivos. Se é certo que os piedenses jogaram durante mais tempo no campo do adversário, também é verdade que foram estes que criaram maior perigo junto da baliza contrária (Ferreira, por duas vezes, teve de se arrojar aos pés de Sérgio). Porém, aos 25 minutos, este mesmo jogador, na marcação de um «live» próximo da grande área, fez 1-0 para o Sintrense e, um minuto depois, Eduardo estabeleceu a igualdade no marcador.

No segundo tempo manteve-se a toada anterior, embora no último quarto de hora os sintrenses tivessem dominado territorialmente e criado mais ocasiões de golo, a que se opôs, com êxito, a defesa com-



Ludovico bate-se com o defesa portimonense. Daniel, o guarda-redes portimonense, corta a soco o centro lançado sobre o seu reduto

trária — o melhor sector dos piedenses, neste encontro.

No Sintrense, Gomes, Pardo, Moreira, Sérgio e Trindade foram os melhores; e dos piedenses, evidenciaram-se toda a defesa, Eduardo e Garcia.

A arbitragem de José Alexandre (de Santarém) pecou, quanto a nós, por ter feito «vista grossa» a algumas faltas praticadas dentro da grande área, e destas, o grupo mais prejudicado foi o visitante.

JOÃO LOPES

O EMPATE SERIA O MELHOR RESULTADO DE OLHÃO

Com lances repartidos pelos dois campos, com predomínio dos olhanenses, na primeira parte, e dos santarenos, na segunda, o empate negou-se, terminantemente, aos visitantes, apesar dos esforços dos seus dianteiros, entre os quais se distinguiu Abílio.

Os algarvios, após o tento que, aos 11 m., lhes deu a vitória, baixaram de rendimento diante da reacção imediata dos «leões», que exerceram domínio territorial.

Dos olhanenses, Alexandrino (a maior figura no terreno), Casaca,

Reina e Pelézinho foram os melhores. Nos escalabitanos, Abílio, Tito, Isidro e Carlitos estiveram em evidência.

A arbitragem de Adelino Antunes, de Lisboa, teve alguns deslizes

PEDRO MARTINS

O MONTIJO ESTEVE FELIZ

O Montijo recebeu o Oriental. Jogo equilibrado. Boa resistência dos lisboetas. Os montijenses, mais ousados nos movimentos ofensivos, venceram por 1-0, golo nascido da sequência de um «canto» e o qual se ficou a dever a uma intervenção infeliz do guarda-redes Frederico.

Ao fim, a vitória acabou por premiar o «team» que mais se preocupou com o ataque.

Todavia, em conjunto, a equipa orientalista nivelou-se á dos adversários. Chegou mesmo a pontificar nos lances desenrolados a meio-campo.

O ardor posto na luta justifica-se pela proximidade a que ambas as equipas se encontram ainda da zona perigosa da classificação. Desta vez, os montijenses estiveram felizes, pois alcançaram dois preciosos pontos. — A. A.

ZONA NORTE

CONFUSÃO CAÓTICA EM TOMAR

Em Tomar, o União local recebeu um clube com o qual tem alimentado nestas andanças acesa rivalidade — o Torres Novas, que tem porfiado na luta de se desembarçar da ameaça de baixa de divisão. O prêmio, ganho pelos tomarense, por 3-2, redundou em espectáculo lamentável, que complicou extraordinariamente a vida ao árbitro, aliás de extrema pusilanidade. Agressões, violências, lances confusos, desprovidos de qualquer mérito. Um jogo caótico, na verdade. Os mais prejudicados foram os tor-

HOJE, À NOITE

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — 26.º Campeonato Nacional de basquetebol (distrito de Lisboa), 2.ª categoria: T. A. P. - F. C. Regina e S. C. Cervejas - C. T. T., no ginásio da Escola Francisco Arruda, a partir das 20 e 30.

— 26.º Campeonato Nacional de ténis de mesa (distrito de Lisboa), 2.ª categoria: Sorefame - F. C. Regina, C. N. Electricidade - Simca e St. Elétrica - Parry & Son, nas mesas dos primeiros; C. S. Alentejo - Sacor, na mesa da F. N. A. T. (B.) — todos ás 21 e 15.

— 4.º Campeonato Nacional de xadrez (distrito de Lisboa), individual, 1.ª e 2.ª categorias, na sede da F. N. A. T., ás 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa, de juniores, 6.ª jornada: Série A — Benfica (C) - Sporting (B), P. Arcos-Intendente (A) e Aguias - S. L. Amoreiras. Série B — Ateneu - Benfica (B), C. D. Graça - D. C. Carmo e «Os Combatentes» - Belenenses. Série C — Armado - Sporting (A) e Intendente (B) - Benfica (A).

rejanos, que ficaram privados de elementos expulsos pelo juiz, que se desorientaram de maneira comprometida, que não tiveram discernimento para chegar, pelo menos, ao empate. E agora ficaram a debater-se com mais negras perspectivas ainda...

O ACADEMICO DE VISEU IMPÕS-SE

No Estádio do Fontelo, o Académico de Viseu venceu, por 1-0 — golo marcado a 2 minutos do fim — um Sporting da Covilhã que denotou, claramente, subida de forma, principalmente no que respeita á ordenação dos movimentos defensivos. Porque, no respeitante aos lances ofensivos, a vantagem pertenceu aos visenses. Daí, a razão do triunfo que obtiveram diante de uma das mais bem classificadas equipas do torneio nortenho.

VITÓRIA PRECIOSA DO FAMILICÃO

No seu campo, contra uma equipa que também se debate com o espectro da baixa de divisão, os famalicenses venceram a Oliveirense por 3-1. Triunfo justo, que pertenceu ao «team» que mais domínio exerceu e que também dispôs de avançados mais rematadores. De nada valeram, desta vez, aos oliveirenses defesas que constituem um sector sólido e voluntarioso.

VITÓRIA DO LAMAS EM PENICHE

Denotando apreciável subida de forma, a equipa de Santa Maria de Lamas foi a Peniche alcançar um triunfo que se cifrou em 2-0. O êxito dos unionistas de Lamas ficou a dever-se, em grande parte, á compenetração da sua defesa e também á finura dos homens que agiram

(Continua na 7.ª página)

ZONA NORTE

Resultados

Salgueiros-Ovarense	3-2 (2-0)
Espinho-Tirsense	2-1 (1-5)
Famalicão-Oliveirense ..	3-1 (1-1)
Penafiel-Leça	2-0 (0-3)
Ac. Viseu - Spt. Covilhã ..	1-0 (1-3)
U. Tomar-T. Novas	3-2 (1-3)
Peniche-U. Lamas	0-2 (1-1)

Entre parentesis os resultados dos jogos da 1.ª volta.

Classificação

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
TIRSENSE ..	20	15	—	5	55-20	30
Salgueiros ..	20	10	4	6	41-32	24
Covilhã	20	8	7	5	23-19	23
Leça	20	10	3	7	21-24	23
U. Lamas	20	9	4	7	28-27	22
U. Tomar	20	10	1	9	36-35	21
A. Viseu	20	10	1	9	27-30	21
Espinho	20	8	4	8	26-31	20
Peniche	20	8	3	9	27-27	19
Famalicão ..	20	6	6	8	25-30	18
Penafiel	20	8	1	11	25-33	17
Oliveirense ..	20	6	3	11	21-32	15
Ovarense	20	5	4	11	26-33	14
T. Novas	20	5	3	12	27-40	13

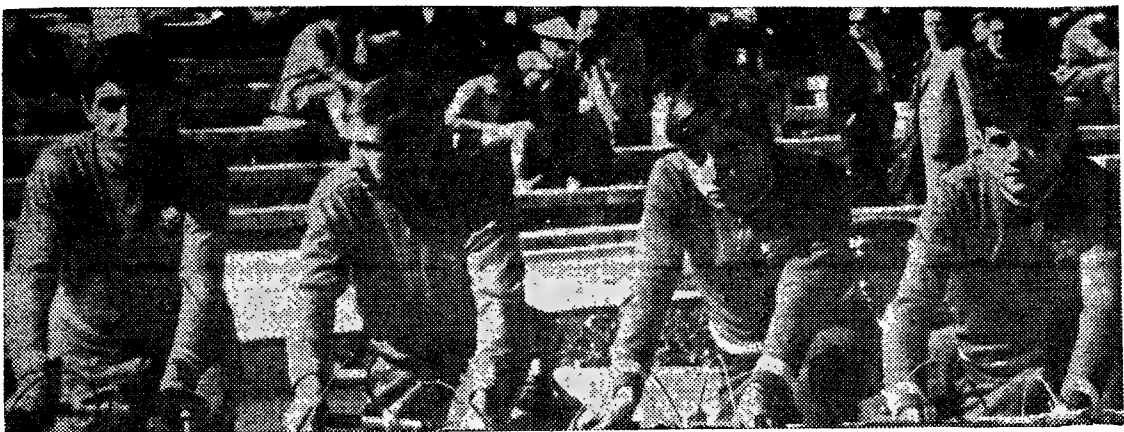
Factos salientes

A vitória do União de Lamas — a única duma equipa visitante. O êxito do Salgueiros, o único clube que logrou confirmar o desfecho da 1.ª volta. O predomínio de desforras: do Spt. Espinho, do Penafiel, do Académico de Viseu e do União de Tomar. Uma rectificação: do Famalicão. O triunfo dos espinhenses... porque foi obtido sobre o guia.

A próxima jornada

O campeonato é interrompido no próximo domingo para prosseguir em 2 de Abril, com os seguintes encontros:

Leça-Espinho (2-1), Ovarense-Penafiel (1-3), Oliveirense-Salgueiros (1-5), Tirsense-Acad. Viseu (2-1), U. Lamas-Famalicão (3-1), T. Novas-Peniche (1-3) e Spt. Covilhã-U. Tomar (1-2).



Os amadores de 2.ª categoria que ontem conquistaram para o Benfica o respectivo campeonato regional: Wilson de Sá, Pedro Rodrigues, José Eduardo Santos e Vladimiro Cardoso

CICLISMO

Segundo campeonato para os amadores do Benfica

No ciclismo, categoria de amadores de 2.ª, o Benfica soma e segue. Segundo campeonato, segundo triunfo.

Na prova de ontem — campeonato regional de equipas — a superioridade dos «encarnados» processou-se gradualmente, pois os 55 segundos de vantagem a meio da prova subiram para 1 m. e 35 s. na meta. Somados os tempos dos três homens de cada turma verificase, assim, que a diferença entre Benfica e Sporting se cifrou em 4 m. e 45 s.

Descontada a superioridade técnica dos «encarnados», as equipas equivaleram-se num pormenor — o número de corredores com que terminaram. Ambas tiveram um corredor desistente e tanto uma como a outra tiveram um «descolado»: o Benfica na descida a seguir à Venda do Pinheiro e o Sporting já no Carriche, ambos no regresso a Lisboa.

O triunfo benfiquista assentou essencialmente na coesão da equipa, onde todos os homens alternaram no comando, com um acerto e colaboração que não é frequente

BASQUETEBOL

O Real Madrid derrotado
MADRID, 20 (A. N. I.) — Ao vencer ontem o Real Madrid por 77-75, os Estudantes de Madrid permitiram que o Juvenil de Badalona conquistasse o título espanhol de basquetebol desta temporada.

Nas meias-finais da Taça dos Campeões Europeus da modalidade estão apurados o Real Madrid, o Simmenthal, de Mila, o Slavia de Praga e o Olympia, da Jugoslavia.

O Sesimbra venceu o Campeonato da I Divisão da A. F. S.

Terminou ontem o campeonato da I Divisão da A. F. Setubal, registando-se a vitória da equipa do Sesimbra.

A derradeira jornada forneceu os seguintes resultados:
C. Caparica-P. Pires 4-2
Arrentela-D. Grandolense 3-0

Um torneio de ténis no C. I. F.

O C. I. F. organiza, nos primeiros dias de Abril, com o patrocínio da Federação, o 1.º Campeonato Nacional de Veteranos, destinado a jogadores que tenham completado 45 anos.

A inscrição pode ser feita nos clubes que praticam ténis, no C. I. F. ou pelo telefone 79 05 71.

O Clube Nacional de Montanhismo e a sua «Páscoa Branca»

Está a decorrer a «Páscoa Branca», iniciativa do Clube Nacional de Montanhismo, que vai de 19 a 27 deste mês.

No domingo, de manhã, disputar-se-á uma prova internacional de esquí e, de tarde, haverá provas de trenó e treinos de saltos de esquí.

ver-se, mesmo em equipas profissionais. Merecido, portanto, o registo dos nomes dos componentes da equipa campeã: José dos Santos, Pedro Rodrigues e Wilson de Sá.

Os profissionais continuam a... treinar. De treino se devia classificar a prova de ontem, visto que de preparação, tal como foi rotulada, nada teve. Os 34,27 km/h de média averbados aos primeiros nove chegados são espelho fiel do andamento reduzido a que os corredores se entregaram ao longo da prova e a consequência imediata das táticas ultra-defensivas que os técnicos dos dois grandes clubes lisboetas estão a perfilar.

O pior é que quem sofre é o ciclismo. E os próprios corredores quando forem chamados a medir forças com os homens do Norte. Ontem, voltaram a registar-se algumas tentativas de fuga. Demasiado ténues, no entanto, apesar de repetidas por vários homens do Benfica. A de Américo Silva (que logo se viu acompanhado de um adversário, claro) durou muitos quilómetros. Infrutiferamente, porém, pois ambos foram alcançados nas imediações da Malveira por um grupo de sete unidades que, finalmente, se decidiram pela perseguição. Daí em diante a questão arrumou-se. Tudo a contribuir para a vitória de um «sprinter». O pior é que os magros escudos dos prémios devem ficar em caixa pois, num dia de sol primaveril, os corredores não atingiram a média mínima que se lhes exigia: 36 quilómetros horários.

E o campeonato sem começar, para ver se as coisas melhoram um pouco... Registe-se o nome do vencedor: José Dias Vieira, do Sporting.

Na classificação referente à prova de profissionais, publicada na edição de ontem do «Diário de Lisboa», foi indicada como vencedor da cidade corrida o ciclista do Sporting, José Vieira.

Esclarecemos os nossos leitores de que aquela foi, na realidade, a classificação oficial, porquanto foi a fornecida pelo juiz de chegada, após a prova, aos dois únicos representantes da imprensa que ali compareceram.

E é tudo, pois o resto já não nos diz respeito...

Na classificação referente à prova de profissionais, publicada na edição de ontem do «Diário de Lisboa», foi indicada como vencedor da cidade corrida o ciclista do Sporting, José Vieira.

Esclarecemos os nossos leitores de que aquela foi, na realidade, a classificação oficial, porquanto foi a fornecida pelo juiz de chegada, após a prova, aos dois únicos representantes da imprensa que ali compareceram.

E é tudo, pois o resto já não nos diz respeito...

Na classificação referente à prova de profissionais, publicada na edição de ontem do «Diário de Lisboa», foi indicada como vencedor da cidade corrida o ciclista do Sporting, José Vieira.

ver-se, mesmo em equipas profissionais. Merecido, portanto, o registo dos nomes dos componentes da equipa campeã: José dos Santos, Pedro Rodrigues e Wilson de Sá.

Os profissionais continuam a... treinar. De treino se devia classificar a prova de ontem, visto que de preparação, tal como foi rotulada, nada teve. Os 34,27 km/h de média averbados aos primeiros nove chegados são espelho fiel do andamento reduzido a que os corredores se entregaram ao longo da prova e a consequência imediata das táticas ultra-defensivas que os técnicos dos dois grandes clubes lisboetas estão a perfilar.

O pior é que quem sofre é o ciclismo. E os próprios corredores quando forem chamados a medir forças com os homens do Norte. Ontem, voltaram a registar-se algumas tentativas de fuga. Demasiado ténues, no entanto, apesar de repetidas por vários homens do Benfica. A de Américo Silva (que logo se viu acompanhado de um adversário, claro) durou muitos quilómetros. Infrutiferamente, porém, pois ambos foram alcançados nas imediações da Malveira por um grupo de sete unidades que, finalmente, se decidiram pela perseguição. Daí em diante a questão arrumou-se. Tudo a contribuir para a vitória de um «sprinter». O pior é que os magros escudos dos prémios devem ficar em caixa pois, num dia de sol primaveril, os corredores não atingiram a média mínima que se lhes exigia: 36 quilómetros horários.

E o campeonato sem começar, para ver se as coisas melhoram um pouco... Registe-se o nome do vencedor: José Dias Vieira, do Sporting.

JUSTINO CORREIA

As novas instalações da Física de Torres Vedras importarão em cerca de 12 mil contos

No salão nobre da Associação de Educação Física e Desportiva de Torres Vedras realizou-se, sob a presidência do sr. António Hipólito Junior, uma reunião que teve como objectivo discutir o projecto de construção (1.ª fase) da nova sede, e apresentar um plano de trabalhos com as comissões que irão chamar a si a responsabilidade da realização das respectivas obras.

As novas comissões: **Angariação de Fundos e Relações Públicas** — António Hipólito Junior, dr. Augusto Bastos Troni, José Joaquim Passos e dr. Ciro da Silva Pinto.

Angariação de Materiais (Saibro, Areia, Cascalho e Ferro) — António Maria de Sousa, Guilherme Augusto Alves Ferreira, António César Rodrigues, José Bento Gomes Rodrigues, Evaristo Silva e Armando dos Santos Gomes.

Cimento — Francisco Boaventura Alves da Silva, comandante José Soares dos Reis, Manuel Frederico Borges Faria, Mário Nestor Abrantes e João Alves Moraes.

Produtos Cerâmicos — dr. Virgílio Nogueira Lalande, Levy Miguel dos Santos, Joaquim Alberto Mota e José António Martins.

Transportes — António Leal de Ascensão, João Alberto Sobreiro Hipólito e Fausto Fernandes Rodrigues.

Propaganda — Fernando Monteiro, Venerando de Matos, Luís César David e Emílio Luís Costa.

Técnica e de Transacções com Construtores — eng.º Alexandre Genovevo Moreira, Guilherme Marques Filipe, António Miranda Junior e José Pascoal Junior.

Secretaria — Adalberto S. de

JUDO A propósito dos campeonatos europeus

por PESSANHA FERNANDES

Agora, que se vão realizar, entre nós, os campeonatos da Europa de judo, nos dias 1 e 2 de Abril, justificam-se algumas palavras que esclareçam o grande público acerca do que é judo e do que, na sua prática, se pretende obter.

O judo consiste, fundamentalmente, em quarenta técnicas de projecção, onze técnicas de imobilização no chão, cinco técnicas básicas de luxação do cotovelo e cinco técnicas básicas de estrangulamento.

A finalidade dos combates é projectar violentamente o adversário de forma que ele caia com as costas no chão, com força e violência tais que, em condições normais de luta corpo a corpo (soalho ou chão duro e ausência de técnicas de amortecimento de queda), essa projecção causaria o desmaio do oponente ou fractura de qualquer parte do seu esqueleto (normalmente a coluna ou a parte superior do tronco).

No caso de não se conseguir uma projecção clara do adversário, mas se os dois competidores caírem, a luta continuará no chão, até que um adversário consiga imobilizar o outro (não é necessário o assentamento de espáduas, mas sim o «controle» dos seus movimentos), ou luxar-lhe a articulação do cotovelo ou estrangulá-lo.

Deve esclarecer-se que, nestes dois últimos casos, o adversário vencido pode desistir antes da luxação (visto que a dor na articulação antecede a luxação, o que dá tempo a desistir) ou do estrangulamento. Neste último caso, no entanto, em competições de nível europeu, a desistência não é normal, e o atleta é estrangulado até ao desmaio, devendo ser socorrido nos cinco minutos seguintes com métodos de reanimação, sob risco de morte.

Todas estas técnicas têm as suas defesas e os seus contra-ataques, que, quando executados por adversários da categoria dos atletas europeus que agora nos visitam, proporcionam combates de grande dureza e violência e muita emoção.

Boa propaganda na jornada «Nauticampo-I» com a regata de monotipos

Conforme noticiámos, disputou-se ontem, no estuário do Tejo, em frente da F. I. L., a anunciada regata de motonáutica, destinada às classes de turismo, «sport» e utilitária, com o patrocínio do Salão Nauticampo I, Federação Portuguesa de Motonáutica e Clube Naval de Cascais.

A noite, no salão da F. I. L., realizou-se a cerimónia da distribuição dos prémios sob a presidência do sr. almirante Henrique Tenreiro, presidente da direcção da Federação Portuguesa de Vela, ladeado pelos srs. Pedro Vicente, director da F. I. L., eng.º Guimarães Lo-

bato, presidente da Associação Naval de Lisboa, conde de Caria, vice-presidente da Federação de Vela, e presidente eleito da Federação Portuguesa de Motonáutica, eng.º Fernando Pessoa, director da Federação Portuguesa de Motonáutica.

Em nome do presidente da mesa, abriu a sessão o sr. eng.º Guimarães Lobato, que, após as saudações, agradeceu, em nome da Associação Naval de Lisboa, o convite que foi feito pelos organizadores de Nauticampo I à instituição que dirige para promover as regatas de monotipos. Procedeu-se, em seguida, por entre aplausos à distribuição da valiosa taça instituída pela F. I. L. ao primeiro classificado das provas de monotipos o jovem velejador Melo e Castro, e as artísticas filigranas douradas (caravelas miniatu-rais) a José Abreu Valente e Francisco Van Uden, respectivamente, 2.º e 3.º classificados, bem como a mais dezassete velejadores.

Usou, depois, da palavra, o sr. conde de Caria, que saudou as individualidades presentes e agradeceu, por sua vez, às entidades que possibilitaram a organização das provas de motonáutica, aproveitando o ensejo para pôr em relevo a acção desenvolvida pelos membros do júri.

Effectuouse, depois, a distribuição de taças aos seguintes classificados: 1.º, José Manuel «Nauticampo-I»; 2.º, eng.º José Figueiroa Rego, «Mundo Motorizados»; 3.º, Manuel João Raposo, «Munhões»; 4.º, Gonzaga Ribeiro, «José Manuel». Receberam ainda, as taças «José Manuel», «Johnson» e «Italpor», respectivamente, Raymond Madeira, Chaves Leal (a quem coube também um colete de salvação) e João Pinto de Carvalho. Os restantes concorrentes, em numero de onze, receberam filigranas, o mesmo sucedendo com dois componentes do júri — comandante Luciano Sena Dentinho (Vela) e eng.º Fernando Pessoa (Motonáutica) —, que foram chamados junto da mesa da presidência pelo sr. conde de Caria.

MARINHENSE E UNIÃO DE LEIRIA apurados para o «Nacional» da III Divisão

Concluiu-se ontem o campeonato da 1.ª Divisão da A. F. Leiria.

O título foi conquistado pelo Marinhense, classificando-se em segundo lugar o União Desportiva de Leiria, recentemente fundado.

Além, é de destacar o comportamento do jovem clube leiriense, pois com um ano apenas de existência conseguiu elevar-se a plano de relevo no futebol da região, especificado neste seu apuramento para o «Nacional» da 3.ª Divisão, juntamente com o Marinhense.

AULAS DE NATACÃO no Ateneu Comercial

Na secretaria do Ateneu Comercial de Lisboa encontram-se abertas as inscrições para as aulas de natção que, durante o próximo mês, terão o seguinte horário: das 7 e 30 às 8 e 30 e das 18 e 30 às 19 e 30, às segundas, quartas e sextas-feiras.

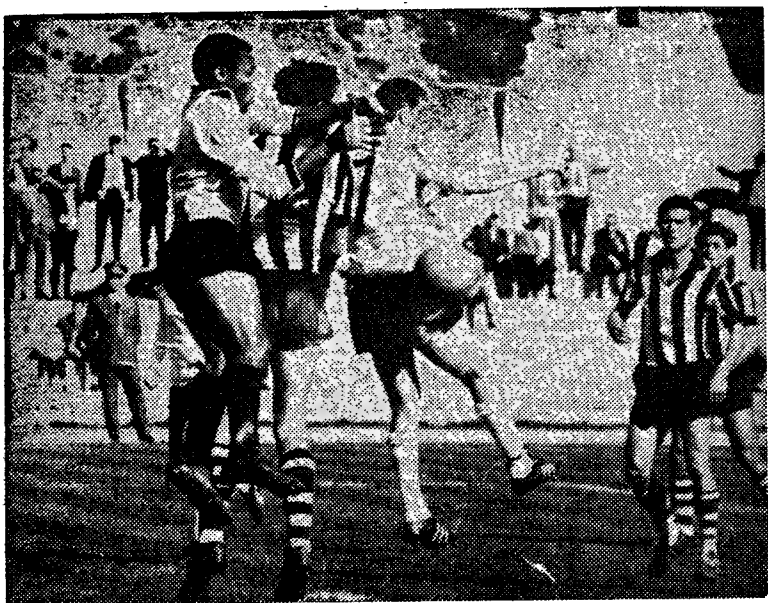
AUTOMOBILISMO

Prova de pericia do Reguengos Clube

Reguengos Clube, de Reguengos de Monsaraz, realiza, no domingo, a sua 2.ª Prova de Pericia Automóvel, com arrematação de volantes.

Um circuito em Sintra

O Sport União Sintrense organiza, a 17 e 18 de Junho, o 1.º Circuito da Granja do Marquês, a contar para o Campeonato Nacional de Velocidade, das categorias de Turismo, Grande Turismo, Fórmula V, Iniciados e Principiantes.



Confusão próximo da baliza do Varzim. A bola escapa-se a todos, incluídas as mãos do guarda-redes Benje

ENCONTRO RENHIDÍSSIMO ENTRE VIMARANENSES E VARZINISTAS

Não há necessidade de procurar os motivos para justificar o empate que o Varzim logrou em Guimarães.

O grupo da Póvoa provou que não aceitaria, de braços caídos, o desabar das suas pretensões, embora sofrendo um susto, quando Vieira, aos 3 m, bateu Benje, e a bola, caprichosamente, embateu na barra.

Os poveiros procuraram pôr em prática o sistema que se lhes afigurava mais aconselhável e que, afinal, veio a resultar. Optando pela exploração do contra-ataque e não ofere-

cendo hipótese de marcação aos seus dianteiros, que derivavam, ora de flanco, ora de posição no terreno, e iam, embora dominados, criando problemas ao último reduto vimaranense, onde apenas Joaquim Jorge não se mostrava aturdido. Terminaram o primeiro tempo a vencer e provocaram a modificação na estrutura da equipa adversária. Sofreram dois golos, mas não perderam a orientação e conseguiram a igualdade, com um vistoso golpe de cabeça de Valdir, inteiramente justa.

Prova-se, portanto, que não foi por acaso que os homens da Póvoa levaram um ponto importante. Foi obra do razoável trabalho de conjunto e do excelente rendimento de Valdir.

Acentue-se, para terminar, que o jogo, embora disputado com entusiasmo e virilidade, foi fácil de dirigir e o árbitro, António Amaro, fez trabalho de bom nível.

ANGELO MOREIRA

O «NACIONAL» DA 1

O golo do jovem Leitão encarreirou o Sporting para o triunfo

O Beira-Mar perdeu com o Sporting pela marca de 2-1, feita na primeira parte, fase em que o desafio teve grande animação e a única fase positiva. Isto, porque talvez devido à vibração e ao entusiasmo emprestados pelos golos.

Os «leões» marcaram logo na sua primeira avançada, num pontapé de rara potência do jovem estreante Leitão, que foi feliz na forma como a bola entrou na baliza (depois de ter rematado, violentamente, á barra, saltando o esférico nas costas do guarda-redes beira-mar).

Essa circunstância deu aos lisboetas muito ânimo, dando origem a que produzissem futebol repousado, pensado e esclarecido. O conjunto «leonino» manobrou com solidez de movimentos, sobretudo a meio-campo, onde pontificavam Gonçalves — um jovem que está de facto a impor-se — e Sítos, que foi de verdadeira utilidade para a manobra, acorrendo aonde mais necessária se tornava a sua presença.

O Beira-Mar, no entanto, dado que só um resultado positivo servia as suas aspirações, não se impressionou com a desvantagem e, bri-

so, lutador, reagiu. A pouco e pouco, a equipa de Aveiro passou a equilibrar a partida e, mais tarde, a suplantar o antagonista, chegando naturalmente à igualdade.

E mais não terá feito porque lhe foi negado, a meio da primeira parte, um «penalty», que se nos afigurou nítido, quando de um derube de José Carlos a Garcia.

Todavia, os beira-marenses nem sempre atacaram da melhor forma, posto que o seu domínio, sobretudo no segundo tempo, se tornou estéril, por falta de força e até de imaginação.

O resultado do encontro não espelhou a verdade do jogo, dado que o Sporting, atacava muito menos, passando, a certa altura, a viver somente de contra-ataque, ora por Manuel Duarte, ora por Leitão, ora, esporadicamente, por Carlitos. Foi mais feliz, porém, pois o seu segundo golo, da autoria de Manuel Duarte, derivou de uma desatenção de Evaristo.

O Sporting e o Beira-Mar, na segunda parte, baixaram imenso de rendimento. Embora os aveirenses dominassem, não foi o bastante para alterar a situação, a despeito de se aguardar que os visitados lograssem a igualdade, o que seria justo prémio para a sua boa vontade.

Os «leões», procurando segurar o triunfo, acabaram por «congelar» o esférico e contra-atacar, mas sem perigo de maior.

A arbitragem de Pinto Ferreira foi bastante difícil, pois o jogo decorreu duramente disputado.

ANTÓNIO LEOPOLDO



Nartanga e Moraes na disputa da bola

O Benfica «embalou» no 2.º tempo

(Continuação da 1.ª página)

hora, só um «livre» eusebiano obrigara o guarda-redes nortenho a uma defesa a sério.

Mas veio a grande penalidade e o primeiro golo e o Benfica respirou mais aliviado. No «penalty», Eusébio mudou Armando, atirando o esférico para o lado esquerdo do «keeper», quando ele tentava o mergulho para o oposto, num palpite que saiu errado.

Até ao intervalo não houve outro tento e, em boa verdade, compreendia-se que tal sucedesse. Os benfiquistas continuavam a não achar a entrada da «mina» de Braga e os visitantes tinham mais em que pensar do que na baliza contrária. A sua já lhes dava preocupações suficientes...

Até o contra-ataque do grupo Minho, ordinariamente tão eficaz, fracassava por falta de apoio, já que Mário, Luciano, Bino e Estêvão, os elementos que, teoricamente, fariam o «vai-vem», não iam mas ficavam. Entretanto, o Benfica «soltara» Raul das obrigações do

cargo, passando-lhe carta branca para descer em apoio da vanguarda.

Efectivamente, ao recrudescer o assédio benfiquista, verificou-se que a resistência do Braga já não possuía a consistência anterior. A entreatada entre os elementos do «Arsenal» português processava-se, então, com mais morosidade e, por consequência, com menores probabilidades de sucesso.

A marcha do campeonato

A 20.ª jornada proporcionou duas vitórias de visitados, três empates e dois triunfos de visitantes. Equilíbrio evidente, portanto. Contudo, ao passo que as equipas que jogaram em casa marcaram 15 golos, os que saíram ficaram-se por 7 tentos.

Eis os resultados do dia:
Sanjoanense, 1 - F. C. Porto, 1
Setubal, 0 - Académica, 1
Belenenses, 7 - Atlético, 1

O inevitável aconteceu aos 14 m.: Simões lançou Eusébio e este não desaproveitou o serviço do companheiro. O 2-0 abriu novas perspectivas ao desafio.

O facto é que o Braga saiu do seu cuidadoso processo e experimentou aventurar-se nas zonas a cargo da autoritária defesa do «comandante». Havia, nessa altura, todavia, confiança em todos os «benficas» e o convencimento da

derrota difundido entre o conjunto do Norte.

A densidade populacional no terreno do Braga diminuiu sensivelmente e não tardou que os dianteiros da casa beneficiassem de um campo de acção mais vasto e propício. Eusébio apercebeu-se disso mesmo e não levou muito tempo a tirar partido da mudança operada. Um «livre», exemplarmente apontado, e uma jogada verdadeiramente notável, só possível a um futebolista da melhor estirpe fecharam o prélio com chave de ouro.

Menções para Eusébio, Raul e Cruz, por ordem decrescente, no Benfica, e Armando, Ribeiro e Estêvão, no Braga.

Teve alguns deslizes o árbitro, sr. Saldanha Ribeiro. Cremos, porém, que acertou nas decisões fundamentais.

FRANCISCO CAMILO



A bola, rematada por Coluna, ultrapassou Coimbra e José Maria, mas foi desviada por Ribeiro, colocado diante de Armando. O Braga cerrava fileiras

Classificação do «Nacional» da 1.ª Divisão

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Benfica	11	11	—	—	36-4	22	9	5	2	2	11-10	12	20	16	2	2	47-14	34
Académica ...	10	7	1	2	21-9	15	10	7	1	2	15-6	15	20	14	2	4	36-15	30
F. C. Porto ...	10	9	1	—	32-6	19	10	3	3	4	13-14	9	20	12	4	4	45-20	28
Sp. Braga	10	6	2	2	20-10	14	10	2	3	5	5-12	7	20	8	5	7	25-22	21
Sporting	9	4	4	1	14-7	12	11	3	3	5	13-16	9	20	7	7	6	27-23	21
V. Guimarães ..	10	4	3	3	14-10	11	10	4	1	5	13-19	9	20	8	4	8	27-29	20
Leixões	10	5	3	2	9-7	13	10	2	2	6	4-16	6	20	7	5	8	17-22	19
Vit. Setúbal ...	10	5	2	3	9-8	10	10	2	4	4	6-10	8	20	7	6	7	15-18	18
C. U. F.	10	5	1	4	11-13	11	10	2	3	5	9-21	7	20	7	4	9	20-24	18
Belenenses ...	10	5	2	3	20-9	12	10	1	3	6	4-12	5	20	6	5	9	24-21	17
Varzim	9	3	3	3	6-9	9	11	2	2	7	14-26	6	20	5	5	10	20-35	15
Beira-Mar	10	4	3	3	15-11	11	10	1	1	8	6-25	3	20	5	4	11	21-36	14
Sanjoanense ...	11	3	5	3	11-15	11	9	—	3	6	8-19	3	20	3	8	9	19-34	14
Atlético	10	3	2	5	12-13	8	10	1	1	8	9-28	3	20	4	3	13	21-41	11

A 1.ª DIVISÃO

ão
nfo

co e pou-
passou a
mais tarde,
a, chegand-
ade,
porque lhe
meira par-
e nos afi-
um der-
cia.
nes nem
or forma,
e, sobretu-
ormou es-
e até de

ro não es-
go, dado
va muito
ta altura,
tra-ataque,
ora por
ente, por
rém, pois
a autoria de
te uma de-

lar, na se-
menso de
aveirenses
stante pa-
espírito de
citados lo-
que seria
boa von-

segurar o
ongelar» o
mas sem
o Ferreira
o jogo de-
o.
OPOLDO

po
o conjunto
ual no ter-
sensível-
diantei-
de um
to e propi-
e disse
o tempo a
a operada.
ente apon-
adeiram-
um futebo-
echaram o
o.
o, Raul e
ascente, no
beiro e Es-

o árbitro,
remos, po-
cisões fun-

CAMILO

mas fol-
va filicras



Arrancada do sanjoanense Valter. Atraca parece já batido na passagem da bola

Foi o vento que norsteou a acção das equipas, em S. João da Madeira

O resultado de 1-0, ao intervalo, no jogo Sanjoanense-F. C. Porto, era aceitável. Os sanjoanenses foram os que, nos primeiros quarenta e cinco minutos, mais se esforçaram por obter vantagem no marcador. No entanto, a aceitação da conta não traduzirá exactamente, visto que os locais tiveram em Américo um autêntico obstáculo, só a fulgurância do remate de cabeça de Jambane teve a virtude de torcear.

Entretanto, outras ocasiões houve em que o guarda-redes portuense foi chamado a intervir e fê-lo com felicidade a que não deixou de associar o seu saber.

Para além do descanso, foram os «azuis e brancos» que pisaram por mais tempo o campo dos visitantes, mas nunca em condições ideais para estabelecerem a igualdade, a qual viria a resultar mais por consentimento que por construção, pois

só uma extemporânea saída de Arsénio possibilitou a Manuel António o empate, também de cabeça.

O jogo apresentava-se difícil para ambos os grupos e, por isso, a expectativa era enorme ao redor do rectângulo do Estádio Conde Dias Garcia.

No primeiro tempo, a Sanjoanense, com vento brando a seu favor, manteve-se no meio-campo visitante, vindo a exercer ascendente e, por isso, a defesa portuense teve que se empregar com a maior atenção para anular os intentos dos locais.

Por sua vez, os visitantes ensaiaram vários contra-ataques, sempre bem anulados pela defesa contrária. E desse despieque surgiu o primeiro gol da partida, quando eram decorridos 29 minutos rde jogo.

No reatamento, o F. C. Porto, agora a beneficiar dos favores do vento e mostrando-se os seus homens mais activos, deu como que uma igualdade no domínio, ressaltando que os locais cuidaram mais da defesa, não porque o adversário os obrigasse a isso, mas no intuito de defenderem o resultado.

Em face da maior incisão dos portuenses, surgiu o gol da igualdade, cujo lance nasceu de um falhanço de Freitas, corroborado por saída a destempe de Arsénio.

Nos últimos minutos, um e o outro grupo bateram-se pelo tento da vitória, mas, nesse aspecto, os sanjoanenses estiveram mais activos e só por infelicidade não lograram vencer, pois Macedo e Walter dispuseram de momentos soberanos

No jogo Leixões-C. U. F., poderá apontar-se, como única nota a destacar, o facto de a C. U. F. ter arrancado um ponto que lhe pode vir a ser precioso. Quanto ao mais, tudo foi muito fraco, tudo esteve a nível verdadeiramente inferior, ao que se poderia esperar, até pela proximidade que os dois conjuntos mantinham na tabela classificativa, proximidade que, afinal, se manteve. Situados numa zona que, há pouco, poderia ser de tranquilidade, é agora, com o aproximar do «sprint» final, uma zona de perigo, uma zona onde não poderá haver deslizes.

A solução final do resultado — o empate — foi, na realidade, a mais lógica e a mais consentânea com o decorrer da partida. Um e outro conjuntos pouco ou nada fizeram de concreto para ter direito aos golos, descontando, é claro, os esforços para os obterem. Mas, em futebol, só esforço não chega, ainda que seja sempre necessário. É preciso mais, é preciso jogar-se,

e preciso aplicar-se, impor-se, ou mudar-se, uma tática, um sistema, e não correr atrás da bola, com ela se embrulhar, e esperar que os caprichos do esférico se concretizem em golos. Assim esteve, mais ou menos, o Leixões, a quem competia, como equipa aparentemente mais apetrechada e, sobretudo, por jogar no seu campo. Dominou, mais vincadamente a partir da meia hora de jogo e mais ainda no segundo tempo. Mas sem se vislumbrar, em qualquer momento, que desse domínio poderia sair vencedor do prélio. Via-se, sentia-se, que a sua vitória só poderia resultar num golpe de sorte. A equipa estava «partida». Os seus ataques eram velozes, mas sem o apoio devido, quer a partida dos mesmos, quer na finalização.

Os remates eram em pouco número, saíam tortos, frouxos ou defensáveis, e, para a maioria dos ataques, chegava bem a muralha defensiva dos visitantes.

Os cufistas, na primeira meia hora, procuraram surpreender os donos da casa e, se nunca criaram grande perigo, pelo menos mantiveram equilíbrio no encontro, enquanto assim jogaram, sendo até o período de mais interesse espectacular. Depois, fizeram recuar os extremos, reforçando a defesa e permitindo, de certo modo, o domínio de que o Leixões usufruiu.

O plano resultou, pela fragilidade com que o Leixões atacava e pela decisão e boa marcação de alguns defensores cufistas. O prémio desse plano foi o empate e a conquista do tal ponto que poderá vir a ser precioso.

Diogo Manso não teve problemas, o que lhe permitiu uma arbitragem quase certa.



Américo antecipa-se a João Carlos e salva a sua baliza, abandonada por José Maria



Confusão e aglomeração na grande área da C. U. F., ao cair da bola

NOÉ TEIXEIRA

ANTÓNIO AUGUSTO

Num bom período de jogo a Académica justificou o êxito

Por impedimento federativo, a partida Vitória de Setúbal-Académica realizou-se, no campo de Santa Bárbara, no Barreiro, resultando num espectáculo animado, recheado de lances emotivos e o futebol praticado atingiu nível muito aceitável.

A Académica começou a partida em franca toada atacante e nos primeiros 15 minutos dominou por completo. Neste período marcou até o seu gol solitário, que lhe permitiu sair vencedora com certa dose de merecimento.

Passado este período, o Vitória de Setúbal foi, a pouco e pouco, equilibrando a partida e conseguiu até aparecer amiúde na grande área, defendida pelos estudantes; todavia, a defensiva académica, bem

apoiada na superior exibição de Rui Rodrigues e Vieira Nunes — a jogaram em grande plano — ia resolvendo a contento as dificuldades surgidas e só aos 30 minutos o Vitória teve, de facto, a sua maior perda após a marcação de um «livre» bem executado por Quim, na sequência do qual os seus companheiros efectuaram dois aparatosos remates, sucessivos e salvos pela barra, gorando-se a possibilidade de igualar o marcador; no entanto, os estudantes iam causando calafrios na baliza de Vital, em rápidos e fulminantes contra-ataques, sempre mais perigosos do que os do adversário.

No reatamento da partida, o futebol praticado desceu um pouco de qualidade, sem contudo, deixar de

ser emotivo, pois a Académica marcava um ritmo de jogo mais moderado, que os setubalenses teimavam em não aceitar.

Assim, o jogo pendia mais no meio campo dos visitantes, criando situações de perigo para as «redes» de Maló; mas, logo que podiam, os estudantes variavam a velocidade de jogo e foram eles até, que perderam a mais flagrante ocasião de gol, num passe de invulgar visão de Rui Rodrigues, desmarcando Ernesto. Já desbarbaçado de toda a defensiva sadina, incluindo Vital, o dianteiro dos estudantes atirou ao lado perdendo o gol de maneira incrível.

A Académica, revelou-se a boa equipa que toda a Imprensa tem vindo a assinalar, cotando-se como a verdadeira sensação deste emotivo campeonato, onde pontifica o maior número dos convocados para a selecção B, e, que neste jogo justificaram e bem, tal honra. Soube também, obter no seu melhor período o gol solitário que lhes deu o direito ao triunfo.

A equipa do Vitória de Setúbal, confirmou inofensivamente nesta partida, a sua inegável subida de forma batendo-se denodadamente pelo empate, valorizando de certo modo o espectáculo. Deixou bem vincado neste jogo a sua capacidade, onde sobressai a real intuição de Jacinto João, a eficácia de Pedras e José Maria e a grande utilidade defensiva de Leiria e Torres; na Académica manifesta-se o apurado conjunto de uma equipa que passa espantosamente da defesa para um ataque demolidor, pondo à prova as boas e atentas defesas. No entanto é justo distinguir nesta partida as exibições de Rui Rodrigues, bem secundado por Vieira Nunes, Celestino, Gervásio e Ernesto.

A arbitragem do sr. Henrique Silva, de Lisboa, com um primeiro tempo hesitante, foi-se compondo no resto da partida, sem atingir aceitável bitola. Ficaram-nos certas dúvidas num derrube de Torres a Rocha na área de rigor, logo no início do encontro.

ANTÓNIO FERNANDES

As nossas estrelas



Eusébio (Benfica) e Alencide (F. C. Porto).



Ramim (Atlético); Adelino, Ramos, Simões, Fernando, Quim e Rodrigues (Belenenses); Raul (Benfica); Armando (Sp. Braga); Rui Rodrigues (Académica); Jacinto João (V. Setúbal); Louro e Jambane (Sanjoanense); Américo e Djalma (F. C. Porto); Joaquim Jorge e Vieira (Guimarães); Benje, Rogério e Valdir (Varzim); Abdull e Pisceas (Beira-Mar); Armando e Sítos (Sporting).



Garcia, Camarão e Leonel Abreu (Beira-Mar); Gonçalves e Damas (Sporting); Mendes e Castro (Guimarães); Quim, Salvador e Nunes Pinto (Varzim); Cruz (Benfica); Estêvão e Ribeiro (Sp. Braga); Geraldo (Leixões); Fernando e José Maria (C. U. F.); Saturnino (Sanjoanense); Pinto (F. C. Porto); Conceição (V. Setúbal); Vieira Nunes (Académica); Seminário e Angeja (Atlético) e Cardoso (Belenenses).



Pouco académico o estilo do académico Maló. Mas prático, sem duvida, porque domina a bola. Marcação cerrada de Rui Rodrigues a Pedras, sugere também a imagem

200 MILHÕES DE PESETAS

para novos campos em Espanha

MADRID, 20. — (L.). — A Federação Espanhola de Futebol vai despende 200 milhões de pesetas na construção de novos campos de jogos, a localizar em zonas menos dotadas.

O programa de construções prevê um prazo de três anos para completa efectivação.

ALGARVIOS E ALENTEJANOS EM EVIDÊNCIA NO «NACIONAL» DE JUNIORES

Prosseguiu ontem o «Nacional» de juniores, com os jogos da 3.ª jornada. Factos a salientar: a supremacia até agora revelada pela equipa do Vitória de Guimarães, na 1.ª Série. A hegemonia do F. C. Porto, na 2.ª Série, ainda que no desafio de ontem tivesse abandonado as vitórias substanciais (apenas 2-1 no campo do Salgueiros). Na 3.ª Série, a classificação é comandada pela Académica e pelo Leixões, adversários tradicionais nestas andanças dos torneios nacionais dos juniores. O Peniche é o «leader» da 5.ª Série, e parece querer prosseguir na senda dos êxitos. O Atlético encontra-se bem situado para ganhar a 6.ª Série, em luta interessante com o Casa Pia, Sesimbra, Cuf e Cova da Piedade. Quanto à 7.ª Série, uma das mais atraentes desta primeira fase do campeonato, ocupam, de momento, a posição de «leaders» o Benfica e o Belenenses, ao passo que o Sporting claudica, tanto assim que perdeu ontem, de novo, no Restelo, frente aos «azuis». Aguarda-se, no entanto, a reacção «leonina», ainda que o Benfica desfrute de franco favoritismo. Finalmente, na 8.ª Série, entre clubes do Alentejo e do Algarve, está a travar-se luta curiosa. Bastará recordar que, nesta altura, há quatro «leaders»: Lusitano de Évora, Portimonense, Desportivo de Beja e Oihanense. Todos com 4 pontos...

FUTEBOL INTERNACIONAL

Uma vitória da Universidade Católica do Chile para a «Taça dos Libertadores da América»

SANTIAGO DO CHILE, 20 (A. N. I.). — A Universidade Católica (campeão do Chile) derrotou o Cerro Porteño (do Paraguai) por 3-1, ocupando agora o 2.º lugar na eliminatória da Taça dos Libertadores da América em futebol. Em primeiro lugar está o Nacional de Montevideo.

Ao intervalo as duas equipas estavam empatadas a uma bola. Marcaram, pelos chilenos: Isella, Herrera e Prieto.

O tento do Cerro Porteño foi apontado por Riveros.

A contar para o mesmo torneio o Colo Colo venceu o Guarani, do Paraguai, por 1-0.

A Bélgica derrotou o Luxemburgo para a Taça das Nações

LUXEMBURGO, 20 (A. N. I.). — A selecção «A» da Bélgica derrotou ontem a do Luxemburgo, por 5-0, num encontro que contava para a Taça das Nações Europeias, e que se realizou na capital luxemburguesa.

Apenas 10 000 pessoas assistiram ao encontro, que ao intervalo registava já 3-0 a favor dos belgas. Os golos foram marcados por Van Himst (2) Stendebach, na própria baliza e por Stockman (2).

As equipas alinharam: Luxemburgo: Stendebach; Kuffer e Jeltz; Konter, Hoffstetter e Hoffmann; Ewen, Polot, Dublin, Leonard e Klein.

Bélgica: Nicolay; Sheylens e Hanon; Plaskie, Sohez e Van Moer; Jurion, Thio, Stockman, Van Himst e Puis.

HANDEBOL DE ONZE

O Sporting em evidência nos campeonatos nacionais

Concluída a primeira volta do campeonato nacional de handebol de onze, em seniores, e faltando apenas um jogo na competição de juniores, as equipas do Sporting totalmente vencedoras estão bem colocadas para manterem os títulos que actualmente ostentam.

Nas jornadas que assinalaram o fim de semana, os grupos portugueses vieram a Lisboa e Almada cumprir o calendário das suas deslocações ao Sul, cujos representantes levaram vantagem com sete triunfos e uma derrota.

Em juniores, superioridade do Almada e do Sporting, mostrando-se as equipas portuguesas demasiado frágeis, sentindo a deslocação — o F. C. Porto desperdiçou três grandes penalidades consecutivas, no jogo com os «leões». Estes têm grandes possibilidades de conquistar o título sem derrotas, por formarem, de facto, um conjunto que revela grande superioridade em relação aos seus adversários.

Na categoria principal, Sporting e F. C. Porto, têm valor superior aos restantes concorrentes e tudo indica que o título acabe por ser discutido numa finalíssima entre ambos.

Nos jogos a que nos referimos, o Oriental averbou uma derrota contra o F. C. Porto, sem motivo para discussão, porquanto o adversário lhe foi superior e uma vitória perante as «universitários» após um despique equilibrado em que Moisés esteve em evidência, com 6 golos marcados.

Em Alvalade, os «leões», não tiveram problemas no jogo com o C. D. U. P., enquanto no dia seguinte, perante o F. C. Porto, estiveram menos bem na 1.ª parte — perdiam por 1-3 — parecendo outra equipa após o intervalo, a justificar a sua excelente recuperação, que lhes deu um triunfo justo e precioso.

O jogo principal entre os favoritos da competição não atingiu grande craveira técnica, valendo mais pela luta ardorosa a que se devotaram os intervenientes, sabedores da importância que o resultado tinha para as suas aspirações.

Classificações actuais:

JUNIORES

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting	3	3	—	—	25-6	6
Almada	3	2	—	1	16-4	4
F. C. Porto ..	2	1	—	1	9-17	2
Padroense ..	2	—	—	2	4-17	0

SENIORES

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Sporting ...	3	3	—	—	29-12	6
F. C. Porto ...	3	2	—	1	35-23	4
Oriental ...	3	1	—	2	17-26	2
C. D. U. P. ...	3	—	—	3	21-41	0

A fase final da taça «Paiva e Silva»

Na A. H. L. efectuou-se o sorteio — que aliás não fora anunciado — da fase final da taça «Paiva e Silva» em handebol de sete (seniores), com o resultado seguinte, sendo os jogos a eliminar:

Dia 28 — Benfica-C. Ourique ou

Belenenses e C. D. U. L.-C. Ourique ou Belenenses.

Dia 1/4 — Benfica-C. Ourique ou Belenenses e C. D. U. L.-C. Ourique ou Belenenses.

A dúvida C. Ourique-Belenenses está pendente do apuramento entre as duas equipas do vencedor da série E, respeitante à 1.ª fase, no qual não vemos qualquer interesse.

Disputa-se ainda uma 2.ª série, sem influência na atribuição do troféu, que será disputado pelas restantes equipas, com a seguinte ordem de jogos: Madre de Deus (B)-Benfica (B), Boa Hora-Palmenense e A. A. Passos Manuel-Avila.

Uma equipa da Alemanha e outra de Marrocos actuam esta semana em Lisboa

No novo pavilhão da Tapada da Ajuda, em organização do Sporting, as equipas de juniores e seniores daquele clube defrontam amanhã, respectivamente a Association Sportive Licée Lyantey, de Casablanca e a Seleção da Força Aérea da Alemanha, de Oldenburg.

Nesta ultima equipa actuam alguns internacionais.

Também, segundo, nos consta aquelas equipas actuarão no Pavilhão da Luz e no do Técnico, defrontando o Benfica e o Técnico.

Henrique Feist e o handebol de onze

Henrique Feist, conhecido dirigente da modalidade, um lutador incansável pelo handebol, não se conforma com a actual crise do handebol de onze e com o exíguo tempo dos corpos gerentes dos organismos que dirigem o desporto.

Eis algumas das suas afirmações no acto de posse dos corpos gerentes federativos.

«Numa altura em que o próprio Estado traça planos quinquenais, em que nos diversos sectores da vida tudo se planifica com anos de antecedência, como é que se pode exigir um trabalho profícuo a um dirigente cuja acção se limita oficialmente a um ano? E digo oficialmente, porque como se prova com a posse dos corpos gerentes do handebol, a duração desse mandato é quase sempre muito inferior!»

«Não é verdade, como se afirma, que o handebol de onze se está a extinguir? O ultimo campeonato mundial, totalmente televisado, trouxe um aumento considerável de praticantes.

«Em Portugal, a modalidade continua muito desenvolvida no Porto e tudo indica que a futura base aérea de Beja terá 3000 a 5000 praticantes alemães, o que poderá dar grande incremento ao handebol, nesta sua variante.

«A Federação deve procurar a vinda de um treinador estrangeiro, que fosse contratado não por escassos meses, mas, pelo menos, por dois anos.»

— Na Holanda estão a disputar-se com grande interesse os cam-

peonatos mundiais de juniores, masculinos e femininos.

De assinalar a presença da Espanha, que se classificou em 9.º lugar, nos masculinos, entre doze concorrentes.

Notícias da modalidade

— O C. D. U. P. desloca-se à Alemanha onde actuará em vários jogos, de 26 deste mês até 1 de Abril.

— Por este motivo, o campeonato nacional é interrompido, prosseguindo em 2 de Abril, disputando-se, no entanto, no próximo domingo, o jogo em atraso da competição de juniores, entre o Padroense e o F. C. Porto.

— O campeonato lisboeta da I Divisão, em handebol de sete, terá o seu início em 19 de Abril.

— O Santa Catarina e o Progresso Clube também participam no regional de handebol de sete, da III Divisão.

— A Associação de Lisboa entregou ontem em Alvalade, às equipas de juniores e seniores do Sporting, as taças correspondentes aos ultimos regionais.



Raguebolistas do C. D. U. L. e do Técnico lutam pela posse da «oval»...

RAGUEBI

Folgada vitória do C. D. U. L. sobre o conjunto do Técnico

O encontro mais importante da jornada, pôs frente a frente o Técnico e o C. D. U. L., e revestiu-se de grande interesse, principalmente na primeira parte em que o equilíbrio foi notório (0-0 ao intervalo).

No segundo tempo o C. D. U. L. iniciou a contagem logo nos primeiros momentos com um «drop» de Pardal, quebrando espectacularmente a resistência do Técnico, e que deu origem à arrancada para a retumbante vitória dos universitários (17-3).

Todos os elementos da equipa do C. D. U. L. tiveram boa actuação, salientando-se, no entanto, o «arriêre» Sampaio, autor de todos os pontapés convertidos, o «três-quartos» Lencastre e o avançado Ponte. O Técnico teve em Luís Lince, Raul Martins e Bento, os seus melhores elementos.

Para a «Taça de Honra», competição que engloba os clubes não apurados para a fase final do campeonato nacional, defrontaram-se o Benfica e a Agronomia.

O «quinze» «encarnado», melhor estruturado que o seu adversário, não teve dificuldade em obter a ex-

ISAAC IGLESIAS

vencedor em 2.ª categoria no campeonato do Clube de Xadrez de Portimão

Isaac Iglesias ganhou, só com vitórias, o campeonato de 2.ª categoria do C. X. de Portimão.

Deodato Guerreiro, Joaquim Ramalho e João Clemente, classificados a seguir, são, com o vencedor, candidatos à 1.ª categoria.

— Na Holanda estão a disputar-se com grande interesse os cam-

celente vitória de 25-3, pois a Agronomia mostrou-se desunida e com evidente falta de treino.

Na equipa do Benfica, salientaram-se José Carlos, Correia e Nobre de um conjunto bastante unido. Pedro Lince foi sem dúvida o elemento mais calmo e consciente da equipa de Agronomia.

O encontro Belenenses-Regentes Agrícolas, não se realizou, por ter sido adiado a pedido da equipa do norte.

Em juniores e em juvenis, o C. D. U. L. confirmou a sua superioridade, ao bater o Belenenses, respectivamente por 28-3 e 57-0.

REDUÇÃO DE CLUBES DA II DIVISÃO do campeonato espanhol?

MADRID, 20 — (A. N. I.). — A Federação Espanhola de Futebol estuda a redução do número de clubes na II Divisão para aumentar o interesse da luta pela ascensão à Divisão principal.

Os dois planos em consideração, de que pode resultar a descida automática de dezasseis ou doze equipas à III Divisão, são os seguintes:

Primeiro plano: A I e a II Divisões ficam compostas por 16 clubes, cada uma e a III por oito grupos de 16 equipas, das quais 4 com acesso à categoria imediata.

Segundo plano: A Divisão de Honra continua constituída por 16 clubes, a II passa a ter 20 e a III 8 grupos de 20, 4 dos quais ascendem à Divisão imediata.

Actualmente, a Liga Espanhola conta 16 clubes na disputa do título máximo, dois grupos (Norte e Sul) de 16 clubes na II e 15 grupos de 16 equipas na terceira.

A ESPANHA

vencedora dos campeonatos da F.I.S.E.C.

ESTRASBURGO, 20 (A. N. I.). — Terminaram ontem os segundos Campeonatos Europeus da F. I. S. E. C. (Federação Internacional Desportiva do Ensino Católico), que este ano se realizaram em Estrasburgo, e cuja classificação final foi a seguinte:

1.ª — Espanha; 2.ª — Alemanha Ocidental; 3.ª — Áustria; 4.ª — Suíça; 5.ª — França.

Senhoras:
1.ª — Alemanha Ocidental! 2.ª — Espanha.

FUTEBOL NA EUROPA

ITALIA

Resultados da 25.ª jornada do campeonato italiano: Atalanta-Lanerossi, 0-0; Cagliari-Juventus, 0-0; Foggia-Fiorentina, 1-0; Mantua-Venezia, 2-1; Brescia-Milão, 1-0; Nápoles-Bolonia, 2-1; Roma-Internazionale, 0-0; Spal-Lazio, 4-1; Torino-Lecco, 1-1.

O Internazionale comanda a classificação com 38 pontos, seguido do Juventus com 36, Nápoles 34 e Bolonia e Cagliari com 31.

ESPAÑA

Resultados da 25.ª jornada do campeonato da liga espanhola: Barcelona-Real Madrid, 2-1; Atlético de Madrid-Espanhol, 5-1; Valencia-Saragoça, 6-0; Elche-Las Palmas, 2-1; Atlético de Bilbao-Hércules, 0-0; Corunha-Sevilha, 1-1; Córdoba-Granada, 2-2; Sabadell-Pontevedra, 3-0.

Classificações: Real Madrid, 39 pontos; Barcelona, 35; Atlético de Madrid, e Espanhol, 30; Valencia, 29; Saragoça, 27; Sabadell, 26; Atlético de Bilbao, 25; Córdoba e

CAMPEONATOS NACIONAIS

Elche, 23; Pontevedra, 22; Las Palmas e Sevilha, 20; Granada, 19; Corunha e Hércules, 16.

FRANÇA

Resultados dos encontros da 28.ª jornada do campeonato francês: Sedan-Reims, 4-1; Angers-Rennes, 0-0; Bordeaux-Nîmes, 2-1; Valenciennes-Nantes, 0-0; Stade de Paris-Monaco, 1-1; Nice-Rouen, 2-0; St. Etienne-Lyon, 2-1; Lille-Lens, 2-1; Toulouse-Marselha, 1-0; Sochaux-Estrasburgo, 1-0.

Classificação: 1.º, St. Etienne, 28 jogos, 39 pontos; 2.º, Nantes, 27-35; 3.º, Angers, 28-33; 4.º, Lille, 28-33; 5.º, Bordeaux, 28-33.

BÉLGICA

Em jogo de atraso a contar para a 24.ª jornada do campeonato da 1.ª Divisão belga, o S. C. Charleroi venceu o Tilleur por 5-10.

Classificação: Anderlecht, 36 pontos; F. C. de Bruges, 36; Standard, 32; F. C. de Liege e Antuérpia, 30; Waregem, 25; St. Trond, 24; Lierse, 22; Gantoise, Beringen, Daring e F. C. de Malines, 20; Beerschot, 19; S. C. Charleroi, 18; Racing White, 17; Tilleur, 14.

O F. C. de Liege e o St. Trond, têm um jogo a menos.

JUGOSLÁVIA

Resultados do campeonato jugoslavo da 1.ª Divisão (18.ª jornada): Partizan-Sarajevo, 2-1; Estrela Vermelha-Zeleznikar, 4-3; Celik-Vojvodina, 2-0; Olimpica-Radnicki-Nis, 1-1; Hajduk-Rijeka, 1-0; Sutjeska-Ofk de Belgrado, 1-0; Velez-Zagreb, 1-1; Dinamo de Zagreb-Vardar, 2-0.

Classificação: 1.º, Sarajevo, 28 pontos; 2.º, Partizan, 25; 3.º, Dinamo, 24; 4.º, Estrela Vermelha, 22; 5.º, Hajduk, Radnicki e Zeleznikar, 20.

A vitória do Belenenses

(Continuação da 1.ª página)

em inferioridade física? Como será possível admitir-se que Ramin, não isento de culpas, haja sido um dos homens mais salientes numa partida de absorvente espírito competitivo?

Uma resposta servirá para contentar tanta curiosidade. E, de facto, o Belenenses, em dia de irresistível inspiração, jogou para ganhar e convenceu através de acção colectiva de definida expressividade, servida por extraordinária eficácia no labor ofensivo.

Três golos no espaço de oito minutos (Fernando e Ramos, em golpes de insistência e de «fome» pela baliza, e Simões, em remate de recorte clássico que tocou o brilho até então resplandecente de Ramin) pulverizaram complexos inibitórios, colocando a tessitura da manobra em calhas que conduziram, sem curvas e efectivamente, rumo à baliza contrária.

Os alcantarenses ainda reduziram para 3-1, por intermédio de Cravo, precisamente o mesmo Cravo, no momento feio,

cardo, que desperdiçou nos alvores do jogo uma oportunidade, maior e vacinada, daquelas em que a bola, submissa e sensual, reclamava: «Toca-me e empurra-me». Mas nos primeiros 13 minutos do segundo tempo, no lapso de seis minutos, Fernando e Adelino aumentaram, como quem se espreguiça em golpe rápido e disfarçado, para 4-1 e 5-1, este já com o miúdo Simões a coxear, mas a vincular, porém, um brio que certos adultos, nossos conhecidos, seriam incapazes de assumir.

Os dois últimos golos também se registaram em jeito de alucinação. Pimpa, pimba, em três minutos. Ramos foi o autor (38 e 41 m.), justificando, assim, o

seu dia, ou seja, Domingo de Ramos. No 7-1, Ramin assemelhou-se à árvore petrificada para quem um raio a mais ou a menos é indiferente. Mas por onde andava, no instante, a vibratidade de felina do magnífico guarda-redes?

Satisfeita a primeira pergunta, segue-se a segunda, que é dedicada à terrível eficácia dos avançados do Belenenses. Futebol não é «tricot» ou conversa para entreter, e dentro desta ideia fundamental os miúdos de Belém (a figura de Pepe acudiu-nos ao espírito...) trataram de a interpretar o melhor que lhes foi possível, revelando-se servos dedicados do oportunismo e do jogo rectilíneo, parco nos passes e opulento nas intenções. Diante de defesas a carecerem de correspondente mobilidade — João Carlos e Candeias espelharam movimentos difíceis, sobretudo na «bréçage» que certas situações exigem — esses catraios (nada de ofensas, ein?) assemelharam-se a formigas acicatadas por qualquer coisa. Dai as maldades feitas. Sete como o sete dos pecados...

E para a terceira pergunta, para concluir a fase da especialidade, bastará frisar que Ramin ainda foi, na realidade, o grande obstáculo para que o resultado não transbordasse os 7-1, em especial em certos trechos da primeira parte, quando o golo parecia ser o desfecho normal.

O Atlético, que não se encostou a qualquer muro para se lamentar, lutou até onde lhe foi possível, valorizando desse modo o rutilante êxito do antagonista. A temperatura do ambiente e a temperatura do Belenenses não atiraram com os alcantarenses por terra, conquanto alguns atingissem o esgotamento. Simplesmente, contra factos não há argumentos. E, na verdade, o Atlético não os apresentou, a despeito dos titânicos esforços, na fase das «incríveis facilidades» dos «azuis», desenvolvidos por Seminário e Angeja, os mais rebeldes ante o desaire.

Afectado pelo infortúnio, nas primeiras «escaramuças» (Quaresma exagerou no excesso de confiança...), o «konze» da Tapadinha manteve-se em plano satisfatório até se abrir a torneira da casa, mas mesmo assim não capitulou, sobretudo na acção do meio-campo, onde o biniário Seminário-Rafael foi saliente. O mal residia na muralha que devia preservar Ramin. As fendas abertas foram fatais, em movimentos que demandavam prontidão, de reflexos e de movimentos.

Resumindo: defesa alcantarense sem envergadura para o quarteto dianteiro contrário, esforço inglório e sacrificado no meio-campo, e fragilidade nas intenções e nas realizações dos avançados. Matateu ainda tentou, mas viu-se como a casca de noz no meio da água em cachão. E afundou-se também. Naturalmente.

No Belenenses, a unidade fez a força, mas nela foi notório o ajustamento verificado entre os sectores, mediano e ofensivo. Ganário, mais magro, reflectiu a verticalidade na função do médio.

Os corpos gerentes do Moimenta da Beira

Foram eleitos os corpos gerentes do Clube de Desporto e Recreio de Moimenta da Beira.

A assembleia geral, direcção e conselho fiscal ficaram a presidir os srs. drs. António Lemos Gomes, Amadeu Baptista Ferro e Adolfo Cardoso Gouveia.

dio-apoiador. Incansável e brilhante. A lembrar tardes grandes ao serviço do Sporting de Braga. E Adelino, mais resistente, foi o sujeito e o complemento directo, numa abnegação assinalável. Ambos, constituiram o suporte indispensável para que as travessuras dos miúdos contassem com os estímulos necessários. Agilidade de movimentos e obediência ao desdobramento prático da manobra permitiram aos quatro dianteiros (Simões, Ramos, Quim e Fernando) a realização de belas proezas. Simões e Ramos imitaram os gatos que não perdoam aos ratos desprevenidos, enquanto Quim e Fernando (este veloz, entusiasta, engenhoso e acutilante) figuraram os extremos de recorte moderno, que sabem colaborar sem prejuízo da iniciativa individual.

Na retaguarda, aponta-se o positivismo de Gomes, a displícência de Quaresma (a selecção B ter-lhe-á provocado «indigestão»?), a regularidade do brioso «capitão» Rodrigues e o tom discreto de Bernardino.

O sr. Fernando Martins, em jogo de fácil direcção, porque prevaleceu o comportamento correcto, arbitrou sem motivos para reparos, a não ser no tocante a faltas feitas na grande área. Em menos de um minuto perdoou duas, com Seminário como único protagonista: numa, a deter a boia, com o braço e peito, na sua grande área, e noutra, a ser derrubado, por Quaresma, na grande área dos belenenses. Muito correu o peruano.

F. S.

Remates à baliza...

(Continuação da 1.ª página)

contrário da direcção da F.P.F., rápida ao decidir homologação do mencionado encontro.

Surpreendem estas pronunciadas diferenciações num sector onde devia existir o mínimo de desigualdade de critérios. Dá a impressão de que os regulamentos, que todos lêem, têm alcapões ou, então, que certos artigos são impressos em tinta invisível.

Camisolas pretas...

Há ou não há uma determinação federativa sobre a necessidade de se evitar, vestindo os guarda-redes camisola preta, a confusão com o equipamento tradicional dos árbitros?

Temos a impressão de que acerca do momento e sempre oportuno caso já foram tomadas medidas. Aliás, o «Diário de Lisboa» ao assunto dedicou as considerações pertinentes por forma a defender-se o espectáculo futebolístico de confusões escusadas.

Causou, por isso, estranheza o que ontem se verificou, no Estádio do Restelo, quando já estavam sobre o relvado as equipas do Belenenses e do Atlético. O árbitro, sr. Fernando Martins, ao reparar na camisola preta que Gomes envergava, não deu início ao jogo enquanto o guarda-redes dos «azuis» não foi mudar de equipamento. O juiz de campo procedeu em conformidade com instruções superiores, pelo que é oportuno e válido lamentar que, nos vestiários, não tivessem sido tomadas providências no sentido de se evitar aquilo que era escusado o público assistir.

Os árbitros, doravante, deveriam certificar-se, antes de os jogadores pisarem o relvado, se os mesmos observam ou não os preceitos oficiais no que respeita a equipamentos.



Fernando, o madeirense do Belenenses, em atitude definidora de personalidade futebolística

ZONA NORTE

(Continuação da 2.ª página)

a meio do campo. Por banda dos penichenses, uma defesa incerta e um ataque falho de rematadores á altura da situação.

O LEÇA SOÇOBROU EM PENAFIEL

No seu campo, o Penafiel infligiu 2-0 ao Leça, que se bateu, aliás, com ardor, não dando tréguas aos adversários. No entanto, os penafielenses fizeram gala de avançados mais diligentes e rematadores, de tal sorte que a defesa leceira passou por momentos de muita intranquilidade, valendo-lhe o facto de no remate nem sempre a fortuna haver bafejado os avançados do «team» local. Em suma: triunfo certíssimo dos penafielenses diante de uma equipa que vem acusando descida de forma.

BOA VITÓRIA DO ESPINHO

No seu meio, o Sporting de Espinho venceu o «leader», o Tirsense, por 2-1, mas os visitantes deram réplica valorosa, exibindo, pelo menos, pronunciado ascendente técnico.

Os espinhenses bateram-se com denodo, foram felizes nos golos que obtiveram, mas os tirsenses imprimiram a maior emoção ao espectáculo.

Perderam os da frente na I Divisão da A. F. L.

Já com os seus lugares assegurados no apuramento para a 3.ª Divisão Nacional e até um deles com o título seguro (Casa Pia) os dois da frente da classificação do campeonato da I. Divisão da A. F. L. perderam, sem que daí resultassem quaisquer sintomas de modificação, tanto mais que falta apenas uma jornada para terminar o campeonato.

Agora o interesse reside sobre os outros dois concorrentes que hão-de acompanhar os «gansos» e os sacavenenses.

Resultados da 25.ª jornada («reservas» entre parêntesis):

Alverca-U. Algés	2-4 (5-0)
S. L. Olivais-Estoril	1-3 (1-1)
Loures-Odivelas	1-2 (1-2)
Desp. Olivais-Sacavenense	3-0 (1-2)
Palmense-Vitória	3-2 (1-2)
Bucelenses-E. Amadora	1-1 (2-1)
Casa Pia - Vilafranquense	0-1 (5-1)

Classificações: 1.ª, Casa Pia (59-17), 64 pontos; 2.ª, Sacavenense (35-20), 58; 3.ª, Vilafranquense (38-40), 54; 4.ª, E. Amadora (43-33), Palmense (38-39) e Desp. Olivais (37-42), 53; 7.ª, Odivelas (39-28), 51; 8.ª, Vitória (39-43), 49; 9.ª, Bu-

culo, jogando — e bem — deixando jogar

BOA RÉPLICA DA OVARENSE

No seu campo, o Salgueiros viu-se e desejou-se para vencer a Ovarense (3-2), que se esforça ao máximo para evitar a despromoção. No entanto, foi justa a vitória dos salgueiristas, cujos avançados perderam mais oportunidades — aliás como de costume... — de golo feito. O certo, porém, é que os ovarenenses se bateram com firmeza — até com desespero — fazendo-se valer da sua apreciável organização defensiva.

A marcha do campeonato

(Continuação da página central)

Factos salientes

Os dois primeiros classificados — Benfica e Académica — ganharam, respectivamente, ao Braga e ao Vitória de Setúbal, firmando-se nas respectivas posições, tanto mais que o F. C. Porto, terceiro classificado, deixou um ponto em S. João da Madeira, postando-se a seis pontos dos «encarnados» e a dois dos «estudantes».

Além da Académica, também o

Sporting venceu fora de casa, pois bateu o Beira-Mar em Aveiro. Mercê deste êxito, os «deões» alcançaram os bracaraenses, com quem partilham o quarto lugar.

A luta pela fuga às ultimas posições chegou a um ponto crucial. O Atlético, largamente batido no Restelo (o Belenenses obteve 7 golos!), tem, actualmente, escassas probabilidades de largar a lanterna vermelha. Mas duas das equipas que precedem os alcantarenses — Sanjoanense e Varzim — registaram empates meritórios, dado que o primeiro igualou ante o F. C. Porto e o segundo obteve o mesmo desfecho em Guimarães.

O Belenenses, com os 7-1 infligidos ao Atlético, passou a apresentar «goal-average» favorável: 24-21, o que só acontece com os cinco primeiros.

O ataque do Benfica, ao marcar quatro tentos ao Braga, voltou a ser o mais realizador da prova, com 47 golos, seguido da linha dianteira do F. C. Porto, com 45.

Inversamente, a defesa do Atlético, com 41 golos sofridos, é, de longe, a mais batida do torneio.

ASSEMBLEIA GERAL no Casa Pia A. C....

O Casa Pia A. C. reúne-se amanhã, pelas 21 h., em assembleia geral extraordinária para apreciação e discussão, na especialidade, do projecto de remodelação dos novos estatutos da colectividade.

... e no Rio de Janeiro

A assembleia geral ordinária do Lisboa Clube Rio de Janeiro reúne-se no dia 23, com a seguinte ordem de trabalhos:

Eleição dos corpos gerentes para 1967; discussão e aprovação do relatório e contas da direcção e comunicado da direcção.

Em CASCAIS o «DIÁRIO DE LISBOA», vende-se na PAPELARIA CABRAL DA SILVA, LDA., RUA FREDERICO AROUCA, 1-3.

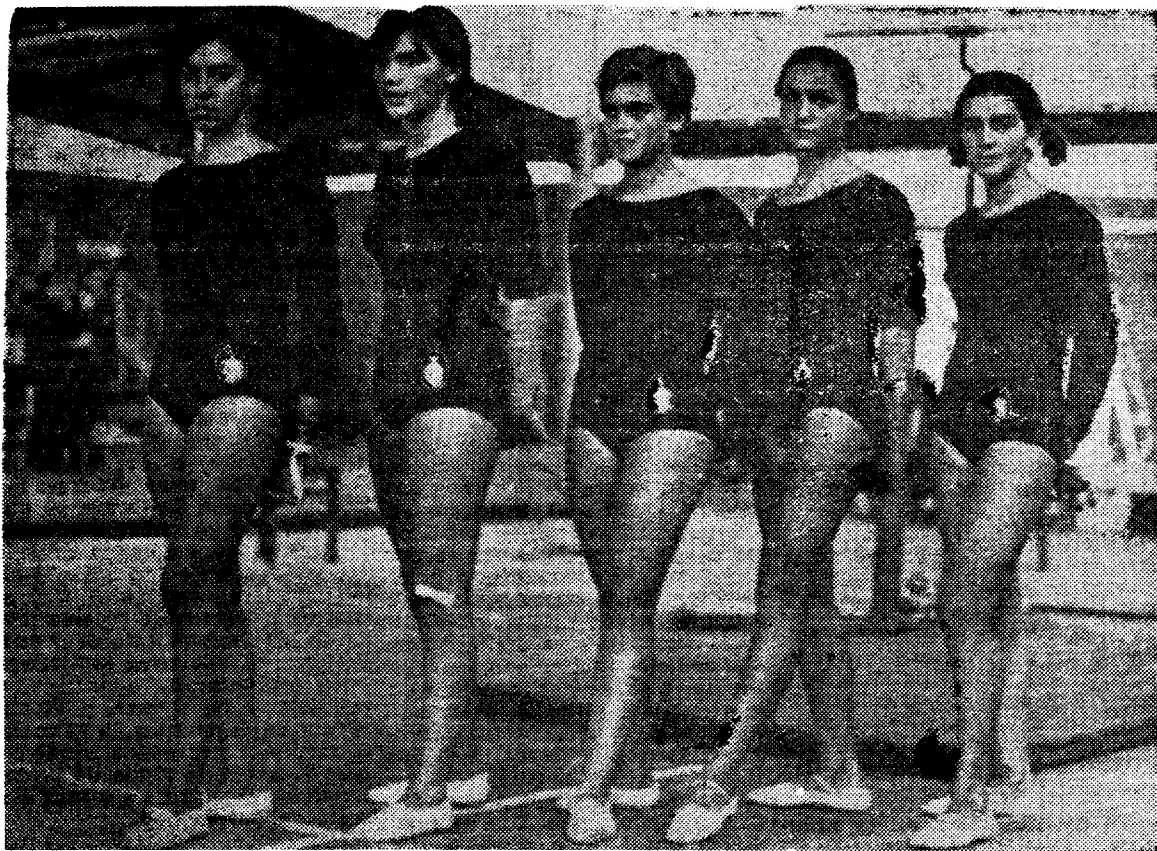
Maior avanço para Vialonga e Livramento na II Divisão

No campeonato da 2.ª Divisão, os dois da frente aumentaram o avanço que possuíam, mercê da derrota sofrida pelo Zambujalense, de quem se aproximou o Arroios.

Resultados:

Santa Iria-Arroios	1-3
Montelavarense-Vialonga	0-2
I. Cruzelro-Zambujalense	1-0
Futebol Benfica-Charneca	0-1
Livramento-Linda-a-Velha	2-1
Ericeirense-Lourel	3-0
Linda-a-Pastora-Oelras	0-3

Classificação: 1.ª, Vialonga, 49 pontos; 2.ª, Livramento, 48; 3.ª, Livramento, 41; 4.ª, Arroios, 40; 5.ª, Santa Iria, 39; 6.ª, Linda-a-Velha, Oelras, Charneca e I. Cruzelro, 38; 10.ª, Fut. Benfica, 34; 11.ª, Linda-a-Pastora, Lourel e Ericeirense, 33; 14.ª, Montelavarense, 30.



As ginastas do Lobito

Nos «Nacionais» de ginástica desportiva vitórias de uma angolana e de um lisboeta

Realizou-se ontem a 2.ª jornada dos Campeonatos Nacionais de ginástica desportiva (3.ª categorias), (senhoras e homens), como na jornada anterior no Pavilhão Gimno-desportivo da Tapada da Ajuda.

O programa foi todo preenchido com a realização dos exercícios obrigatórios que confirmaram qualidades que as definem com sólidas esperanças para a modalidade.

A nova campeã nacional, Maria Manuela de Moraes Martins Contreiras, do Lobito Sports Club, que na 1.ª jornada se classificara em 1.º lugar, em todos os aparelhos, apenas nos exercícios facultativos e de movimentos livres se deixou ultrapassar por Isabel Negreira, do Lisboa Ginásio.

As duas ginastas do Lisboa Ginásio, Ana Maria Santos Miranda e Isabel Negreira, denunciaram qualidades que as definem com sólidas esperanças para a modalidade.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.ª Maria Manuela Moraes Martins Contreiras (Lobito S. C.) 74,081 p.; 2.ª Maria Dolores Pereira dos Santos (Lobito S. C.), 70,198; 3.ª Isabel Maria Negreira (L. G. C.), 69,665; 4.ª Ana Maria dos Santos Miranda (L. G. C.), 68,131; 5.ª Maria Paula Dias Santiago (Lob. S. C.), 66,165; 6.ª Maria Antónia Couto Viana (Lobito S. C.), 65,397; 7.ª Maria Teresa Freire Bandeira (Lob. S. C.) 63,331.

Os exercícios facultativos masculinos proporcionaram alterações na pontuação inicialmente prevista e o novo campeão nacional, João Manuel Carvalho e Cunha, do Lisboa Ginásio, viu a sua posição mais assegurada a partir dos exercícios de movimentos livres, em que o seu mais sério rival, Fernando Braga, se exibiu muito aquém das suas possibilidades, obtendo pontuação muito baixa o entusiasmo, como até agora, na conquista de pontos para o desfecho final.

O Ginásio Clube Português apre-

sentou seis concorrentes com preparação apta à prova e foi o campeão por equipas, com 384,50 pontos. Em 2.º lugar, o Lobito Sports Club com 383,35 p., tendo os discípulos do mestre Sammer revelado excelente contacto com os aparelhos e nível de apreço e exemplar para tantos clubes de todo o País a quem seria possível tornarem-se centros de fomento da ginástica desportiva.

Classificação geral: 1.º, João Manuel de Carvalho e Cunha (L.G.C.) 104,80 p.; 2.º, Arnaldo Costa e Silva (G. C. P.) 103,90; 3.º, Miguel Angelo de Carvalho (Lobito) 102,05; 4.º, José António Mascarenhas (Naut. Guadiana), 102,25; 5.º, Alfredo Mendes de Matos (Sporting), 99,25; 6.º, Fernando Braga (Sporting), 97,60; 7.º, Rubens de Carvalho (Lobito S. C.), 96,75; 8.º, José Luís Gama (Lobito), 94,45; 9.º, Jorge Nicola (G. C. P.), 94,35; 10.º, Helder Osório (G. C. P.), 93,30; 11.º, José Eduardo Guerra (G. C. P.), 92,95; 12.º, José Ferreira Pinto (Lobito S. C.), 89,15; 13.º, José Luís Gomes (G. C. P.), 85,75; 14.º, Joel da Fonseca (G. C. P.), 83,50; 15.º, José Carlos Castro Mota (S. C. Porto), 82,85.

De anotar a presença de um representante do Clube Náutico de Guadiana que, em Vila Real de Santo António, continua a ser eficiente centro de actividades gimnodesportivas.

Igualmente, o Sport Club do Porto prossegue no fomento da educação física e de novo esteve representado nestes «Nacionais».

Numeroso publico, como há muito se não verificava, presenciou as provas, com interesse, curiosidade e com entusiasmo. — L. C.

ge Nicola (G. C. P.), 94,35; 10.º, Helder Osório (G. C. P.), 93,30; 11.º, José Eduardo Guerra (G. C. P.), 92,95; 12.º, José Ferreira Pinto (Lobito S. C.), 89,15; 13.º, José Luís Gomes (G. C. P.), 85,75; 14.º, Joel da Fonseca (G. C. P.), 83,50; 15.º, José Carlos Castro Mota (S. C. Porto), 82,85.

De anotar a presença de um representante do Clube Náutico de Guadiana que, em Vila Real de Santo António, continua a ser eficiente centro de actividades gimnodesportivas.

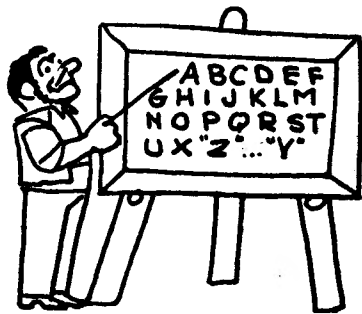
Igualmente, o Sport Club do Porto prossegue no fomento da educação física e de novo esteve representado nestes «Nacionais».

Numeroso publico, como há muito se não verificava, presenciou as provas, com interesse, curiosidade e com entusiasmo. — L. C.



AS SELECÇÕES IDEIAIS: «Z» E «Y» EM VEZ DE «A» E «B»

Aproximam-se, assustadoramente, as datas para a realização dos encontros de futebol a disputar pelas nossas selecções A e B, no campo internacional. A preparação tem sido intensa e de tal forma que aquela coisa de A e B já se confunde e mistura de modo a não se saber qual das duas selecções é a melhor.



No último treino de conjunto os «bês» ganharam, por 3-0, aos «ás». Significará isto abundância de valores no futebol português? Se assim é, porque não se formam mais duas selecções de «cês» e «dês» para ver se os «ás» e «bês» se aguentam no balanço?

Pela ordem natural das coisas, se os «bês» ganharam aos «ás», os «cês» devem ser melhores do que os «bês», e os «dês» melhores do que os «cês» — de onde se conclui que a selecção ideal para Charleroi era a «Y» e para Roma a «Z».

Só rapazes às direitas

Para o dr. José Maria Canhoto não pode haver «rapazes maus» na selecção nacional de juniores. Por muito bons que eles sejam a mexer na borracha, se não forem também leais, disciplinados e compreensivos... não têm lugar na selecção. Assim procedeu o dr. Canhoto, recentemente, em relação a um elemento que não se mostrou desejável. Apesar do seu apelido não indicar... para o dr. Canhoto, só rapazes às direitas!

Promoção

Não há como o futebol para uma rápida promoção. De afères na vida militar, Maló passa a «capitão» na selecção nacional que, depois de amanhã, defronta a Bélgica.



EM BRUXELAS, A SELECÇÃO «B»

Num avião da TAP, que saiu do Aeroporto da Portela às 14 e 40 e que faz escala em Genebra, seguiu para a Bélgica a selecção nacional B. A chegada a Bruxelas está prevista para as 19 e 45.

A comitiva portuguesa, que ficará instalada na capital belga, de onde partirá para Charleroi só no dia do encontro (quarta-feira), é constituída pelos seguintes elementos: Francisco Retorta e Mário Monteiro (directores); Afonso Lacerda (secretário-geral da F. P. F.); Júlio Pereira, «Juca» (responsável); dr. Silva Rocha (médico), Hamil-

ton Pena (massagista) e Vitor Moraes (funcionário federativo); Maló («cap»), Rui Rodrigues, Celestino, Gervásio, Vitor Campos, Ernesto, Serafim e Artur Jorge (Académica); Gonçalves e Peres (Sporting); Rosas (Leixões); Rodrigues (Belenenses); Joaquim Jorge (Guimarães); Mário (Braga); João Carlos (Atlético) e Nelson (Benfica).

Amanhã, os seleccionados farão um ligeiro treino em Bruxelas e Juca irá a Charleroi observar o terreno do jogo.

O encontro efectua-se às 19 e 30.

O «SELF-SERVICE» AO SERVIÇO DO BENFICA

Pierre Lameigniere, redactor do «Minoir Sprint», reconhece que Riera é um excelente técnico de futebol e que o seu sistema de quatro em linha na defesa constitui uma magnífica arma. Interrogado sobre os riscos desse sistema no tocante a passarem em claro alguns «foras de jogo», respondeu fazendo uma curiosa comparação: «Talvez... mas também nos «self-service» passam muitos clientes sem pagar e, ao fim, os donos dos estabelecimentos têm lucros fabulosos».

Parece que o jornalista francês tem razão. Com o seu sistema de «self-service», o treinador Riera já quase ganhou o campeonato. O sirva-se a si próprio ainda ontem deu um resultado ao Eusebio, que se serviu de quatro golos para quase assegurar a conquista de mais uma «Bola de Prata».

E agora digam lá se o «self-service» ao serviço do Benfica não tem sido uma grande coisa!

Adivinha

Isolado no comando da classificação com seis pontos de avanço — o Tirsense parece ter assegurado o seu ingresso, na próxima época, na I Divisão.

Qual dos «grandes» clubes é o que a companhia do Tirsense traz mais recordações?



Texto de HENRIQUE PARREIRÃO e ilustrações de PARGANA